

## COLÉGIO PEDRO II

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura  
Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica

Pedro Henrique Oliveira Gomes

**O USO DO DOCUMENTÁRIO NO CONTEXTO DA  
APRENDIZAGEM COLABORATIVA CRÍTICA:**  
Construindo um dispositivo pedagógico para professores e  
professoras da educação básica

Rio de Janeiro  
2019



Pedro Henrique Oliveira Gomes

**O USO DO DOCUMENTÁRIO NO CONTEXTO DA APRENDIZAGEM  
COLABORATIVA CRÍTICA:**  
Construindo um dispositivo pedagógico para professores e professoras da educação básica

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Práticas de Educação Básica.

Professora Orientadora: Profa. Dra. Esther Kuperman.

Rio de Janeiro  
2019

**COLÉGIO PEDRO II****PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA****BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER****CATALOGAÇÃO NA FONTE**

G633 Pedro Henrique Oliveira Gomes

O uso do documentário no contexto da aprendizagem colaborativa crítica: construindo um dispositivo pedagógico para professores e professoras da educação básica / Pedro Henrique Oliveira Gomes. – Rio de Janeiro, 2019.

149 f.

Inclui produto educacional: “Dispositivo pedagógico: o uso do documentário no contexto da aprendizagem colaborativa crítica”.

Dissertação (Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica) – Colégio Pedro II. Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Esther Kuperman.

1. Geografia – Estudo e ensino. 2. Aprendizagem colaborativa. 3. Aprendizagem crítica. 4. Letramento. 5. Mídia. I. Kuperman, Esther. II. Título.

CDD 910

Pedro Henrique Oliveira Gomes

**O USO DO DOCUMENTÁRIO NO CONTEXTO DA APRENDIZAGEM  
COLABORATIVA CRÍTICA:**

Construindo um dispositivo pedagógico para professores e professoras da educação básica

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Práticas de Educação Básica.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dra. Esther Kuperman (Orientadora)  
Colégio Pedro II

---

Prof. Dr. Rogério Costa Neves  
Colégio Pedro II

---

Prof. Dr. Aristóteles Berino  
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro  
2019

À minha mãe Maria Helena, ao meu pai Pedro, à minha irmã Amanda, à minha esposa e companheira Luane e a todos os professores e professoras que lutam por uma educação verdadeiramente humana.

## AGRADECIMENTOS

Depois de uma longa e desafiadora jornada de mestrado, meu grande desejo é agradecer a todos e todas que me incentivaram e ajudaram nesse projeto coletivo de cunho individual.

À minha mãe Maria Helena, agradeço pela crença e palavras de incentivo ao longo da minha vida escola e profissional. Sempre acreditou no meu potencial e fez de tudo para garantir o mínimo para o meu desenvolvimento escolar quando criança e jovem.

À minha irmã Amanda, agradeço pela torcida e desejo em colaborar com o projeto.

À minha amada esposa Luane, que compreendeu as minhas ausências e finais de semana domésticos e que me ajudou nos momentos de angústia com palavras de incentivo, com afeto, amor e chamegos.

Aos meus colegas e amigos e amigas de trabalho, pela parceria, pela troca de experiências e pensamentos e pela escuta em momentos de tensão. Um agradecimento especialíssimo para Jade Moura, Rita, Mari Hue, Quedienne, Rosi e Diana pela parceria no trabalho de coordenação pedagógica.

Aos amigos da vida, pelos sorrisos, pelas conversas fiadas, pelas prosas na Livraria Belle Époque e na praça do Leão Etíope do Méier. Ao grande camarada Ivan, meu agradecimento pela escuta errante. Aos camaradas Pedro Rajão, Deborah, Karol e Bernardo, do Leão Etíope do Méier, pela compreensão com o meu afastamento do projeto. Desejo vida longa para a Belle Époque e o Livreiro Errante e muito mais ações coletivas nas praças cariocas, especialmente, na praça do Méier com a alcateia suburbana do Leão.

Agradeço enormemente a turma do mestrado pela ajuda mútua, pela escuta, pelo colo e pelas gargalhadas em nossos encontros dentro e fora do Colégio Pedro II. É lindo de ver e ouvir o movimento de apoio e incentivo entre os mestrados da turma para todos atingirem o objetivo comum: ser mestres, mestras, professores e professoras mais qualificadas para a educação brasileira.

Agradeço pela parceria, paciência e palavras de incentivo da minha orientadora Esther Kuperman e pelo suporte teórico e afetivo dado por toda a equipe de professores e professoras do Programa de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica.

“Ela está no horizonte – diz Fernando Birri. – Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais a alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para caminhar.”

Eduardo Galeano, Janela sobre a utopia. In: As Palavras Andantes. Porto Alegre: L&PM, 2017, p. 310.

## RESUMO

GOMES, Pedro Henrique Oliveira. **O uso do documentário no contexto da aprendizagem colaborativa crítica:** construindo um dispositivo pedagógico para professores e professoras da educação básica. 2019. 142 f. Dissertação (Mestrado) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Programa de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica, Rio de Janeiro, 2019.

Qual é o valor dado pelos professores e pelas professoras para o uso do documentário na sala de aula? Que facilidades e dificuldades existem para o seu uso? Quais são as possibilidades para o seu uso no contexto da aprendizagem colaborativa crítica? Com base nessas perguntas, realizou-se uma pesquisa qualitativa com professores no Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica no Colégio Pedro II. O laboratório de investigação foi um curso de extensão voltado para 11 profissionais da educação básica apoiado numa pesquisa qualitativa de estudo de caso. Por meio dos dados e informações oferecidas pelos participantes e de um arcabouço teórico sobre os paradigmas emergentes da educação, foi elaborado um dispositivo pedagógico para inspirar professores e professoras para o uso do documentário na sala de aula dentro do contexto da aprendizagem colaborativa crítica. O referencial teórico envolveu reflexões a partir do conceito de aprendizagem colaborativa de Marilda Behrens, a perspectiva crítica de educação de Paulo Freire e Henry Giroux e a concepção sobre o uso do cinema na escola de Marcos Napolitano. O desafio da pesquisa foi, a partir das respostas dos professores e professoras, elaborar uma proposta pedagógica na qual o documentário é usado como um detonador pedagógico para a construção de uma teia de conhecimento, para o letramento midiático e, conseqüentemente, para o desenvolvimento da aprendizagem colaborativa crítica. Portanto, este dispositivo pedagógico é fruto do diálogo estabelecido entre os sujeitos da pesquisa atuantes na educação básica, buscando-se resolver as dificuldades e aproveitando-se das possibilidades de uso mencionadas por eles. Espera-se que o dispositivo não seja encarado como uma receita ou guia, e sim como um objeto pedagógico para inspirar novas práticas docentes.

**Palavras-chave:** Aprendizagem Colaborativa Crítica; Letramento midiático; Documentário; Abordagem progressista; Ensino pela pesquisa.

## ABSTRACT

GOMES, Pedro Henrique Oliveira. **The use of the documentary in the context of critical collaborative learning**: creation of a pedagogical device for teachers and teachers of basic education. 2019. 142 f. Dissertação (Mestrado) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Programa de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica, Rio de Janeiro, 2019.

What is the value given by teachers to the use of documentary in the classroom? What facilities and difficulties are there for its use? What are the possibilities for its use in the context of critical collaborative learning? Based on these questions, conduct a qualitative research with teachers at the Professional Master's Degree in Basic Education Practices at Pedro II College. The research lab was an extension course for 11 basic education professionals supported by a qualitative case study. Through the data and information provided by participants and a theoretical framework on the emerging paradigms of education, a pedagogical device for teachers and teachers inspired to use the document in the classroom within the context of collaborative learning was developed. The theoretical framework involves reflections from the concept of collaborative learning by Marilda Behrens (2000), a critical perspective of the education of Paulo Freire (1996; 2013) and Henry Giroux (1997) and an idea about the use of cinema in the school of Marcos Napolitano (2009). The challenge of the research was, from the teachers' answers, to elaborate a qualified or documentary pedagogical proposal is used as pedagogical detonator for the construction of a knowledge theory, for high school and, consequently, for the development of critical collaborative learning. Therefore, this pedagogical device is the result of the dialogue established between the subjects of the research conducted in basic education, seeking the resolver as difficulties and taking advantage of the possibilities of use mentioned by them. It is expected that the device is not viewed as a recipe or guide, but as a pedagogical object to inspire new teaching practices.

**Keywords:** Critical Collaborative Learning; Media literacy; Documentary; Progressive approach; Teaching through the research.

**LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 – Plano de trabalho do primeiro encontro do curso de extensão .....	50
Quadro 2 – Tipos de documentários .....	54
Quadro 3 – Linguagem cinematográfica .....	55

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>1.1. Objetivos.....</b>	<b>15</b>
1.1.1. Objetivo Geral.....	15
1.1.2. Objetivos Específicos .....	15
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO E CONCEITUAL .....</b>	<b>16</b>
2.1. Caminhos para uma aprendizagem colaborativa crítica .....	16
2.2. Referenciais da aprendizagem colaborativa crítica .....	18
2.3. O documentário na escola: caminhos para uma aprendizagem colaborativa crítica. ....	25
2.3.1. O cinema na escola.....	27
2.3.2. O documentário na sala de aula.....	31
2.3.3. Caminhos para o uso do documentário no contexto da aprendizagem colaborativa crítica. ....	34
<b>3. METODOLOGIA.....</b>	<b>38</b>
3.1. Metodologia de análise de dados .....	41
<b>4. ANÁLISE E RESULTADOS AVALIATIVOS DA APLICAÇÃO .....</b>	<b>43</b>
4.1. Traçando o perfil do grupo .....	43
4.2. Letramento midiático na escola .....	46
4.2.1. O documentário e a construção do conhecimento.....	46
4.2.2. O documentário e o letramento midiático.....	50
4.3. Por práticas colaborativas na sala de aula.....	58
4.4. Ser dialógico na escola. ....	64
4.5. Construindo um produto educacional a partir das necessidades docentes.....	67
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>69</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>72</b>
<b>APÊNDICE A – Formulário eletrônico.....</b>	<b>75</b>
<b>APÊNDICE B – Notas reflexivas .....</b>	<b>80</b>

<b>APÊNDICE C – Planos de trabalho .....</b>	<b>82</b>
<b>APÊNDICE D – Notas reflexivas elaboradas .....</b>	<b>89</b>
<b>APÊNDICE E – Fórum de discussão – Módulo 01 .....</b>	<b>100</b>
<b>APÊNDICE F – Fórum de discussão do Módulo 02 .....</b>	<b>106</b>
<b>PRODUTO EDUCACIONAL .....</b>	<b>109</b>

## 1. INTRODUÇÃO

É um grande desafio a proposta de desenvolver ideias a respeito de recursos didáticos e estratégias para o processo de ensino-aprendizagem. No contexto tradicional, falar em recursos didáticos é problemático quando a discussão supervaloriza a aula expositiva. Pensar em estratégias de aprendizagem é enfrentar frequentemente o discurso das “receitas” técnicas de como dar uma boa aula, o que termina por levar a uma resistência em colocar o tema como pauta de discussão. No entanto, diante do avanço das novas tecnologias e da maior facilidade de acesso a informação, torna-se importante a reflexão sobre os recursos e as estratégias didáticas.

Na literatura especializada, constata-se que o modelo tradicional de escola centrado na figura do professor e na valorização da racionalidade, da objetividade e na decomposição do todo em partes fragmentadas não dão conta das novas dinâmicas sociais. Atualmente, os paradigmas emergentes da educação apontam para a escola como espaço para formar pessoas com grandes possibilidades de acesso à informação, envolvidas em dinâmicas sociais marcadas pela ação coletiva, por novas estratégias de comunicação e por novos campos de formação e atuação conectados por saberes e competências diversas (BEHRENS, 2005).

Em contextos favoráveis, o desenvolvimento de novas tecnologias de comunicação cria condições para o auto aprendizado, a formação de comunidades de aprendizagem e a constituição de redes de produção do conhecimento. Neste sentido, a escola, os docentes e os estudantes são despertados para mudarem suas práticas e as formas de apropriação do espaço e do tempo escolares. No entanto, é importante reconhecer as desigualdades no acesso à informação e às tecnologias e pensar quais estratégias, objetos de aprendizagem e metodologias que poderiam ser exploradas nos diferentes contextos educacionais.

Assim, a presente pesquisa parte de uma série de princípios para o seu desenvolvimento. Primeiro, valoriza a escola como um espaço de experiência coletiva. Segundo, identifica a necessidade de superação da centralidade do livro didático como recurso didático na escola e a busca por outros recursos, como o vídeo documentário. Terceiro, considerando os paradigmas emergentes da educação, torna-se importante repensar e desenvolver práticas educativas mais colaborativas e críticas na escola diante de um mundo marcado cada vez mais pelo individualismo e impessoalidade.

A proposta da pesquisa é analisar os usos do documentário num contexto de aprendizagem colaborativa crítica a partir da visão dos participantes de um curso de extensão.

Ele será voltado para educadores e educadoras do ensino básico com o intuito de contribuir para a formação docente numa perspectiva de reconstrução da prática pedagógica apontada por Demo no livro *Professor do Futuro e Reconstrução do Conhecimento*. O curso de extensão será um laboratório para a reflexão sobre os paradigmas emergentes da educação e para a construção de práticas pedagógicas com uso de documentários num contexto de aprendizagem colaborativa crítica. Além de contribuir para a formação docente, as respostas dos sujeitos da pesquisa serão objetos de análise para a construção do produto educacional – um dispositivo pedagógico para inspirar professores e professoras da educação básica para o uso do documentário em sala de aula.

O objetivo central é analisar de que forma o documentário pode ser um detonador pedagógico para a aprendizagem colaborativa crítica. Para isso, pretendemos reconhecer as características gerais da aprendizagem colaborativa crítica; identificar a importância do documentário como recurso didático na educação básica; e verificar as formas de uso do documentário na escola pelos professores com a identificação das facilidades e das dificuldades encontradas por eles para o seu uso na escola.

Ao analisar a literatura sobre o assunto, constatamos que o vídeo documentário é majoritariamente utilizado como um objetivo-fim no processo de aprendizagem e não um objeto de estudo no processo de aprendizagem, como é considerado o livro didático. Assim, a pesquisa torna-se relevante, inicialmente, para despertar novos olhares para o processo de ensino-aprendizagem num viés mais crítico, reflexivo e colaborativo e uma oportunidade para professores e professoras refletirem sobre as suas estratégias de aprendizagem e métodos de ensino.

Na primeira parte do referencial teórico, buscamos descrever as principais características da aprendizagem colaborativa crítica, ao refletir sobre os conceitos de aprendizagem e conhecimento; e ao desenvolver teoricamente as vertentes do paradigma emergente da educação no que se refere ao ensino pela pesquisa e a abordagem progressista. Com base no pensamento de Giroux (1997) e de Freire (1996), refletimos sobre a importância da educação como ato político e como um processo pautado pela ação dialógica.

Na segunda parte, discutiu-se a relação entre cinema e educação, destacando as possibilidades para o uso do vídeo-documentário na sala de aula (NAPOLITANO, 2009; DUARTE, 2002). Com referência às características da aprendizagem colaborativa crítica, buscou-se criar caminhos e propostas de trabalho, bem como de técnicas de ensino, a partir do uso do documentário como detonador pedagógico.

No capítulo seguinte, é definido o desenho metodológico utilizado em nossa pesquisa para investigar qual é o valor dado pelos professores para o uso do documentário na sala de aula e quais são as dificuldades encontradas para o seu uso num contexto de aprendizagem colaborativa crítica. Com base nos escritos de Alves (1991), Santos (2000) e Godoy (1995), adotamos a pesquisa qualitativa e o estudo de caso como caminho metodológico.

Por fim, no último capítulo, analisamos os dados coletados por meio de formulário eletrônico, do fórum de discussão na plataforma Moodle, das notas reflexivas produzidas pelos sujeitos da pesquisa e das observações durante o curso de extensão registradas no diário reflexivo do pesquisador. Com base nessas reflexões, produzimos o produto educacional a partir das necessidades relatadas pelos sujeitos da pesquisa.

## **1.1. Objetivos**

A partir das questões norteadoras propostas, delineamos os objetivos a serem atingidos nesta pesquisa.

### **1.1.1. Objetivo Geral**

Analisamos as facilidades e dificuldades para o uso do documentário na sala de aula por parte dos sujeitos da pesquisa – professores e professoras da educação participantes do curso.

### **1.1.2. Objetivos Específicos**

Como objetivos secundários, buscamos:

1. Descrever as principais características da aprendizagem colaborativa crítica;
2. Identificar a importância do documentário nas práticas educativas;
3. Avaliar a percepção dos professores para o uso do documentário num contexto de aprendizagem colaborativa crítica.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO E CONCEITUAL

### 2.1. Caminhos para uma aprendizagem colaborativa crítica

No dicionário Michaelis, o termo aprendizagem é definido por processo por meio do qual uma nova informação é incorporada à estrutura cognitiva do indivíduo, por se relacionar a um aspecto relevante dessa estrutura. Esse novo conteúdo poderá modificar aquele já existente, dando-lhe outros significados. Com base no sentido objetivo do termo, três ideias chamam atenção: a aprendizagem envolve processo (tempo, técnica, experiência e metodologia); nela, busca-se nova informação (conteúdos conceituais, factuais, procedimentais e/ou atitudinais); e com ela, objetiva-se transformar o indivíduo e suas ideias através da aquisição de novos conhecimentos. Logo, a aprendizagem envolve análise, comparação e síntese de informações, ideias e pensamentos na construção do conhecimento.

O processo de aprendizagem é algo complexo que envolve diferentes relações: educando-educando, educando-educador, educando-sociedade, tempo-espaço, processo histórico-pedagógico, teorias da aprendizagem, filosofias e pensamentos, abrangendo as ideologias (de estudantes e professores) em todos os segmentos do conhecimento humano. Assim, torna-se complexo definir o que é aprendizagem sem considerar diferentes dimensões do desenvolvimento humano e intelectual do indivíduo na família, na escola e na sociedade em que vivem.

De acordo com Gadotti (1999), a experiência nos faz ver que em tudo na vida é preciso amadurecimento para entender um processo que é maior que a nossa existência: o processo educacional é e sempre será um processo histórico-pedagógico. Isto porque ele transcende nossa condição de existência e vai muito além das fronteiras do nosso conhecimento. Assim, como processo, a aprendizagem envolve:

- a. A categoria experiência, quando consideramos que as pessoas elaboram novos conhecimentos a partir das experiências e vivências de mundo. O sentido das coisas das atividades permanentes de intercâmbio de uma mente com um corpo que vive num ambiente. Para pensar a experiência no processo de aprendizagem, parte-se da consideração de Dewey (1979) sobre a experiência como algo fundamental no processo de cognição. De acordo com o pesquisador, o foco principal do seu pensamento é a ênfase no relacionamento entre experiência, reflexão crítica e aprendizagem. Ele acreditava na existência de uma conexão orgânica entre educação e experiência, apoiada sobre o conhecimento relevante, o qual modifica a perspectiva, a atitude e a competência do indivíduo (DEWEY, 1979).

b. A categoria tempo, quando admite a aprendizagem como produto de conhecimentos construídos ao longo da história do indivíduo e da sociedade, levando em consideração as formas de ver e compreender o mundo a cada tempo histórico. Ou seja, um dos objetivos do processo de aprendizagem é reconhecer como sujeitos históricos a partir da leitura da palavra e do mundo em que se vive, o que envolve uma educação mediada pela cultura e pela política. Assim, em Freire (2003, p. 159), reconhece-se a complexidade da aprendizagem: “saber melhor significa precisamente ir além do senso comum a fim de começar a descobrir a razão de ser dos fatos [...] começando de onde as pessoas estão, ir com elas além desses níveis de conhecimento sem transferir o conhecimento”.

c. As categorias técnica e método fazem parte de uma relação indissociável mediada pela concepção de educação acerca do processo de aprendizagem. Falar em técnica é pensar em ação pedagógica associada a uma tecnologia dentro de um contexto teórico-metodológico do processo de aprendizagem. Falar em técnica não é falar apenas em aplicar um instrumento para tornar acessível um conhecimento ou para facilitar um processo de aprendizagem. É pensar em possibilidades que possam tornar a ação do educador mais apropriada para os seus objetivos pedagógicos ou para a construção dos conhecimentos. Assim, partimos das ideias de Araújo (1991, p. 25), inspirado por diferentes reflexões (MIALARET, 1977; PAULO, 1988; VASCONCELOS, 1988 e CANDAU, 1988) para pensar as técnicas como algo que intermediam as relações entre educador e o educando, como mediações, ou condições necessárias e favoráveis mas não suficientes do processo de ensino-aprendizagem. Ou seja, as técnicas de ensino apresentam: um caráter instrumental; encarnam os princípios pedagógicos, instrucionais, educacionais e políticos que a sustentam; é tecida e envolvida por determinados ideais educativos; está subordinada ao método (entendido como um conjunto de processos de que o indivíduo lança mão para se atingir um determinado fim). Em resumo, as técnicas são mediadas pela intencionalidade do educador na busca de um processo de aprendizagem dentro da sua concepção de educação e com a finalidade de tornar acessível o processo de construção do conhecimento (ARAÚJO, 1991).

Com base nessas características, o processo de aprendizagem é marcado pela transformação da informação em conhecimento. Levy (1999) aponta que as pessoas recebem as informações através dos sentidos (visão, tato, olfato, audição e paladar), pelos diversos meios de comunicações, das sensações, das emoções, das motivações, da experiência com o mundo;

e o cérebro processa essas informações, transformando-as em conhecimento. Quando essas informações passam a fazer parte do conhecimento é, então, que se pode dizer que houve aprendizagem. Desta forma, a experiência com o mundo e a reflexão crítica acerca do mundo nos ajudam na construção do conhecimento. Mais do que um conceito, o conhecimento é fruto da interação entre os fatos, os procedimentos e as atitudes pensadas e repensadas sobre o mundo no qual as pessoas vivem e se reproduzem.

Considerando o conhecimento como um produto social, cultural e político, ele está em constante transformação, colocando desta forma indivíduos e sociedade em constante processo de reelaboração de conhecimentos. Sendo assim, o conhecimento e a aprendizagem envolvem embate, diálogo e parceria. Num célebre pensamento do livro *Pedagogia do Oprimido*, Paulo Freire destaca que não seria possível uma educação problematizadora sem diálogo e parceria (2013, p. 25):

[...] o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas.

Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. [...]

Partindo da compreensão de aprendizagem e conhecimento descritos anteriormente, quando reconhecemos nas palavras de Paulo Freire a necessidade da parceria e do diálogo no processo educativo, nas próximas seções, desenvolvemos o nosso entendimento sobre aprendizagem colaborativa crítica.

## **2.2. Referenciais da aprendizagem colaborativa crítica**

Ao pensar sobre a educação contemporânea, reconhece-se a necessidade de superar o modelo de educação bancária tão questionada nos escritos de Paulo Freire, especialmente nas obras *Pedagogia do Oprimido* (2013) e *Pedagogia da Autonomia* (1996). Admitir a educação como mera transmissão de conteúdos conceituais e o processo de aprendizagem como algo instrucional voltado para o treinamento é minimizar o potencial do encontro e do diálogo marcado pela intensa relação entre os sujeitos da educação, especialmente entre estudantes e professores. Assim, nesta seção, o grande objetivo é levantar reflexões sobre como podemos desenvolver processos de aprendizagem menos individualistas e mais coletivos, menos competitivos e mais colaborativos e cooperativos.

Com base nessas inquietações, como podemos pensar em um processo de aprendizagem marcado pela colaboração? Quais seriam as características e caminhos para uma aprendizagem colaborativa? Qual é o papel da ação dialógica neste processo? Que concepção de educação é essa?

Para iniciar a reflexão, partimos da reflexão sobre a teoria da ação dialógica de Paulo Freire (2013, p. 226), na qual ele destaca que:

Enquanto na teoria da ação antidialógica a conquista, como sua primeira característica, implica um sujeito que, conquistando o outro, o transforma em quase 'coisa', na teoria dialógica da ação, os sujeitos se encontram para a transformação do mundo em co-laboração.

O eu antidialógico, dominador, transforma o tu dominado, conquistado, num mero 'isto'.

O eu dialógico, pelo contrário, sabe que é exatamente o tu que o constitui. Sabe também que, constituído por um tu - um não eu -, esse tu que o constitui se constitui, por sua vez, como eu, ao ter no seu eu um tu. Desta forma, o eu e o tu passam a ser, na dialética destas relações constitutivas, dois tu que se fazem dois eu.

Não há, portanto, na teoria dialógica da ação, um sujeito que domina pela conquista e um objeto dominado. Em lugar disto, há sujeitos que se encontram para a pronúncia do mundo, para a sua transformação.

Ao defender uma ação dialógica e colaborativa na prática educativa, busca-se assumir o desafio de criar condições para os indivíduos refletirem sobre a importância do outro e da comunhão nas práticas sociais com vistas para a transformação das diferentes realidades. Desta forma, apontar para uma aprendizagem colaborativa é trilhar por experiências e práticas que prezam pela coletividade e pela alteridade. No entanto, precisamos investigar e definir bem o que é essa aprendizagem colaborativa, especialmente, numa perspectiva crítica.

A aprendizagem colaborativa, ou a aprendizagem cooperativa, não são práticas educativas recentes e resultam de estudos realizados por grandes pensadores da educação e correntes do pensamento pedagógico, como Jean Piaget e Lev Vygotsky como precursores do Construtivismo e Sociointeracionismo; John Dewey e a Escola Nova; e Paulo Freire e a teoria da ação dialógica.

Para Arends (1995), a origem da aprendizagem cooperativa remonta a Grécia Antiga e o seu desenvolvimento contemporâneo sob a responsabilidade dos primeiros psicólogos educacionais e teóricos da pedagogia do início do século XX. No entanto, cabe destacar que a aprendizagem colaborativa ganhou espaço recente nas discussões educacionais com a implantação das novas tecnologias de comunicação e informação, o que, de alguma forma, facilita os processos de colaboração na construção do conhecimento.

Na aprendizagem colaborativa, o conhecimento é entendido como uma construção social, a partir da interação entre as pessoas. Com base nisso, muitos estudiosos entendem tais práticas como contribuição para a formação profissional e para o mercado de trabalho (GAILLET, 1994; LAENG, 1973; JOHNSON & JOHNSON, apud GILLIAM, 2002). Porém, a compreensão de aprendizagem colaborativa neste trabalho é algo que vai além da formação profissional. Investe-se numa compreensão dos escritos de John Dewey (1916), na qual propõe que em ambiente escolar sejam reproduzidas situações sociais que preparem os estudantes para exercer a democracia, ou melhor, para fazer a política da vida cotidiana. Ao pensar os procedimentos de sala de aula, Dewey (1995, p. 365) “ênfatizava a organização de pequenos grupos de resolução de problemas, constituídos por alunos que procuravam as suas próprias respostas e aprendendo os princípios democráticos, através da interação diária de uns com ou outros.”.

Afinal, o que é a aprendizagem colaborativa? Na literatura especializada (Freitas e Freitas, 2003; BEHRENS, 2002), as práticas de aprendizagem colaborativa assumem diferentes caracterizações, dinâmicas e resultados para cada contexto aplicado. De forma objetiva, trata-se de um processo de aprendizagem que envolve duas ou mais pessoas que aprendem ou tentam aprender algo juntas. Para provocar a interação e o diálogo, são desenvolvidas estratégias de aprendizagem, adotados recursos didáticos e exploradas habilidades que possam contribuir para a construção do conhecimento. A relação com a alteridade, a ação dialógica e a colaboração entre os indivíduos são as marcas deste processo. Assim, num contexto escolar, a aprendizagem colaborativa seria marcada por duas ou mais pessoas atuando em grupos de trabalho com objetivos compartilhados, auxiliando-se mutuamente na construção do conhecimento. Os estudantes assumem papel ativo, tanto em relação aos colegas de turma, quanto em relação ao professor. O professor não será apenas um transmissor de informação, mas também um gestor do conhecimento ao desenvolver certa curadoria das situações de aprendizagem que possam motivar as relações entre os estudantes e entre os estudantes e os professores.

Para desenvolver práticas colaborativas, os professores devem criar estratégias que provoquem seus estudantes para o desenvolvimento de uma inteligência coletiva ou colaborativa. De acordo com Kenski (2012, p. 112), em referência aos ambientes virtuais de aprendizagem, as atividades virtuais colaborativas põem em prática os princípios da inteligência coletiva, apontados por Pierre Lévy (1999, p. 130), que correspondem a “reunião em sinergia dos saberes, das imaginações, das energias espirituais (...) de um grupo humano constituído como comunidade virtual”. Para o desenvolvimento da inteligência coletiva ou colaborativa, é necessário o professor transformar a escola e o processo educativo característico

da educação tradicional. Ao invés de metodologias que centram no conteúdo e na figura do professor, precisam-se criar estratégias que explorem a aprendizagem, visando a autonomia do estudante. Com isso, para uma verdadeira educação pautada na participação, cooperação e colaboração, adotamos o caminho e a discussão dos paradigmas emergentes da educação apontados pela pesquisadora Marilda Aparecida Behrens (1999).

Ao refletir sobre projetos de aprendizagem colaborativa, Behrens (2000) aponta para a necessidade de criar mecanismos para formação de estudantes com uma nova postura discente. Nessa nova postura, os estudantes passam a ser descobridores, transformadores e produtores de conhecimento através de metodologias ativas propostas pelos professores. Ou seja, de acordo com a pesquisadora, a qualidade e a relevância da produção dependerão das habilidades desenvolvidas pelos estudantes na escola com vistas para a construção do conhecimento, de forma coletiva, interativa e colaborativa. Eles desenvolveriam múltiplas inteligências, que vão além das linguísticas e do raciocínio matemático que a escola tradicional oferece. Para ela, a escola é o ambiente privilegiado para o desenvolvimento das oito inteligências apontadas por Gardner (1994): espacial, interpessoal, intrapessoal, cinestésico-corporal, linguística ou verbal, lógico-matemática, musical e naturalista. Além disso, ela indica que é importante o desenvolvimento da inteligência emocional, baseada nos estudos de Goleman (1996), para desencadear a formação do indivíduo na vida social. Como parceiros, numa interação constante, professores e estudantes assumem cada um o seu papel para a construção do conhecimento coletivo. O desafio do professor será orientar, mediar e gerir o processo de aprendizagem, contemplando as múltiplas inteligências e o estudante assumiria os desafios propostos pela ação docente. Behrens (2000) complementa que, como usuário da rede de informações, o estudante deverá ser iniciado na atividade de pesquisa e investigação, com o desenvolvimento de uma série de conteúdos procedimentais para a pesquisa na escola.

Para Behrens (2000, p. 76), na valorização de uma abordagem pedagógica que privilegia a aprendizagem colaborativa, será preciso o investimento de professores e gestores da educação para a promoção de projetos criativos e desafiadores.

Redimensionar a metodologia oferecida dentro da sala de aula demanda contemplar atividades que ultrapassem as paredes das salas de aula, dos laboratórios e dos muros das universidades. As atividades desafiadoras para responder as problemáticas existentes necessitam da criação de espaços virtuais e presenciais dentro e fora da universidade. A abertura para contatos pela rede informatizada, que poderá ocorrer do professor para o professor, do professor para o aluno, dos alunos entre si, e dos alunos e professores com os usuários da rede, propicia a inserção no universo mundial da informação (BEHRENS, 2010, p. 76).

Apesar da autora apontar os espaços virtuais como possibilidade, nosso intuito aqui é pensar nas possibilidades de projetos desafiadores nos encontros presenciais. Que estratégias podem ser adotadas? Que ações podem ser realizadas para a troca de experiências, para conhecer o outro, para socializar o conhecimento? Desenvolver projetos de pesquisa e promover rodas de conversa podem ser as possibilidades para tal empreitada, o que acarreta a responsabilidade para os professores pensarem em metodologias, dinâmicas e temas geradores que animem as ações coletivas.

Na valorização dos projetos criativos e desafiadores dentro dos paradigmas emergentes da educação, precisa-se de especial atenção para abordagem do ensino pela pesquisa. De acordo com Behrens (2010, p. 87), o ensino pela pesquisa pode provocar a superação da reprodução para a produção do conhecimento, com autonomia, espírito crítico e investigativo. Ela considera a pesquisa como princípio educativo, portanto o aluno e o professor tornam-se pesquisadores e produtores dos seus próprios conhecimentos. Nesse movimento, a escola assume a função do desenvolvimento dos quatro pilares da aprendizagem colaborativa (aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser), conforme o Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, no qual aponta como principal consequência da sociedade do conhecimento a necessidade de uma educação continuada. Com efeito, o pesquisador Jacques Delors (1996, p. 89) reflete sobre os pilares da educação e destaca a importância da educação ao longo da vida: “À educação cabe fornecer, de algum modo, os mapas de um mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permite navegar através dele”. De certa forma, é preciso mostrar para crianças, jovens e adultos que na vida temos uma constante busca por “mapas” e “bússolas” para compreender a complexidade do mundo em cada contexto histórico. Por meio da pesquisa como princípio educativo, é possível instrumentalizar e provocar professores e estudantes para a busca constante pelo conhecimento.

Ao considerar a pesquisa como princípio educativo, de acordo com os estudos de Pedro Demo (1996), o estudante irá mergulhar no prazer de descobrir, de investigar, de ter curiosidade, de construir e reconstruir o conhecimento. Aprender a conhecer implica em aprender a aprender, compreendendo a aprendizagem como um processo que nunca será acabado. Segundo Gadotti (2000, p. 251), aprender a conhecer implica ter

(...) prazer de compreender, descobrir, construir e reconstruir o conhecimento, curiosidade, autonomia, atenção. Inútil tentar conhecer tudo. Isso supõe uma cultura geral, o que não prejudica o domínio de certos assuntos especializados. Aprender a conhecer é mais que aprender a aprender.

Sendo assim, compreendemos o ensino com pesquisa como uma nova postura na escola para a construção do conhecimento, na qual o estudante e o professor tornam-se pesquisadores e produtores dos seus próprios conhecimentos. De acordo com as pesquisas de Paoli (1988), Demo (1991) e Cunha (1996), a aprendizagem baseada na pesquisa supera a reprodução, a cópia e a imitação referenciadas pelo pensamento newtoniano-cartesiano. Busca-se um ensino aliado à pesquisa como princípio educativo com características diferenciadas em relação ao princípio científico. Através do desenvolvimento de um currículo de conteúdos procedimentais, o professor atua como gestor da aprendizagem, mediando e orientando o processo educativo. O estudante passa a ser participante e sujeito do seu próprio processo de aprender. O aprendiz é movido pela dúvida provocada pelas ações do professor. Essas ações são caracterizadas por situações propostas pelo docente que levem a acessar o conhecimento para refletir sobre ele e discuti-lo, quebrando as formas lineares que vêm sendo apresentadas. Nesse processo educativo, Cunha (1996, p. 32) propõe um ensino baseado em procedimento que:

- Enfoca o conhecimento a partir da localização histórica de sua produção e o percebe como provisório e relativo.
- Estimula a análise, a capacidade de compor e recompor dados, informações, argumentos e ideias.
- Valoriza a curiosidade, o questionamento exigente e a incerteza.
- Percebe o conhecimento de forma interdisciplinar, propondo pontes de relações entre eles e atribuindo significados próprios aos conteúdos, em função dos objetivos acadêmicos.
- Entende a pesquisa como instrumento do ensino e a extensão como ponto de partida e de chegada da apreensão da realidade.

Behrens (2000) aponta os conteúdos procedimentais como instrumentos para a promoção de uma prática pedagógica que alia ações de problematização, observação, comparação, acesso, crítica, sistematização, produção de conhecimento e posicionamento diante da realidade por parte dos estudantes e dos professores.

No paradigma de ensino com pesquisa, o professor torna-se dinâmico, articulador, mediador, crítico e criativo, provocando uma prática pedagógica que instiga o posicionamento, a autonomia, a tomada de decisão e a construção do conhecimento, atuando como parceiro experiente no processo educativo (BEHRENS, 2000, p. 91). Paralelamente, o estudante é percebido como um parceiro, sujeito do mesmo processo, um questionador, um investigador, que precisa alimentar-se de procedimentos para o desenvolvimento do raciocínio lógico, da criatividade, do posicionamento, da capacidade produtiva e cidadania. Segundo Demo (1996, pp. 28-29),

É fundamental que os alunos escrevam, redijam, coloquem no papel o que querem dizer e fazer, sobretudo alcance a capacidade de formular. Formular,

elaborar são termos essenciais da formação do sujeito, porque significam propriamente a competência, à medida que se supera a recepção passiva do conhecimento, passando do conhecimento, passando a participar como sujeito capaz de propor e contrapor... Aprende a duvidar, a perguntar, a querer saber, sempre mais e melhor. A partir daí, surge o desafio da elaboração própria, pela qual o sujeito que desperta começa a ganhar forma, expressão, contorno, perfil. Deixa-se para trás a condição de objeto.

Desta forma, apropriar-se de uma nova postura pedagógica pautada pelo ensino na pesquisa envolve pressupostos importantes para uma prática eficiente e que desenvolva verdadeiramente a autonomia discente. A escola, o professor, o estudante e a metodologia devem ser mais ativos e explorar o ser participante e sujeito da construção do conhecimento através da cooperação, interação e colaboração. É preciso estabelecer novas relações escolares entre professores, gestores e estudantes. Relações essas alimentadas por práticas mais dialógicas e interdisciplinares que extravasam os espaços tradicionais da educação.

Cabe, no entanto, salientar que a concepção de aprendizagem colaborativa neste trabalho valoriza a abordagem progressista inspirada nos escritos de Paulo Freire (1996) e Henry Giroux (1997). Ao ter como pressuposto básico a busca pela transformação social, parte-se da teoria da ação dialógica de Paulo Freire para pensar a educação e o processo de aprendizagem. Ou seja, engloba uma proposta de aprendizagem colaborativa pautada na parceria entre professor e estudantes numa ação dialógica amorosa (FREIRE, 1993). Assim, encara-se os professores como intelectuais transformadores (GIROUX, 1997), como promotores de processos de mudança, ao manifestar-se contra as injustiças sociais, as atitudes antiéticas, as injustiças políticas e econômicas. Todo e qualquer professor intelectual/transformador tem como pressuposto a análise crítica da sociedade para refletir, planejar e desenvolver sua prática docente - na seleção curricular, no planejamento pedagógico, nas estratégias didáticas. Nas palavras de Behrens (2000, p. 91), “num processo dialógico, instigam seus alunos a buscar soluções que permitam aos homens uma melhor qualidade de vida”.

Nesta perspectiva, a responsabilidade dos indivíduos sobre os seus atos contra os homens e as mulheres, contra a natureza e contra eles mesmos é combustível para a construção de um processo de reconstrução da sociedade com o compromisso de menos desigualdades, menos segregações, menos exclusões e relações autoritárias entre as pessoas. Para Giroux (1997, p. 163),

A reflexão e ação crítica tornam-se parte do projeto social fundamental de ajudar os estudantes a desenvolverem uma fé profunda e duradoura na luta para superar as injustiças econômicas, políticas e sociais, e humanizarem-se ainda como parte desta luta... Também significa desenvolver uma linguagem

crítica que esteja atenta aos problemas experimentados em nível da experiência cotidiana, particularmente, enquanto relacionados com as experiências ligadas à prática em sala de aula.

Com base nessa visão, busca-se uma aprendizagem com significado, baseada na reflexão crítica e transformadora com vistas para a construção da cidadania. Ao problematizar a sociedade, considera-se as relações e os conflitos sociais como objeto e caminho para a reflexão sobre os ambientes sociais, culturais, raciais, históricos, de classe e de gênero no desenvolvimento de conteúdos e na construção do conhecimento. Construir conhecimento junto está associado a formação de cidadãos, homens e mulheres, éticos, humanos e solidários. A escola é reconhecidamente um espaço de disputas e embates de formas de ver e compreender o mundo. Professores e estudantes não são neutros política e ideologicamente. Logo, é importante considerar as relações sociais estabelecidas na escola, na sala de aula e nos relacionamentos interpessoais. Conforme Behrens (2000, p. 92): “a abordagem progressista torna-se o pilar da ética democrática que envolve processos de companheirismo, de solidariedade, de entreajuda, de responsabilidade social e de espírito de cidadania”. Todo esse processo é potencializado no fazer e pensar junto, em comunhão, através da ação dialógica e colaborativa.

Para refletir sobre o emprego da aprendizagem colaborativa crítica na educação básica, faz-se necessário pensar em recursos didáticos e estratégias de aprendizagem para exemplificar o seu uso. Assim, o vídeo-documentário será pensado e planejado no contexto da aprendizagem colaborativa crítica para a educação básica.

### **2.3. O documentário na escola: caminhos para uma aprendizagem colaborativa crítica.**

Nos dias atuais, um grande desafio enfrentado pelos professores no processo de ensino-aprendizagem é o uso dos recursos oferecidos por uma sociedade imersa nas novas tecnologias. Apesar de não termos uma sociedade completamente plena de tecnologia, em contextos favoráveis, explorar no trabalho escolar as novas tecnologias da comunicação e informação pode ser um caminho para inovação e algo atrativo para os estudantes. O mundo de hoje é marcado por grandes avanços tecnológicos e o estudante é um sujeito permanentemente estimulado pelos artefatos tecnológicos: TV, vídeo, games, computador, celular, internet. Por mais que o estudante não seja dono de uma série deles, esse mundo alcança as suas cabeças pelo celular, pela internet, pela TV, ditando os ritmos e os movimentos da sociedade atual, os padrões e os valores da vida, as linguagens e leituras de mundo.

Num mundo cheio de tecnologias, apesar do acesso desigual, como podemos pensar as práticas docentes e discentes nesse contexto cada vez mais representado por diferentes linguagens, com cada vez mais avanços tecnológicos, com cada vez mais recursos com grande potencial pedagógico? Como será a escola, a sala de aula, o currículo nesses contextos possíveis? Libâneo (1998, p. 40) acredita que haverá permanências do paradigma tradicional nas escolas. Contudo, ele faz uma advertência, bastante cabível nos dias atuais:

As mudanças tecnológicas terão um impacto cada vez maior na educação escolar e na vida cotidiana. Os professores não podem mais ignorar a televisão, o vídeo, o cinema, o computador, o telefone, o fax, que são veículos de informação, de comunicação, de aprendizagem, de lazer, porque há tempos o professor e o livro didático deixaram de ser as únicas fontes de conhecimento. Ou seja, professores, alunos, pais, todos precisamos aprender a ler sons, imagens, movimentos e a lidar com eles.

Hoje, 20 anos depois dos escritos de Libâneo, concordamos com seus apontamentos e reforçamos a necessidade de refazer a pedagogia dos novos tempos e buscar a reconstrução do professor, da escola e do conhecimento para a educação do presente e do futuro. Ao pensar as práticas docentes e discentes envoltas no desafio de decodificar as linguagens presentes na escola, concordamos com Kenski (1996) sobre o sentido de articular a linguagem da escola com a linguagem das mídias, ou seja, de dialogar com as diferentes culturas e de ajudar o estudante no processamento da linguagem das mídias, cheia de informações fragmentadas e superficialmente produzidas. Assim, o pesquisador argumenta:

A partir dessas interações comunicativas, da incorporação das imagens televisivas, das vivências e dos conhecimentos fragmentados, virtualmente adquiridos através das interações dos sujeitos com os meios de comunicação de massa, é que se pode começar a pensar em procedimentos didáticos que organizem e articulem essas imagens, esses sons e essas emoções para tornar mais vivo e dinâmico o cotidiano das nossas salas de aula (...). Independentemente da existência dos recursos audiovisuais dentro da sala de aula, eles se fazem presentes virtualmente, através das imagens e dos sons incorporados às memórias dos sujeitos que frequentam a sala de aula (KENSKI, 1996, p. 139).

Se no passado, a TV tinha esse papel de difusão das imagens e linguagens. Hoje, a internet e os dispositivos móveis de comunicação e informação assumem o protagonismo na cultura das mídias. Eles estão presentes na sala de aula, no imaginário, nas representações dos professores e estudantes e precisam ser discutidas e analisadas na escola. Assim, dentre as diversas opções de recursos didáticos baseados nas novas tecnologias, decidiu-se pelo recurso didático considerado uma nova linguagem artística presente desde sempre na escola: o cinema.

A nossa escolha pelo cinema perpassa a necessidade de oferecer um tipo de mídia para professores e estudantes desenvolverem um olhar atento sobre as imagens e poderem

desenvolver o letramento midiático a fim de entenderem e dominarem as linguagens e mensagens das mídias, posicionando-se e garantindo sua cidadania plena num mundo cada vez mais midiático. Desta forma, o cinema, como mídia, é um recurso mais acessível e possivelmente mais utilizado nas escolas do que outras mídias, como os games e as redes sociais.

### 2.3.1. O cinema na escola

Para a reflexão sobre cinema e escola, o ponto de partida são as considerações de Marcos Napolitano sobre o assunto. No livro “Como usar o cinema na sala de aula”, o autor destaca que o cinema, desde os seus primórdios, foi pensado como elemento educativo para a difusão de representações e ideologias sobre o mundo. Ele sempre assumiu um papel no processo de educação formal, não-formal e informal das pessoas (NAPOLITANO, 2015). Duarte (2002) aponta que cinema e escola vêm se relacionando um com o outro há muitas décadas, embora ainda não se reconheçam como parceiros na formação geral das pessoas. Segundo a pesquisadora, a grande vantagem da presença dos filmes na escola é:

Saber apreciar os filmes no contexto em que eles foram produzidos. Significa dispor de instrumentos para avaliar, criticar e identificar aquilo que pode ser tomado como elemento de reflexão sobre o cinema, sobre a própria vida e a sociedade em que se vive. Para isso, é preciso ter acesso a diferentes tipos de filmes, de diferentes cinematografias, em um ambiente em que essa prática seja compartilhada e valorizada (DUARTE, 2002, p. 89).

Nesse sentido é importante considerar o filme como uma obra a ser apreciada como cultura, mensageiro de diferentes culturas. Com referência aos estudos de Almeida (2001), o autor define o filme como algo produzido dentro de um projeto artístico, cultural e de mercado - um objeto de cultura para ser consumido dentro da liberdade maior ou menor do mercado. Na educação, podem ser utilizados filmes ficcionais ou documentais para fruição estética ou vídeos com caráter educativo ou para produções televisivas. Segundo Napolitano (2015, p. 12),

Trabalhar com cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte. Assim, dos mais comerciais e descomprometidos aos mais sofisticados e difíceis, os filmes têm sempre alguma possibilidade para o trabalho escolar.

Com base no pensamento de Napolitano (2015) e Duarte (2002), consideramos o uso do cinema na educação como uma experiência de cultura e reflexão entre os sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem. O filme deve ser um texto a ser lido, interpretado e transposto para a reflexão sobre os personagens, os cenários, os contextos e discursos envolvidos na

narrativa da obra filmica. Contudo, o autor salienta que o professor deve ser cuidadoso na adoção e, principalmente, questionar-se a partir das perguntas: qual é o uso possível do filme? Qual a faixa etária e escolar a que ele é mais adequado? Como vou abordar o filme dentro da prática docente? Qual é a cultura cinematográfica dos estudantes? Ou seja, uma série de questões para colaborar na seleção, planejamento e desenvolvimento do processo de aprendizagem a partir do uso do cinema. Em resumo, quais são as possibilidades do cinema na escola, especialmente na educação básica. De acordo com Almeida (2001, p. 29),

Embora o cinema já seja utilizado há algum tempo por muitos professores, pelo menos, desde o final dos anos 1980, só mais recentemente estão surgindo algumas propostas mais sistematizadas que orientem o professor. No campo das humanidades existe uma razoável bibliografia, e alguns autores tentam apontar para um trabalho que não apenas incorpore o conteúdo, a ‘história’ do filme, mas também seus elementos de performance (a construção do personagem e os diálogos), linguagem (a montagem e os planos) e composição cênica (figurino, cenário, trilha sonora e fotografia). Este trabalho segue essa linha de análise. Acreditamos que é possível, mesmo o professor não se tornando um crítico cinematográfico altamente especializado, incorporar o cinema na sala de aula e em projetos escolares, de forma a ir além do conteúdo representado pelo filme.

O significado de um texto/filme é o todo, amálgama desse conjunto de pequenas partes, em que cada uma não é suficiente para explicá-lo, porém, todas são necessárias e cada uma só têm significação plena em relação a todas as outras.

Compreendem-se diferentes usos dos filmes, porém, buscamos aqui a utilização dos filmes na escola em prol do letramento midiático e da aprendizagem colaborativa crítica. Sendo assim, concebemos o uso do filme como um texto a ser lido, desconstruído e reconstruído no processo de aprendizagem.

Ao questionar as práticas educativas tradicionais, defendemos a superação da centralidade do livro didático na escola em favorecimento a diversificação das fontes de informação e das linguagens para a construção do conhecimento. Com isso, os recursos audiovisuais surgem com grande potencial para o processo de aprendizagem, ao passo em que reconhece-se o poder da imagem na escolarização das novas gerações. Ou seja, concorda-se com Almeida (2001) e Napolitano (2015) ao compreender o uso do filme como algo que vá além da mera contextualização temática, mas, explorando também a linguagem do cinema e as leituras de mundo que o autor do filme nos oferece. O filme deve ser apreciado, analisado, desconstruído e reconstruído para a construção do conhecimento. Numa perspectiva crítica, a utilização do cinema na educação

[...] é importante porque traz para a escola aquilo que ela se nega a ser e que poderia transformá-la em algo vívido e fundamental: participante ativa da

cultura e não repetidora e divulgadora de conhecimentos massificados, muitas vezes já deteriorados, defasados [...] (ALMEIDA, 2001, p. 48).

Como fonte de informação e difusor de valores, representações e ideologias, é necessário ocorrer um processo de letramento midiático<sup>1</sup> mediado pelo professor entre obra filmica e estudantes. Segundo Magda Soares (2006), o conceito de letramento ultrapassa o ato de ler e escrever e é definido pelas habilidades que os sujeitos leitores e escritores desenvolvem para decodificar os discursos, as representações e as leituras de mundo impostas por algo ou alguém. Logo, o letramento midiático é constituído pelas práticas e habilidades que os sujeitos leitores e escritores possuem para decodificar os discursos, as representações, os valores e as ideologias impostas pelas mídias de massa. Ao dominar os recursos das mídias, o estudante alcança autonomia para aprender e criar conhecimento a partir dela. Para Setton (2010, p. 9 e 10),

[...] as mídias devem ser vistas como agentes da socialização, isto é, possuem um papel educativo no mundo contemporâneo. Junto com a família, a religião e a escola, elas funcionam como instâncias transmissoras de valores, padrões e normas de comportamentos. [...]

A prática de transmitir conhecimentos e valores que as mídias se propõem é um ato pedagógico e, portanto, também comunicativo. A comunicação de sentidos e valores faz parte da educação. Nesse sentido, tanto as mídias, como as práticas pedagógicas não viveriam sem o intercâmbio de sentidos.

Napolitano (2015) aponta que a utilização do cinema na escola pode ser inserida no campo de atuação pedagógica chamada mídia-educação. Ao trabalhar com o cinema, os sujeitos da educação devem compreendê-lo como uma forma de mídia moderna ligada a indústria cultural, parte do complexo da comunicação e da cultura de massas; a indústria do lazer e constituído como uma obra de arte coletiva e tecnicamente sofisticada. Segundo o autor, “o professor não pode esquecer destas várias dimensões do cinema ao trabalhar filmes em atividades escolares” (NAPOLITANO, 2015, p. 14).

Com base nessas reflexões, retoma-se as perguntas iniciais sobre quais são as possibilidades do cinema na escola e constrói-se os caminhos para o seu uso no contexto da aprendizagem colaborativa crítica. A seguir, elenca-se essas questões:

a) O filme não é apenas uma mera contextualização temática. Pensa-se o filme como um detonador pedagógico, como um recurso didático que mobiliza socialmente, como um texto a ser lido, desconstruído e reconstruído no processo de aprendizagem. Como detonador

---

<sup>1</sup> Inspirado nos escritos de Soares (2006), Setton (2010) e Napolitano (2015), entendemos por letramento midiático uma competência resultante do estudo sobre a relação entre mídia e educação, ao reconhecer o conjunto de informações, valores, representações e discursos presentes nas mídias e a sua necessidade de mediação por parte do professor entre as obras midiáticas e os estudantes. O processo envolveria a identificação desses elementos e sua respectiva desconstrução e reconstrução para a produção do conhecimento.

pedagógico, ele provoca e alimenta professores e estudantes para o desenrolar de uma teia de conhecimentos dentro do projeto de trabalho. Através do filme, busca-se relacionar a escola à cultura cotidiana mais ampla e criar oportunidades para a reflexão crítica sobre fatos, eventos, representações, valores, discursos e ideologias que os autores do filme oferecem para o espectador. De acordo com Napolitano (2015), o professor atua como mediador entre filme e estudantes, não apenas preparando o grupo antes do filme como também na proposição de desdobramentos articulados a outras atividades, fontes e temas. A partir do cinema, a escola e o professor devem “propor leituras mais ambiciosas além do puro lazer, fazendo a ponte entre emoção e razão de forma direcionada, incentivando o aluno a se tornar um espectador mais exigente e crítico, propondo relações de conteúdo/linguagem do filme com o conteúdo escolar” (NAPOLITANO, 2015, p. 15).

b) O filme é apenas um recurso complementar ao livro didático? O livro didático exerce uma grande centralidade na escola, especialmente na perspectiva tradicional de educação. Ele é um recurso privilegiado no processo de aprendizagem e, com destaque, assume a responsabilidade de apresentar o currículo aos professores, ganhando, assim, um papel significativo na definição do currículo que se vai ensinar (DÍAZ, 2011). No entanto, num viés da aprendizagem colaborativa crítica, o livro didático é entendido como um recurso ineficiente, caso seja utilizado isoladamente, e que não contribui para a prática de investigação no processo de construção do conhecimento. Desta forma, defendemos a diversificação dos recursos didáticos e das fontes de informação para a prática educativa colaborativa. Nessa perspectiva, o filme é um recurso adequado para, em associação com outros recursos didáticos (livros, músicas, sites, entre outros), ser analisado, discutido e decodificado na sala de aula e nas práticas docentes e discentes. De certa forma, o filme é um recurso privilegiado para explorar conteúdos conceituais, factuais, procedimentais e atitudinais no processo de aprendizagem.

c) A seleção do filme deve ser cuidadosa? Como qualquer outro recurso didático, é preciso reconhecer o seu público e seu nível de autonomia para selecionar um filme para a prática pedagógica. Para a escolha do filme, deve haver planejamento e preparação dos estudantes para a recepção da obra cinematográfica. Ele deve fazer parte de uma sequência didática e promover experiências de cultura e reflexão crítica para os estudantes.

d) O filme como mobilizador para um trabalho interdisciplinar. Com vistas a superar a visão tradicional de ensino e promover experiências de ensino pela pesquisa, defendemos o uso do cinema na escola numa perspectiva globalizante. Com referência aos estudos de Fazenda (2011), Japiassu (1976) e Morin (2000), compreende-se a interdisciplinaridade como um movimento em busca da superação da compartimentação dos saberes, como algo pautado nas

trocas, nos diálogos e nas conexões entre as diferentes disciplinas e como uma questão de atitude e uma mudança de postura diante dos fatos, sem deixar de lado as particularidades de cada um, sem sobrepor uma disciplina sobre as demais, e sem estabelecer a supremacia de uma determinada ciência. Sendo assim, os filmes são entendidos como recursos didáticos que possam mobilizar professores e estudantes para a compreensão da complexidade do mundo através das virtudes disciplinares e do poder da visão global/integradora sobre os fenômenos da natureza e da sociedade.

A partir das características desenvolvidas anteriormente sobre o cinema na escola, encaminha-se a discussão sobre as escolhas deste trabalho. Aqui, aponta-se o vídeo-documentário como gênero audiovisual para o trabalho na escola e como um dos recursos didáticos de mobilização para a aprendizagem colaborativa crítica. Assim, na próxima seção, justifica-se o seu uso e as suas possibilidades para o processo educativo.

### 2.3.2. O documentário na sala de aula

Desde o século XIX, o documentário é um recurso audiovisual bastante utilizado para expressar a sociedade e o registro dos acontecimentos históricos. Ele se caracteriza por apresentar determinado acontecimento ou fato, mostrando a realidade de maneira mais ampla e interpretativa. (ZANDONADE; FAGUNDES, 2003). Para Manuela Penafria (2001), o documentário tem o objetivo de voltar a atenção dos espectadores para os fatos cotidianos e estabelecer uma ligação entre os acontecimentos. Segundo ela, a principal função do documentário é: “incentivar o diálogo sobre diferentes experiências, sentidas com maior ou menor intensidade. Apresentar novos modos de ver o mundo ou de mostrar aquilo que, por qualquer dificuldade ou condicionalismos diversos, muitos não veem ou lhes escapa” (PENAFRIA, 2001, p.5).

Zandonade e Fagundes (2003) destacam que o documentário pode ser classificado entre os modelos clássico e moderno. Com referência à escola britânica de John Grierson, o modelo clássico era utilizado no início do século XX e era baseado em ilustrações e narrações construídas com finalidades instrucionais. O modelo moderno, utilizado por documentaristas brasileiros desde a década de 1960, é marcado pela busca por interação com o público-alvo, pelo despertar do senso crítico e por provocar interpretações variadas, de acordo com a realidade de cada espectador. De acordo com o jornalista Thiago Altafini, em geral, o documentário moderno

“Trabalha com fragmentos de uma realidade, buscando a reflexão e a compreensão aprofundada da questão abordada, deixando para o espectador o

papel de relacioná-la com seu contexto histórico, econômico, político, social e cultural [...] permitindo ao espectador suas próprias conclusões. (ALTAFINI, 1999, p.1).

Sobre a relação entre cinema e escola, Napolitano (2015) afirma que o documentário é um dos gêneros de filme mais utilizados pelo professor em sala de aula e projetos escolares. Por ser compreendido, por parte de professores e estudantes, como um olhar verdadeiro e científico sobre o tema ou a questão retratada. Ou seja, sendo o documentário uma obra fílmica resultante do registro da realidade, as pessoas encaram-no como uma verdade. Porém, é de extrema importância professores e estudantes estarem cientes sobre a multiplicidade de visões, representações e discursos inseridos num vídeo-documentário. Por ser uma obra coletiva de arte e ter uma direção de arte, ele é fruto de leituras de mundo e tem enorme serventia para provocar o senso crítico e a discussão na escola. Sobre o assunto, Napolitano aponta:

Por mais que os documentários sejam frutos de trabalhos aprofundados e sérios, contando em muitos casos com assessorias pedagógicas competentes, o professor deve evitar partir do princípio que a abordagem dada pelo documentário é a única possível ao tema retratado ou que o conteúdo mostrado é a realidade social ou a verdade científica sobre o assunto. O documentário, mesmo o mais didático e voltado para o público escolar, é um gênero de filme que implica um conjunto de regras de linguagem para a elaboração do roteiro, técnicas de filmagem, princípios de montagem e edição, ou seja, implica um conjunto de escolhas dos profissionais envolvidos na sua realização (até porque seria impossível uma abordagem totalitária e unívoca de um problema social ou fenômeno natural). Portanto, o professor deve saber reconhecer essas escolhas por meio do próprio produto final e apontar as controvérsias, interpretações diferentes, problemas não aprofundados, enfim, todas as questões que o documentário em questão não abordou (NAPOLITANO, 2015, p. 31).

O esclarecimento de Napolitano sobre o uso do documentário em sala de aula é elemento essencial para a proposição deste trabalho e o ponto de partida da aprendizagem colaborativa crítica, por meio do questionamento e da investigação sobre as informações encontradas. Tendo a pesquisa como princípio científico e educativo, o documentário será apreciado, discutido e analisado para a identificação das controvérsias, interpretações diferentes, os problemas não aprofundados dentro da intencionalidade do professor na sequência didática e sob a mediação do professor para o letramento midiático dos estudantes. Investigar as informações é romper com a ideia de objetividade, verdade e realidade compreendida, geralmente, por professores e estudantes em relação aos documentários. Trabalhar com documentários na sala de aula é um momento privilegiado para o debate e a problematização da realidade em estudo.

Para a reflexão sobre o uso do documentário na escola, é válido também conhecer os tipos de documentários e suas possibilidades. Sobre a questão, a seguir, sintetizam-se alguns apontamentos de Napolitano (2015) sobre as tipologias:

- Documentários de divulgação científica: é uma referência importante para tornar acessível a linguagem científica. Associado com visitas a museus de ciência, podem gerar bons desdobramentos de trabalho em sala de aula;
- Documentários sobre fenômenos naturais: trata-se de um tipo bastante presente na cultura de mídia dos estudantes em razão dos canais televisivos de divulgação científica. No entanto, necessita da intervenção do professor para refletir sobre o caráter sensacionalista, especialmente aqueles ligados as mudanças climáticas;
- Documentários sobre temas e problemas atuais (estilo jornalístico): é um tipo também bastante comum nos canais televisivos. Recomenda-se muito cuidado com os discursos e representações dos temas e a sua relação com os interesses ideológicos de quem produziu. Como em todo tipo de documentário, pesquisar sobre a autoria é fundamental;
- Documentários sobre temas históricos: explora ricamente documentos históricos e é uma excelente oportunidade para analisar materiais iconográficos (imagens, vídeos e sons). Pode oferecer experiências de análise sobre diferentes visões ideológicas e políticas sobre os acontecimentos;
- Documentários antropológicos: exploram as características de diferentes culturas e povos através de imagens, vídeos e sons. Existe uma grande produção por parte de pesquisadores acadêmicos, o que contribui para a diversidade de filmes para o uso na escola. É uma grande oportunidade para discutir e refletir sobre alteridade e pluralidade cultural.

Em resumo, apontamos aqui para o uso do documentário na sala de aula como um recurso didático que envolve a sensibilização dos estudantes para o tema e para o projeto, ao despertar a curiosidade e motivar para descoberta de novas informações e novos temas. Assim, ao mobilizar os estudantes, facilita o caminho para o desejo de pesquisa para aprofundar o assunto do vídeo, da matéria e/ou do projeto. Diante disso, é preciso pensar em quais são as possibilidades de trabalho tendo o documentário como ferramenta educativa.

### 2.3.3. Caminhos para o uso do documentário no contexto da aprendizagem colaborativa crítica.

Tendo a pesquisa como princípio educativo e a perspectiva crítica como forma de ver e experimentar o mundo, a aprendizagem colaborativa crítica demanda por práticas educativas que explorem metodologias ativas para investigar os fatos, que provoquem ações colaborativas, alimentem os estudantes com procedimentos de pesquisa e que os coloque para refletir sobre as múltiplas questões em discussão no campo da ciência, da tecnologia e da sociedade. Sendo assim, ao adotar o documentário como recurso de sensibilização no processo educativo, é importante pensar em estratégias de aprendizagem que possam explorar as características já mencionadas deste tipo de aprendizagem. Nesta seção, serão elencados os caminhos teóricos e operacionais que possam favorecer tal proposta educativa.

O ponto de partida é a preparação para a exibição e apreciação da obra fílmica. É preciso introduzir questões (boas perguntas) para iniciar os estudantes para o tema a ser estudado. Levantar os saberes e as experiências pessoais sobre o assunto é uma boa estratégia neste processo. Em seguida, é importante trabalhar a linguagem audiovisual para estimular o olhar dos estudantes para os discursos e representações do filme, pois, é comum tratar o audiovisual como algo transparente, ou seja, que o estudante já tenha compreensão de todos os códigos presentes neste tipo de linguagem, conforme nos aponta o trecho a seguir:

Assim como a linguagem literária necessita de uma iniciação do aluno para que de fato ocorra aprendizagem, na linguagem audiovisual acontece a mesma coisa, ou seja, os vídeos não falam por si só, necessitam de um processo de aprendizado da linguagem audiovisual para serem aptas a compreender o que estão assistindo (BARROS; GIRASOLE; ZANELLA, 2013, p.98).

Ao focar a utilização dos documentários como objeto de análise, apresentam-se os códigos e elementos de tais produções e a reflexão sobre a tríade objetividade/veracidade/realidade podem ser aprofundadas e detalhadas, no sentido de expandir a visão e recepção do material pelo estudante. Assim como a ciência é feita por pessoas, ou seja, por pesquisadores, e que estes não estão livres da neutralidade, da verdade absoluta, os filmes documentários também passam pelo mesmo processo, sendo então interessante levantar estes aspectos inicialmente. Trata-se de uma ação pedagógica crucial para o antes e depois da exibição do filme. Como primeiro momento, após a exibição do filme, pode contribuir para criar envolvimento dos estudantes para a construção coletiva do conhecimento. Neste exercício de envolvimento dos estudantes com a temática, defendemos um processo de reflexão que leve ao levantamento de problemas relacionados ao tema.

Com a exibição do filme, o segundo ponto é o planejamento das ações posteriores, quando os estudantes serão colocados a refletir sobre as mensagens, os discursos, os fatos e as representações oferecidas. Pensar sobre quais serão as intenções pedagógicas e selecionar as estratégias mais adequadas para o processo de aprendizagem é de fundamental importância nesta etapa. Com isso, apesar de sugerir o tecnicismo do ensino tradicional, sinalizamos a importância de pensar sobre as técnicas de ensino no processo pedagógico, levando-se em consideração os princípios pedagógicos, educacionais e políticos da aprendizagem colaborativa crítica. Sendo assim, se o professor alicerça sua ação docente num ato político para formar cidadãos participativos, críticos e transformadores, para pensar as estratégias de aprendizagem é importante considerar a contribuição de Giroux (1997, p. 163), que propõe:

Tornar o político mais pedagógico significa utilizar formas de pedagogias que incorporem interesses políticos que tenham natureza emancipadora, isto é, utilizar formas pedagógicas que tratem os estudantes como agentes críticos; tornar o conhecimento problemático; utilizar o diálogo crítico e afirmativo; e argumentar em prol de um mundo qualitativamente melhor para todas as pessoas. Em parte, isto sugere que os intelectuais transformadores assumam seriamente a necessidade de dar aos estudantes voz ativa em suas experiências de aprendizagem.

Ou seja, estabelecer o diálogo com os estudantes para a construção do processo de aprendizagem é um momento importante. Porém, igualmente necessário, é o professor saber escolher estratégias de aprendizagem que possam estimular o protagonismo do estudante e criar experiências coletivas de aprendizagem. Desta forma, no desenrolar do trabalho, o professor pode explorar técnicas baseadas nos princípios educativos do fazer junto, do conhecer o outro, do saber conviver junto.

Explorar as estratégias de estudo de texto e estudo dirigido podem ser atividades iniciais de cunho individual para familiarizar os estudantes com o tema proposto e colocá-lo em prática com procedimentos de pesquisa fundamentais, como a elaboração de resumos, fichamentos e resenhas; a criação de mapas conceituais, entre outros. Azambuja e Souza (1991), ao falar sobre o estudo do texto como técnica de ensino, destaca que a técnica contribui para o desenvolvimento da capacidade de interpretação, quer seja com a assistência mais direta do professor, quer seja com instruções que orientarão o aluno a caminhar sozinho entre os meandros do texto. As autoras destacam que ler é um comportamento ativo e dinâmico que propicia uma interação entre leitor-autor-texto-contexto. Nessa interação, o estudo do texto pode ser explorado na perspectiva de Paulo Freire (1986, p. 22), quando

“ler não é só caminhar sobre as palavras, e também não é voar sobre as palavras. Ler é reescrever o que estamos lendo. É descobrir a conexão

entre texto e o contexto do texto, e também como vincular o texto/contexto com o meu contexto, o contexto do leitor”.

Por estudo dirigido, entende-se como um conjunto de boas perguntas que ajudem o estudante no contato com textos e outras fontes de informação. Com vistas a favorecer a compreensão do texto, o estudo dirigido é formado por atividades individuais como, extraído de Veiga (1991, p. 83-84):

- Sublinhar as ideias mais importantes ou extrair as ideias centrais do texto;
- Destacar as partes que compõem o texto dando-lhes títulos;
- Esquematizar o texto, assinalar com chaves, setas para facilitar a articulação das ideias;
- Registrar notas e observações;
- Procurar no texto os conceitos, as características e outros elementos necessários à compreensão;
- Procurar no dicionário o significado de palavras desconhecidas;
- Formular conceitos;
- Ilustrar graficamente aspectos importantes do tema estudado.

Cabe destacar que, num segundo momento, mais socializado, as atividades individuais podem alimentar uma dinâmica coletiva de discussão da fonte de informação. Identificar desacordos entre as ideias; examinar situações apresentadas e dar julgamento e solução; fazer perguntas ao que se lê, ao que está escrito no texto; explorar contradições; entre outros procedimentos, podem contribuir para uma esfera de diálogo e debate de ideias no grupo (VEIGA, 1991).

Ao valorizar a ação dialógica, remetendo-se as contribuições de Freire (1996) e Giroux (1997), é importante destacar o debate e a discussão como técnicas que privilegiam a experiência coletiva na escola. Com referência ao texto de Castanho (1991), quando falamos sobre discussão, referimo-nos a um contexto em que, dado um ponto de vista (uma teoria, um resultado de investigação, uma exposição qualquer), submete-se a questão a um esmiuçamento tal que sejam analisadas todas as implicações ali contidas. Ou seja, levam professores e estudantes a não aceitarem passivamente uma posição antes de uma análise profunda e multifacetada. Caracteriza-se por ser uma forma de cooperação intelectual para análise de um ponto de vista. A prática da discussão em sala de aula incentiva o trabalho intelectual coletivo

a partir do momento que todos estão envolvidos num projeto comum, ou seja, a análise de um ponto de vista. Nas relações democráticas, tal técnica ajuda a pensar sobre processos de diálogo, negociação e acordos entre os sujeitos.

Com relação ao debate, com base nas contribuições de Castanho (1991), a técnica de ensino é entendida como recurso para que se confrontem diferentes pontos de vista. Ou seja, a autora explica que cabe em todos aqueles momentos em que os alunos, já munidos de informações resultantes de estudos e pesquisas, bem como de experiências as mais variadas, podem cotejar diferentes posições, teorias, pontos de vista. De certa forma, é marcada pela disputa discursiva e intelectual, mas que, sob a mediação do professor, cria situações de colaboração e diálogo para a construção do conhecimento. Tanto a discussão quanto o debate demandam preparação individual para aquisição de informações com vistas a construção coletiva do conhecimento. Além disso, nas relações estabelecidas através do diálogo, o embate e/ou concordância com o outro ajuda a reflexão sobre identidades, conflitos e preconceitos.

Por fim, ao valorizar a socialização dos conhecimentos, sugere-se a realização de seminários. A expressão é marcada pelo sentido de coletividade e num sentido restrito, é visto como técnica de ensino envolvida num grupo de estudos em que se discute e se debate um ou mais temas apresentados por um ou mais estudantes, sob a direção do professor responsável (VEIGA, 1991). Sendo assim, admite-se o seminário como um momento privilegiado de socialização dos conhecimentos construídos ao longo de um processo de aprendizagem.

Elencar as técnicas de ensino anteriores é criar alternativas para a prática docente com o objetivo de planejar sequências didáticas que coloquem o estudante frente a experiências coletivas, dialógicas, colaborativas e participativas para a construção do conhecimento. Nesse sentido, reforça-se o pensamento sobre a escola como um espaço e tempo de experiência coletiva, as práticas escolares com fruto do diálogo entre os sujeitos e o conhecimento como algo socialmente construído.

### 3. METODOLOGIA

Com base no referencial teórico descrito anteriormente, a nossa investigação busca entender como o documentário vêm sendo utilizado na sala de aula e como as práticas colaborativas estão sendo apropriadas pelos professores e professoras nas atividades escolares.

Para a nossa investigação, optamos pela pesquisa qualitativa com o intuito de identificar os fatores que favorecem ou não o uso do documentário em sala de aula numa perspectiva da aprendizagem colaborativa crítica. Buscamos enfatizar aspectos da realidade que não podem ser quantificados, visando compreender e explicar fatos observados. Conforme apontado por Santos (2000), tal modalidade de pesquisa tem por objetivo a compreensão do evento em estudo a partir do interior, buscando compreender as opiniões dos sujeitos da pesquisa (professores e professoras da educação básica) em uma dada situação. Assim, ao adotar a pesquisa qualitativa, será realizado, segundo Alves (1991, p. 53-54), uma

(...) construção social da qual o investigador participa, portanto, os fenômenos precisam ser compreendidos dentro da sua perspectiva holística, levando em consideração os componentes de uma dada situação em suas interações e influências recíprocas, excluindo a possibilidade de relações lineares de causa e efeito e generalizações do tipo estatísticas.

A abordagem qualitativa oferece três possibilidades diferentes para se realizar uma pesquisa: a pesquisa documental, o estudo de caso e a etnografia. Considerando nossos interesses de investigação, escolhemos o estudo de caso como caminho metodológico. Conforme nos aponta Godoy (1995, p. 25), o estudo de caso se caracteriza como um tipo de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente. Visa ao exame detalhado de um ambiente, de um simples sujeito ou de uma situação em particular. Assim, tendo um curso de extensão como laboratório de pesquisa, buscamos investigar as estratégias de ensino de um grupo de professores e professoras para o uso do documentário em sala de aula.

Em resumo, através da oferta de um curso de extensão, foi desenvolvido um estudo de caso com a coleta de dados descritivos, criando um plano aberto e flexível de trabalho para responder as questões norteadoras desta pesquisa. Sendo assim, ao longo da investigação, levamos em conta as seguintes características fundamentais do estudo de caso, conforme listado por Ludke e André (1986):

- Visam à descoberta;
- Enfatizam a “interpretação em contexto”;
- Buscam retratar a realidade de forma complexa e profunda;

- Usam uma variedade de fontes de informação;
- Revelam experiência vicária e permitem generalizações naturalísticas;
- Procuram representar os diferentes e às vezes conflitantes pontos de vista presentes numa situação social; e
- Utilizam uma linguagem e uma forma mais acessível do que outros relatórios de pesquisa.

Após a construção do nosso arcabouço teórico referendado pelas reflexões sobre mídia-educação e aprendizagem colaborativa crítica, o desenvolvimento do nosso estudo de caso buscou entender como o documentário é utilizado na escola por um grupo de professores e professoras, visando identificar quais estratégias de aprendizagem são adotadas em sala de aula. O estudo de caso foi dividido em três etapas: uma fase exploratória, uma fase mais sistemática e uma fase final interpretativa dos dados coletados e dos eventos descritos.

Antes de esclarecer o passo-a-passo realizado para a obtenção dos resultados, descrevemos aqui a dinâmica do curso de extensão como nosso laboratório de pesquisa. O público-alvo foi composto por 11 professores e professoras que lecionam para estudantes da educação básica, com foco nas séries finais do ensino fundamental e no ensino médio. Por meio de chamada pública, eles se inscreveram voluntariamente num curso de extensão oferecido na unidade São Cristóvão do Colégio Pedro II. O curso abordou conceitos, reflexões e práticas para o uso do documentário no contexto da aprendizagem colaborativa crítica. A estrutura do curso abarcou atividades presenciais e à distância por meio da plataforma Moodle e do serviço Google Drive. A carga horária do curso foi de 16 horas de atividades presenciais (4 encontros de 4 horas) e 24 horas de atividades à distância na plataforma Moodle.

Em cada encontro presencial do curso, foi abordada uma temática do nosso referencial teórico para reflexão em grupo, conforme a lista a seguir. Em cada encontro foi desenvolvido uma técnica de ensino marcada pelo diálogo, colaboração e cooperação.

- Primeiro Encontro: Mídia-educação e o letramento midiático.
- Segundo Encontro: Aprendizagem Colaborativa Crítica
- Terceiro Encontro: A Teoria da Ação Dialógica de Paulo Freire.
- Quarto Encontro: Seminário como processo de socialização das práticas educativas.

Na plataforma Moodle, as atividades não-presenciais foram baseadas na leitura de pequenos textos, na reflexão sobre uma ou duas questões e na participação em fóruns de discussão. Foram oferecidos pequenos textos obrigatórios e um conjunto de textos complementares para aprofundamento no tema em discussão. O principal objetivo para o uso

da plataforma foi oferecer um repositório para textos, vídeos e imagens; promover debates e trocas nos fóruns; e armazenar as tarefas solicitadas. Uma vez por semana, os participantes tiveram suporte pedagógico e acompanhamento contínuo por parte do pesquisador.

Para a chamada pública do curso, foram produzidos materiais e ferramentas de divulgação (banner, site e eventos em redes sociais) para socializar a oportunidade de formação docente. Por meio de formulário eletrônico (Google Forms), recebemos inscrições do público-alvo interessado no curso. A confirmação da inscrição passou por uma seleção, visando formar um grupo multidisciplinar de professores e professoras. A partir da confirmação da inscrição, foi enviado um e-mail explicativo com todos os passos necessários para a inscrição do participante na plataforma Moodle, além de uma breve descrição dos objetivos do curso e do detalhamento da pesquisa.

Com a definição dos participantes, antes da realização do curso, foi enviado um segundo formulário eletrônico com um questionário para traçar o perfil de cada participante e avaliar a postura e opinião dos docentes sobre o uso do documentário em sala de aula e sobre o desenvolvimento de práticas colaborativas na educação. Partindo dos pressupostos teóricos iniciais, com base nessas informações, avaliamos e identificamos novos elementos que foram desenvolvidos durante o curso de extensão e em nossa pesquisa. Ou seja, o quadro teórico inicial serviu como esqueleto, de estrutura básica a partir da qual novos aspectos puderam ser detectados, novos elementos ou dimensões foram acrescentados, na medida em que o estudo avançou. De modo geral, as informações coletadas foram utilizadas no planejamento e na proposição de atividades ao longo do curso.

Numa etapa seguinte, os participantes participaram do curso de extensão intitulado “O Uso do documentário no contexto da aprendizagem colaborativa crítica”. Ao longo de 40 horas de curso, os sujeitos da pesquisa experimentaram situações de apreciação de informações, de debates e de produção escrita sobre as temáticas desenvolvidas na dissertação. Sob a orientação do pesquisador, os participantes se alimentaram teoricamente e produziram coletivamente um plano de trabalho com o uso do documentário em sala de aula numa perspectiva colaborativa crítica. Ao final, tais planos foram apresentados e discutidos pela turma. Tanto os planos quanto as discussões foram utilizadas como fonte de informação para a pesquisa e para a elaboração do produto educacional.

Duas fontes de informação importantes para a pesquisa foram o diário descritivo dos encontros presenciais elaborado pelo pesquisador ao longo das aulas e as notas reflexivas produzidas pelos sujeitos da pesquisa. O diário foi composto pelas observações sobre as opiniões, comportamentos, atividades e diálogos entre os participantes e o pesquisador ao longo

do curso. A nota reflexiva foi um pequeno texto reflexivo produzido pelo participante no início de cada encontro presencial. Com base nesse material, interpretamos os contextos e avaliamos as ações, as percepções, os comportamentos e as interações das pessoas em relação aos conceitos e temáticas abordadas no curso. Sendo assim, a análise sistemática foi desenvolvida com base:

- Nos dados e informações coletadas por meio do questionário aplicado aos participantes inscritos antes da realização do curso;
- No diário de encontros presenciais sobre as atividades desenvolvidos no curso;
- Nas notas reflexivas produzidas pelos sujeitos da pesquisa;
- Nos planos de trabalho desenvolvidos coletivamente pelos sujeitos da pesquisa.

O nosso critério de inclusão foi realizar o curso de extensão para professores e professoras da educação básica das redes pública e privada das seguintes áreas de conhecimento: Geografia, História, Ciências da Natureza, Ciências Sociais, Filosofia e Letras. A pessoa deveria estar atuando em sala de aula nas séries finais do ensino fundamental ou no ensino médio. Como critério de exclusão, por ser voltado para docentes da educação básica, com atividades interdisciplinares e com a oportunidade de reflexão sobre a prática docente, o curso não teve como participantes professores e professoras de ensino superior e de ensino não-formal ou informal e estudantes. O curso foi voltado única e exclusivamente para docentes que atuam na educação básica.

### **3.1. Metodologia de análise de dados**

A análise de dados teve por objetivo condensar os dados em porções manuseáveis, com intuito de encontrar padrões, interpretá-los e refletir sobre o significado desses dados. Assim, na presente pesquisa, foi adotada a metodologia da aplicação de formulários com perguntas abertas e fechadas, antes da realização do curso; da observação simples como técnica de coleta de dados, durante o curso de extensão, para dialogar e identificar as estratégias de aprendizagem e os métodos de ensino utilizados pelos docentes para o uso de documentários na sala de aula; e a análise de conteúdo dos produtos criados a partir do diário dos encontros presenciais produzido pelo pesquisador durante o curso de extensão, os pequenos textos reflexivos dos sujeitos da pesquisa e o plano de trabalho pedagógico desenvolvido pelos participantes do curso.

Os dados coletados por meio de formulários foram categorizados e analisados em relação ao contexto dos participantes entre aqueles que utilizam o documentário em sala de aula, aqueles que não utilizam o documentário em sala de aula, aqueles que adotam práticas colaborativas no processo educativo e aqueles que não adotam práticas colaborativas no processo educativo. Assim, criamos perfis docentes para verificar os diferentes tipos de usos.

A partir do diário de relatos, foi desenvolvido um protocolo de observação simples com anotações descritivas e reflexivas sobre cada encontro durante o curso de extensão. As anotações descritivas foram compostas por registros acerca das atividades realizadas em cada encontro, destacando ideias, pensamentos e atitudes apresentadas pelos participantes. As anotações reflexivas foram compostas por registros escritos sobre o processo, reflexões sobre as atividades e conclusões resumidas sobre elas para desenvolvê-las mais tarde. Tais anotações foram organizadas e classificadas de forma que possamos descobrir padrões nas práticas docentes dos sujeitos da pesquisa.

Juntamente com as informações coletadas, os planos de trabalho nos ajudaram a identificar e compreender as facilidades e dificuldades encontradas pelos docentes no planejamento pedagógico de atividades que envolvam o uso do documentário num contexto de aprendizagem colaborativa crítica. Com base nesses dados e informações, criamos um produto educacional – um dispositivo pedagógico para inspirar, provocar e alimentar professores e professoras para o uso do documentário no contexto da aprendizagem colaborativa crítica.

#### **4. ANÁLISE E RESULTADOS AVALIATIVOS DA APLICAÇÃO**

Por meio de um curso de extensão, avaliamos o valor dado pelos professores para o uso do documentário na sala de aula e identificamos quais eram as suas dificuldades e facilidades para o uso no contexto da aprendizagem colaborativa crítica.

O curso de extensão “O Uso do Documentário no Contexto da Aprendizagem Colaborativa Crítica” foi oferecido na unidade São Cristóvão do Colégio Pedro II entre os dias 05 de agosto e 16 de setembro com encontros presenciais e encontros virtuais na plataforma Moodle. Recebemos 11 inscrições de professores de educação básica que participaram do curso e ofereceram informações para a pesquisa. A partir desse grupo de 11 participantes, ou sujeitos da pesquisa, o curso desenvolveu-se em quatro encontros presenciais e oito encontros na plataforma Moodle com o uso do fórum de discussão. Cada encontro presencial era organizado em quatro momentos: elaboração individual de nota reflexiva, apresentação do tema do encontro pelo pesquisador, discussão sobre o tema com os participantes e elaboração de plano de trabalho em pares. Os encontros virtuais alternaram momentos de discussão e leitura de textos recomendados.

Antes do início do curso, os participantes inscritos preencheram um formulário eletrônico da ferramenta Google Forms e ofereceram informações que nos ajudaram a traçar o perfil do grupo e a mapear os conhecimentos e as expectativas dos participantes em relação ao tema e curso. Inicialmente, os participantes responderam perguntas sobre faixa etária, formação profissional, campo de atuação profissional na educação básica. Nosso objetivo era ter um grupo de professores e professoras atuantes na educação básica. A segunda parte foi composta por perguntas sobre o uso do documentário na escola por parte dos participantes, buscando identificar a periodicidade e o tipo de uso, a origem das obras filmadas e as dificuldades encontradas pelos profissionais para o uso do recurso didático em sala de aula. Por fim, os participantes descreveram alguma experiência pedagógica na qual utilizaram o filme documentário como recurso didático.

##### **4.1. Traçando o perfil do grupo**

Na primeira seção do formulário, identificamos que os participantes do curso são profissionais da educação básica com faixa etária entre 20 e 45 anos de idade, majoritariamente com formação acadêmica de nível superior com pós-graduação (especialistas e mestres). O campo de atuação do grupo é nas ciências humanas, em especial na Geografia, História,

Ciências Sociais e Letras. O grupo possui, majoritariamente, menos de 10 anos de tempo de magistério, o que os coloca como profissionais em desenvolvimento no processo de formação docente. Apenas uma participante possuía acima de 10 anos de magistério. No que diz respeito ao local de atuação profissional, o grupo é heterogêneo com metade dos sujeitos da pesquisa atuantes em instituições públicas e outra metade em instituições privadas. A maioria atuante no ensino médio. Com o perfil descrito, o grupo encaixa-se na proposta do curso e da pesquisa. O objetivo era reunir profissionais com pouco tempo de magistério, atuantes na educação básica e no campo das ciências humanas.

Na segunda seção, com perguntas sobre o uso de documentários na sala de aula, os participantes relataram majoritariamente que o documentário é um recurso didático pouco utilizado nas suas respectivas aulas, o que é motivado pelas dificuldades para o uso. As dificuldades a seguir foram apontadas pelo grupo:

- a. A falta de tempo para o conteúdo curricular extenso;
- b. A falta de recursos tecnológicos necessários;
- c. A duração dos filmes que extrapola o tempo de aula;
- d. A linguagem pouco acessível;
- e. O conteúdo enfadonho da maioria dos filmes;
- f. A indisciplina dos estudantes;
- g. A falta de domínio da linguagem cinematográfica; e
- h. A dificuldade de acesso aos filmes.

Apesar de terem citado a dificuldade de acesso aos filmes, os sujeitos da pesquisa demonstraram conhecimento sobre onde podem encontrar filmes. A plataforma de compartilhamento de vídeos Youtube e a provedora global de filmes e séries de televisão via streaming Netflix foram as origens mais citadas. 90% dos participantes sinalizaram o uso dessas plataformas digitais.

Um dado importante para a nossa pesquisa era saber como eles utilizavam o documentário em sala de aula. Metade do grupo utiliza para iniciar uma aula ou contextualizar um fato ou fenômeno. A outra metade sinalizou o uso do documentário como uma fonte de informação. Nenhum participante apontou o uso para finalizar uma aula sobre determinado assunto. Para a pesquisa, as respostas dos participantes confirmam o pouco uso do documentário na sala de aula e quando utilizado, tem por objetivo contextualizar apenas um determinado conteúdo. Assim, tornou-se importante discutir e planejar para eles situações

pedagógicas tendo o uso do documentário como um detonador pedagógico - um recurso didático que explore uma teia de conhecimentos, tendo a pesquisa como princípio educativo.

Na última seção, com relatos de práticas educativas com uso do documentário em sala de aula, os participantes descreveram diferentes situações de aula. Cabe salientar que, apesar do pedido de um registro detalhado, os relatos foram bem objetivos. A seguir são descritas as situações de aula relatadas:

- A simples exibição de um filme com o posterior debate em sala de aula;
- A exibição de um filme para contextualizar a importância de um bioma brasileiro;
- A exibição de um filme para a elaboração de uma resenha crítica.
- A exibição de um filme em fragmentos para a discussão em sala;
- A realização de aula expositiva sobre um determinado assunto com a recomendação de um filme para ser assistido em casa pelo estudante para posterior discussão e pesquisa sobre o assunto abordado;
- A exibição de um filme para os estudantes responderem em grupos uma série de perguntas que alimentaram o desenvolvimento de um projeto interdisciplinar;
- A exibição de um filme para fins de análise da linguagem.

Todos os filmes citados são longas-metragens, com duração acima de 70 minutos, com exceção apenas de um filme, o que justifica algumas das dificuldades listadas pelos participantes. Para o uso do documentário, o desafio é fazer um bom planejamento e curadoria para inseri-lo num contexto de aula com tempo reduzido, com linguagem acessível e com a infraestrutura necessária. A maioria das práticas educativas abordaram assuntos de cunho social e político. Duas experiências abordaram conteúdos socioambientais e apenas uma explorou a linguagem cinematográfica. As escolhas temáticas convergem com a proposta da pesquisa, porém, mostram a necessidade de pensar e apropriar-se da linguagem cinematográfica para trabalhar as diferentes interpretações que um filme pode oferecer, indo além dos argumentos e dos contextos temáticos. Nas situações de aula descritas, o documentário como recurso didático aparece de diferentes formas: na contextualização de um assunto; como fonte de informação para a produção de uma tarefa individual ou para o desenvolvimento de um projeto coletivo; ou em situações com ou sem mediação do professor, tratando-o como uma fonte de informação. Pela falta de detalhe nos registros, não foi possível reconhecer os desdobramentos do uso.

Na última questão do formulário, os participantes expuseram suas expectativas para a realização do curso: o que desejava-se aprender nele? De modo geral, a expectativa do grupo

era a busca por novas metodologias de ensino, com foco na dinâmica da aula, o que é plausível frente a proposta do curso divulgada. No entanto, cabe salientar o interesse na melhor apropriação da linguagem cinematográfica e no desenvolvimento do letramento midiático. Considerando as respostas, por mais que haja uma preocupação com a ampliação do repertório de filmes, os participantes demonstraram desejo por novas situações de aprendizagem e por novas técnicas de ensino. De certa forma, as expectativas deles atende nosso interesse em querer discutir e provocar a reflexão sobre as técnicas de ensino, os recursos didáticos e as estratégias de aprendizagem.

## **4.2. Letramento midiático na escola**

O primeiro módulo do curso de extensão abordou a questão do letramento midiático na escola. Nesta etapa, os professores participaram de um fórum de discussão na plataforma Moodle e tiveram um encontro presencial com o pesquisador. No fórum de discussão, os participantes responderam e debateram a seguinte questão: *como o documentário pode ajudar na construção do conhecimento em sala de aula?*

### **4.2.1. O documentário e a construção do conhecimento**

No primeiro fórum de discussão, tivemos a participação de oito professores. Cada um respondeu a pergunta e comentou a resposta de uma outra pessoa. A primeira reflexão foi da professora N01 na qual ela destaca:

Pela minha experiência, o documentário pode ser uma forma mais dinâmica de trazer as mesmas informações que estão nos livros ou que nós mesmo professores queremos transmitir mas que pode ficar monótono numa aula expositiva. O documentário é a oportunidade de os alunos terem acesso a mais informações, confiáveis, ouvirem depoimentos, verem exemplos e terem mais informações para formarem a própria opinião e debater um tema (extraído na íntegra).

Ao analisar essa primeira reflexão, reconhecemos a importância do documentário como fonte de informação e como uma oportunidade de colocar o estudante frente a outra realidade. Busca-se, por parte do estudante, uma análise sobre o que é diferente, fora da sua realidade, em muitas situações. Porém, é importante enfatizar a colocação da professora S01, quando ela comenta a resposta da professora N01:

A respeito da frase: "O documentário é a oportunidade de os alunos terem acesso a mais informações, confiáveis, ouvirem depoimentos, verem exemplos e terem mais informações para formarem a própria opinião e debater um tema." Acho importante enfatizar que cada aluno reflete e recebe as informações expostas no documentário de maneira única e singular, possuindo autonomia na construção do seu próprio conhecimento. Nesse sentido, é muito

rico o debate e a troca de diferentes pontos de vista em sala de aula para que as ideias e reflexões sejam compartilhadas.

Ou seja, para quaisquer recursos didáticos (um livro, uma reportagem, um filme), é importante colocar os diferentes pontos de vista em discussão. Por meio da troca de ideias, informações e reflexões, é possível construir coletivamente o conhecimento. Assim, exibir um filme e promover uma experiência de diálogo é algo essencial para a prática educativa, sendo, a nosso ver, indissociável. Reforçamos, deste modo, a sua importância como prática educativa na sala de aula, ou seja, defendemos o diálogo como a oportunidade da análise do outro e da autoanálise pelo outro. É imprescindível dialogar para mudar, formar e transformar através das trocas de experiências o nosso pensamento em relação ao outro, individualmente e coletivamente, e ao mundo. Pelo ato de falar e escutar, pratica-se os valores democráticos, como nos enfatiza Paulo Freire (1996, p. 128-127):

[...]o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com eles. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele, mesmo que, em certas condições, precisa de falar a ele. O que jamais faz quem aprende a escutar para poder falar com é falar impositivamente.

Dando continuidade ao pensamento desenvolvido anteriormente, a professora S01 destaca que o uso do documentário pode contribuir para a superação do modelo tradicional de ensino, no qual a reprodução, a cópia e a repetição são atitudes valorizadas nos estudantes:

Acredito que o documentário seja um importante instrumento pedagógico por promover debates, possibilitar trocas, aprofundar certos assuntos e discussões além de aproximar os alunos de uma dada realidade e ser lúdico. Documentários contextualizam temas e mostram, visualmente, como um determinado conhecimento existe na vida real, dando um significado prático para o que é visto somente na teoria. A partir dele, é possível fazer debates sobre a interpretação de cada aluno, misturando e contrapondo os diversos pontos de vista. Documentários também são importantes pois fornecem dados e informações de forma datada e com ideias encadeadas, sendo fundamentais no que diz respeito à construção de novos conhecimentos. À exemplo do conteúdo "biomas brasileiros", o uso de documentários pode ser interessante no sentido de mostrar as características de certo bioma, sua importância política, econômica e social; seus impactos para o meio ambiente bem como a consequência de seu desmatamento a longo e curto prazo para o ambiente e para a população.

Vale ressaltar que os assuntos abordados pelo documentário precisam ter um embasamento teórico para que façam sentido para os alunos, embasamento esse que normalmente é norteado pelo professor. A partir do documentário assistido, é possível planejar e executar diversas atividades que envolvam toda a turma, trabalhando o coletivo e organizando diferentes pontos de vista. Nesse sentido, se constrói uma educação coletiva em que há trocas entre alunos e entre professores e alunos e envolva todos - saindo do modelo

tradicional de educação onde só professor detém o conhecimento. Observa-se cada vez mais o desinteresse dos alunos em aulas expositivas e monótonas e a crescente utilização de tecnologias dentro e fora da escola (extraído na íntegra).

No entanto, cabe salientar que, para atingir tal objetivo, é importante exercer a atitude de dúvida, de questionamento frente a obra fílmica. Assim, ao assistir um filme, precisamos colocar todas as ‘verdades’ em cheque, refazendo perguntas básicas sobre quem fala, em que contexto fala, em que cenário, com quem fala, entre outras. Colocar em prática, o que Pedro Demo (2000) aponta como questionamento reconstrutivo: à medida que o aluno se torna um sujeito ativo, ele passa a questionar o conhecimento e a realidade para saber o porquê das coisas, além de adquirir a independência crítica. Logo, este questionamento serve para renovar o conhecimento. O questionamento reconstrutivo é o cerne da pesquisa, é o cerne da educação. Pesquisa é a emancipação do aluno à medida que ele questiona a realidade. Tal pensamento é lembrado, de certa forma, pela professora D01, ao comentar a resposta da professora S01:

Compartilho sua opinião, mas turmas têm diferentes características (nem vou dizer pessoas) algumas não estão preparadas argumentativamente para sustentar uma discussão. O recurso é contemporâneo, objetivo e alinhado com os novos parâmetros, no entanto como é construído dentro de uma perspectiva, precisa ser espalhado para não ser observado como verdade absoluta. Sempre cabe uma dúvida para construção de conhecimento.

Em outras duas respostas, a professora D01 e o professor A01 lembram que a adoção de filmes na sala de aula converge com a proposta da Base Nacional Curricular Comum (BNCC). A seguir, eles descrevem o que pensam sobre o assunto:

“Como professora e cinéfila já usei vários filmes para edificar conteúdos, mas especificamente documentários, ainda não criei esta possibilidade. Documentários se caracterizam por “uma visão da realidade por meio da tela”, perspectiva esta que agrega conhecimento e que precisa ser trabalhada previamente com o olhar de outras contribuições sobre o mesmo tema. Por si só, como costume presenciar, filmes muitas vezes são passados para preencher horários vagos ou ausência de conteúdo para uma aula, o que não faz nenhum sentido. Porém, sobre o artigo citado, criando uma mentalidade para respaldar o uso ou se pensarmos numa situação imediata, com poucos recursos, leituras e debates com diferentes abordagens discutidas antes da exibição, são peças necessárias, respaldadas pela BNCC, que efetivamente colaboram para uma visão reflexiva e crítica que é o ponto fundamental que norteia a boa educação” (Professora D01).

“Como bem lembrado pela Denise, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) ressalta que “contemplar de forma crítica essas novas práticas de linguagem e produções, não só na perspectiva de atender às muitas demandas sociais que convergem para um uso qualificado e ético das TDIC – necessário para o mundo do trabalho, para estudar, para a vida cotidiana etc. –, mas de também fomentar o debate e outras demandas sociais que cercam essas

práticas e usos". Assim, como poderíamos em sala de aula analisar o impacto que o documentário tem na maneira de nos relacionarmos como sociedade? Como vamos além do conteúdo do documentário analisando e debatendo o próprio meio? Nesse contexto, vale refletirmos sobre a citação de Zygmunt Bauman "Vive-se a própria vida como uma história ainda a ser contada, mas a forma como deve ser tecida a história que se espera contar decide a técnica pela qual o fio da vida é tecido." Isto é, a utilização da técnica - o documentário - altera a maneira como a mensagem do conteúdo se relaciona com a vida dos alunos" (Professor A01).

No documento da BNCC, duas competências são descritas referente ao uso de tecnologias na escola com foco no cinema. Na competência geral 4, indica-se:

Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo (BRASIL, 2018, p. s/d).

Em seguida, na competência geral 5, destaca-se:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (BRASIL, 2018, p. s/d).

Considerando as competências da BNCC em destaque, adotar o cinema como recurso didático é valorizar uma tecnologia que encanta, provoca e comove as pessoas em todo o mundo há mais de um século. Como uma narrativa clássica, o cinema envolve diferentes modos de expressão cultural da sociedade contemporânea e muitos elementos que vão além das imagens, como composição visual e sonora, roteiro, narrativa, figurino, performance artística, entre outros elementos que nos apresentam uma linguagem interdisciplinar. No entanto, é preciso saber utilizar o cinema na educação como fonte de conhecimento desse imaginário. De acordo com Napolitano (2007), “é preciso que a escola vá além das experiências cotidianas, propondo leituras mais ambiciosas além de puro lazer, incentivando o aluno a se tornar um espectador mais exigente e crítico, propondo relações de conteúdo/linguagem do filme com o conteúdo escolar”. Tal percepção sobre o uso do documentário na sala de aula é reforçado pela professora I01, sendo que, ela vai além:

[...] Muitos de vocês ressaltaram a importância do documentário enquanto fonte de informação, um recurso audiovisual que expõe temas e pode ajudar os alunos (a partir de uma discussão guiada pelo educador) a compreender determinado assunto.

Pessoalmente eu prefiro a ideia de documentário como "documento + inventário" (vou buscar a referência para a próxima aula), ou seja, filme que mistura informação e criação. O modelo de documentário tradicional

expositivo é apenas uma das muitas formas de documentário (entre os que citamos em sala citamos, destaco o poético, o reflexivo e o performático). Acredito que documentários que versam sobre temas específicos de forma didática (baseados em entrevistas ou narração em off sobre imagens de arquivo) não são tão diferentes de vídeo-aulas ou reportagens televisivas, e por isso não despertam muito o interesse dos alunos. Claro que é eles podem apresentar pontos de vista diferentes daqueles apresentados pela mídia tradicional (e isso é muito importante!), mas quanto a despertar o olhar para novas linguagens, pode deixar a desejar.

Ao destacar a questão do interesse dos estudantes, a professora I01 discute a necessidade de ir além do documentário informativo e expositivo. De certa forma, todos os professores destacaram a questão como um desafio. Explorar documentários poéticos, performáticos e reflexivos contribuem para despertar a curiosidade por meio das expressões que vão além do depoimento, da informação. Coloca-nos a pensar a obra filmica como uma experiência que desenvolve a competência do ver, do sentir e da empatia. É desenvolver reflexão crítica, uma percepção artística. É apresentar aos estudantes novas formas de ver e experimentar o cinema por meio dos seus significados, sua filosofia e sua dimensão crítica e transformadora na arte. Neste caminho, o cinema e o documentário pode ser algo a mais do que a simples apreciação e pensar a sua produção com os estudantes com participação ativa no processo de construção de conhecimentos.

Em resumo, a partir das contribuições dos professores e das reflexões sobre a teoria e do diário de observação das aulas, entendemos o cinema, mais especificamente, o documentário, como um recurso e estratégia didática que traz para a sala de aula a discussão e o desenvolvimento do pensamento crítico. Ele é instrumento e meio para fazer leituras de mundo, para colocar-se no lugar do outro, para gerar embate com outras realidades, para ser uma fonte de informação e para ser questionado numa atitude criadora dentro do processo de construção do conhecimento escolar.

#### 4.2.2. O documentário e o letramento midiático.

Após o primeiro encontro na plataforma Moodle, os participantes fizeram a leitura do texto de Evelyne Bévort e Maria Luiza Belloni sobre mídia-educação e tivemos o primeiro encontro presencial. Neste encontro, nosso objetivo era refletir sobre o papel da mídia-educação na sala de aula e planejar como podemos desenvolver o letramento midiático por meio do uso de documentários na escola.

Neste primeiro encontro presencial, antes de qualquer exposição do pesquisador, os oito professores e professoras presentes produziram uma nota reflexiva sobre a seguinte questão:

*considerando o papel da mídia-educação na escola, o que eu faço para educar crianças e jovens para as mídias na sala de aula?* Com a nota reflexiva, nosso objetivo era avaliar e mapear como o letramento midiático é desenvolvido pelos professores em sala de aula.

Assistir um vídeo, ler um texto ou receber um meme nas redes sociais ou em algum aplicativo de comunicação instantânea são situações comuns nos dias atuais com o avanço das novas tecnologias da informação e comunicação. Informar, conhecer e educar não são ações restritas ao âmbito familiar e escolar. Cada vez mais, as redes sociais digitais exercem influência na formação de opinião, como fonte de informação e na construção do conhecimento. Sendo, desta forma, necessário pensar e refletir sobre qual é o papel da escola e das mídias no processo educacional. E, para isso, entender o que é o campo da mídia-educação, avaliar o trabalho docente neste sentido e identificar as melhores estratégias para o letramento midiático tornam-se ações urgentes para a escola e seus professores. Assim, ao levantar a questão sobre o que fazemos para educar para as mídias na escola, deseja-se avaliar e mapear possibilidades para a construção de um processo educativo crítico.

Nas notas reflexivas, o grupo de oito professores e professoras reconhece a influência das mídias na educação de crianças, jovens e adultos, como era esperado. Entendem ser importante a análise crítica das mídias como conteúdo e ferramenta. Relatam seus usos apenas como fonte de informação. Entretanto, nos textos produzidos, é possível identificar bons caminhos para a reflexão sobre o letramento midiático na escola. De primeira, podemos explorar as mídias e o documentário como objeto de estudo, como um texto a ser lido, questionado e pesquisado em busca da informação e do conhecimento. Para isso, é importante diversificar as linguagens midiáticas, estabelecer comparações e o professor exercer um bom trabalho de curadoria dos filmes e das demais fontes de informação. De acordo com a **nota reflexiva 02**, *“para além de já levar o material, [a professor(a) procura] sempre indicar canais onde os alunos possam fazer pesquisas ou terem acesso diverso a conteúdos com informações confiáveis”*. Neste sentido, acreditamos que, em tempos de notícias falsas e montagens audiovisuais com objetivos escusos, o professor do século XXI assume um importante papel de gestor da informação e de curador das fontes de informação com vistas a estimular os estudantes a pensar, identificar e usar fontes de informação com qualidade e confiáveis. Assim, conforme apontam Pedro Demo (2000) e Paulo Freire (1996), ensinar exige rigorosidade metódica, pesquisa e curiosidade para ir em busca do conhecimento. É necessário fazer da pesquisa uma atitude cotidiana de professor e estudante. Quando o documentário é um objeto de estudo, conforme sinaliza a **nota reflexiva 01**, temos a oportunidade de explorar a curiosidade dos estudantes para os assuntos, mas que, apenas se efetiva, quando provocamos a reflexão e a

participação com boas perguntas. No entanto, no diálogo com os participantes do curso, foi possível perceber que fazer boas perguntas é um grande desafio no trabalho docente.

Ao defender o uso do documentário como um detonador pedagógico, a ação docente de fazer boas perguntas para mobilizar os estudantes é essencial. Parte-se da ideia freireana de que uma boa pergunta é aquela que lhe faz refletir sobre sua prática e que lhe mobilize para uma ação futura. De acordo com Freire e Faundez (1985, p. 26):

[...] a nossa preocupação pela pergunta, em torno da pergunta, não pode ficar apenas a nível da pergunta pela pergunta. O importante, sobretudo, é ligar, sempre que possível, a pergunta e a resposta a ações que foram praticadas ou a ações que podem vir a ser praticadas ou refeitas. Eu não sei se fica claro o que digo. Parece-me fundamental esclarecer que a tua defesa e a minha, do ato de perguntar, de maneira nenhuma tornam a pergunta como um jogo intelectualista. Pelo contrário, o necessário é que o educando, ao perguntar sobre um fato, tenha na resposta uma explicação do fato e não a descrição pura das palavras ligadas ao fato. É preciso que o educando vá descobrindo a relação dinâmica, forte, viva, entre palavra e ação, entre palavra-ação-reflexão. Aproveitando-se, então, exemplos concretos da própria experiência dos alunos durante uma manhã de trabalho dentro da escola, no caso de uma escola de crianças, estimulá-los a fazer perguntas em torno da sua própria prática e as respostas, então, envolveriam a ação que provocou a pergunta. Agir, falar, conhecer estariam juntos.

Nesse sentido, fazer perguntas para estudantes não é buscar respostas imediatamente e, sim, levantar novas perguntas, criar hipóteses que possam provocá-los para a dúvida, ao questionamento, a pesquisa e a construção coletiva do conhecimento.

De forma geral, os professores destacaram questões muito parecidas que envolviam a necessidade de uso de múltiplas linguagens, a ampliação de repertório para a busca pela informação e o desenvolvimento de conteúdos procedimentais para a pesquisa. Assim, percebeu-se a importância de trabalhar e listar quais elementos contribuem para o letramento midiático.

Para atingir tal objetivo, os professores foram divididos em três grupos e foram orientados para a elaboração de um plano de trabalho pedagógico que explorasse um filme documentário e suas respectivas questões. Dentre um conjunto de seis obras fílmicas com duração máxima de 30 minutos, o grupo escolheu o documentário *Guerra Sem Fim - Resistência e Luta do Povo Krenak*, de Vitor Blotta e Fabrício Bonni, lançado no ano de 2016 e disponível em plataformas de vídeos digitais. O filme narra a história, resistência e luta contra o extermínio, em especial no período da ditadura militar, do povo indígena Krenak. Ele traz depoimentos de membros da etnia Krenak e de especialistas, colhidos pelo Ministério Público Federal de Minas Gerais e pelo GT sobre Povos Indígenas e Ditadura Militar da 6ª Câmara de Coordenação e Revisão do MPF, que têm proposto ações em defesa dos direitos do povo

Krenak. Por meio do filme como detonador pedagógico, os três grupos preencheram a tabela de planejamento de uma sequência didática a seguir:

Quadro 1 – Plano de Trabalho do Primeiro Encontro do Curso de Extensão

<p><b>Problema</b> (Qual é a questão a ser abordada por meio do filme?)</p>	<p><b>Conteúdos</b> (Quais são os conteúdos que podem ser explorados por meio do filme?)</p>
<p><b>Objetivos</b> (Quais são os objetivos de aprendizagem e/ou de aula para serem alcançados por meio do filme?)</p>	<p><b>Elementos para o letramento midiático</b> (Que elementos pode ser explorados no filme?)</p>

Fonte: O autor, 2019.

A tabela era composta por quatro quadrantes. O primeiro quadrante intitulado Problema era para ser preenchido com questões e perguntas para os estudantes. No segundo quadrante, intitulado Conteúdos, os participantes deveriam listar os conteúdos conceituais e procedimentais que poderiam ser desenvolvidos com os estudantes. No terceiro quadrante, intitulado Objetivos, deveria ser preenchido com os objetivos do professor com a aula e/ou aprendizagem dos estudantes. No quarto e último quadrante, intitulado Elementos Para o Letramento Midiático, os participantes deveriam preencher com elementos que podem ser explorados num documentário para o desenvolvimento do letramento midiático. Neste plano de trabalho seria o nosso primeiro exercício de planejamento pedagógico com o uso do

documentário como detonador pedagógico. Nesta etapa, explicou-se o uso do documentário como provocador de perguntas, hipóteses, ideias e reflexões para a construção de uma teia de conhecimentos sobre assuntos que se desdobram.

Ao analisar os três planos de trabalho produzidos, é possível fazer algumas constatações sobre as facilidades e as dificuldades dos professores e professoras no planejamento da sequência didática indicada. Inicialmente, os participantes demonstraram dificuldades na escolha do problema por meio de perguntas. Dois grupos sinalizaram temas e um grupo elaborou pergunta. Segundo eles, é bem mais comum pensar nos conteúdos do que em boas perguntas para os estudantes. Pensar em conteúdos e objetivos de aprendizagem é algo mais corriqueiro no seu cotidiano de trabalho. Ao pensarem sobre elementos para o letramento midiático, os grupos sinalizaram:

- A compreensão sobre a narrativa do filme, buscando a valorização da fala e apresentando os personagens protagonistas de suas próprias histórias.
- A questão das audiovisuais, explorando os efeitos da presença de certos cantos indígenas.
- A discussão sobre os diferentes discursos: do Estado e do povo Krenak.
- A variação linguística, quando o filme apresenta depoimentos em língua portuguesa e em língua indígena.

Com base na análise da atividade, o pesquisador estabeleceu um diálogo com os participantes e pontuou algumas questões acerca de quais elementos poderiam ser explorados para o letramento midiático por meio de documentários.

Considerando os escritos sobre mídia-educação de Evelyne Bervort e Maria Luiza Belloni, o ponto de partida foi a necessidade de romper com a ideia de educação paralela entre mídias e escola. As mídias devem ser analisadas dentro do processo educativo escolar, seja como objeto de estudo, seja como ferramenta pedagógica. Segundo as autoras,

[...] é importante considerar esta integração, na perspectiva da mídia-educação, em suas duas dimensões inseparáveis: objeto de estudo e ferramenta pedagógica, ou seja, como educação para as mídias, com as mídias, sobre as mídias e pelas mídias. Somente assim a escola poderá cumprir sua missão de formar as novas gerações para a apropriação crítica e criativa das mídias, o que significa ensinar a aprender a ser um cidadão capaz de usar as TIC como meios de participação e expressão de suas próprias opiniões, saberes e criatividade (BERVOLT e BELLONI, 2009, p. 1084).

Numa perspectiva crítica da educação, a escola deve formar estudantes como leitores críticos das mídias, fazendo-os identificar e refletir sobre os discursos, as representações, as ideologias e os sujeitos que estão por trás da criação e da difusão da informação. Pois, só assim

garante-se a cidadania num contexto de avanços das tecnologias digitais e numa sociedade da informação e comunicação. Ou seja, apropriando-se dos escritos de Soares, define-se que

[...] indivíduos ou grupos sociais que dominam o uso da leitura e da escrita e, portanto, têm as habilidades e atitudes necessárias para uma participação ativa e competente em situações em que práticas de leitura e/ou escrita tem uma função essencial, mantêm com os outros e com o mundo que os cerca formas de interação, atitudes, competências discursivas e cognitivas que lhes conferem um determinado e diferenciado estado ou condição de inserção em uma sociedade letrada (SOARES, 2002, p. 146).

E converge, neste contexto da cultura das telas, uma necessidade de saber ler e escrever na cultura midiática, ser letrado para as mídias, ter habilidades para a identificação dos diferentes tipos de mídias e na interpretação das informações e mensagens criadas e difundidas pelas mídias. Em entrevista para a Revista Nova Escola, a pesquisadora Renee Hobbs (2018, p. s/d), especialista em Mídia-Educação, destaca:

Alfabetização midiática não é uma propriedade que alguém pode ou não ter, algo como eu tenho e você, não. É um processo, um hábito que nossa mente desenvolve e que está enraizado na sociedade de informação. Nós temos vivido em uma sociedade de informação por muito tempo, o que traz muitas escolhas. Os critérios para essas escolhas variam bastante. Muitas pessoas buscam conhecimento para se manterem informadas, outras procuram entretenimento para se divertir e há pessoas que estão usando persuasão para influenciar a opinião alheia. Essa explosão de escolhas nos leva a escolhas complexas – e os seres humanos não gostam de complexidade. Se há um atalho, nós tomamos, se nos oferecem uma resposta simples, nós aceitamos.

A pesquisadora também aponta que o aprendizado midiático envolve habilidades de acesso (audição, leitura, compreensão), análise, colaboração criativa, além de reflexão.

De certa forma, toda a preocupação com a educação para as mídias é motivada pelo desejo da não-conformidade dos modos de consumo da informação e das práticas de comunicação nos dias atuais. Assim, conforme nos aponta Freire (2013, p. 63),

A educação funciona como um instrumento para facilitar a integração da geração mais jovem com a lógica do sistema atual, o que pode gerar conformidade ou se transformar na prática da liberdade, meio pelo qual homens e mulheres lidam de forma crítica e criativa com a realidade e descobrem como participar na transformação do seu mundo.

Sendo assim, no contexto da sociedade da informação, desenvolver competências para a leitura crítica das mídias, ou melhor, *“competências midiáticas que correspondem à capacidade de compreender e usar as mídias de uma forma inteligente, ativa, participativa, em oposição completa ao consumo compulsivo, inconsciente e massivo que normalmente são as práticas de nossa dinâmica com as tecnologias de comunicação e informação”*, conforme apontou o

pesquisador José Ignacio Aguaded, professor da Universidade de Huelva, na Espanha, durante palestra de abertura do II Congresso Internacional sobre Competências Midiáticas.

Em documento recente publicado pelo coletivo Mídia Makers (2019), intitulado Introdução à Educação Midiática, são estabelecidas metas para a educação midiática. Sendo assim, indo da avaliação mais ampla das mídias para avaliação do potencial de letramento midiático por meio do filme documentário, espera-se que professores e estudantes sejam capazes de:

1. Acessar uma ampla gama de ferramentas digitais e ter flexibilidade para encontrar e adaptar-se as novas ferramentas.
2. Realizar, de forma habitual, a análise crítica de textos de mídia em qualquer formato.
3. Demonstrar habilidades de produção de mídia fundamentadas em uma escrita técnica ou criativa bem desenvolvida.
4. Demonstrar habilidades de busca, curadoria e produção do conhecimento.
5. Demonstrar capacidade de solucionar problemas, buscar ajuda e atuar fazendo uso de recursos de mídia.
6. Utilizar de recursos de mídia para auto-expressão e interação com outros de forma responsável e consciente.

Em resumo, pautado nas contribuições dos professores participantes do curso de extensão e das referências teóricas sobre o assunto, o uso do documentário na sala de aula deve abranger diferentes tipos, conforme a ilustração a seguir. Explorar os diferentes tipos de documentários é criar formas diferenciadas de apreciação da imagem, da narrativa, das alegorias, das mensagens, indo além da simples ilustração de um tema.

Quadro 2 – Tipos de Documentários

Tipo	Características
Expositivo	- Preocupação maior com a linha de argumentação do que com a forma. - Naturalismo e verossimilhança: narração (OFF) dialoga e reforça o sentido das imagens.
Poético	- Forma é priorizada: planos e montagens elaborados com fins estéticos. - O texto pode incorporar poemas ou fragmentos de obras literárias.
Observativo	- Procura captar a realidade tal como ela acontece, com menor interferência possível. - Descarta o uso de narração ou trilha sonora. Diretor e equipe não aparecem.

Participativo	- Participação do autor e da equipe é valorizada. Situações são provocadas no contexto de realização do filme (vídeo). - Utiliza entrevistas, depoimentos e, eventualmente, trilha sonora.
Reflexivo	- Os próprios procedimentos de realização do documentário são mostrados. - Participantes do filme podem, por vezes, ver e opinar e até mesmo filmar parte do trabalho.
Performático	- Subjetividade do autor é explicitamente exposta. Intersubjetividade questiona um sujeito transcendental.

Fonte: Adaptado pelo pesquisador. Regiões Narrativas. Laboratório Audiovisual. Retirado de: <https://regioesnarrativas.com.br/2014/09/02/28-ago-tipos-de-documentarios/>.

A partir de um documentário escolhido, recomenda-se explorar a linguagem cinematográfica para desenvolver a percepção artística e discursiva da obra cinematográfica. Por mais que os documentários sejam frutos de trabalhos aprofundados e sérios, contando em muitos casos com assessorias pedagógicas competentes, o professor deve evitar partir do princípio que a abordagem dada pelo documentário é a única possível ao tema retratado ou que o conteúdo mostrado é a realidade social ou a verdade científica sobre o assunto. O documentário, mesmo o mais didático e voltado para o público escolar, é um gênero de filme que implica um conjunto de regras de linguagem para a elaboração do roteiro, técnicas de filmagem, princípios de montagem e edição, ou seja, implica um conjunto de escolhas dos profissionais envolvidos na sua realização (até porque seria impossível uma abordagem totalitária e unívoca de um problema social ou fenômeno natural). (NAPOLITANO, 2015, p. 31).

Quadro 3 – Linguagem Cinematográfica

Elementos	Características
Narrativa	Todo e qualquer discurso oral, escrito ou audiovisual de um fato real ou imaginário.
Audiovisual	Meio que transmite mensagens por meio da combinação simultânea de sons e imagens.
Enquadramento	Recorte da imagem pela lente da câmera.
Iluminação	Arte de iluminar a cena que se vai gravar, para dar o efeito desejado.
Corte	Efeito que junta uma cena a outra.
Efeito especial	Recurso mecânico ou técnico que altera a imagem ou o som para produzir um efeito desejado.

Fonte: s/d.

Por letramento midiático, inspirado nos escritos de Soares (2006), Setton (2010) e Napolitano (2015), entendemos como uma competência resultante do estudo sobre a relação entre mídia e educação, ao reconhecer o conjunto de informações, valores, representações e discursos presentes nas mídias e a sua necessidade de mediação por parte do professor entre as obras midiáticas e os estudantes. O processo envolveria a identificação desses elementos e sua respectiva desconstrução e reconstrução para a construção do conhecimento. Sendo o filme documentário, o objeto de estudo a ser desconstruído e reconstruído dentro do processo educativo.

### **4.3. Por práticas colaborativas na sala de aula**

Ao pensar a sala de aula em contextos educacionais mais desafiadores, defendemos a prática do diálogo e da colaboração como mecanismos para a construção do conhecimento. Teoricamente, esses novos contextos de aprendizagem são influenciados pela Era das Relações (MORAES, 1997) e pelo avanço das tecnologias digitais (LEVY, 1999; KENSKY, 1998). Nos dias atuais, para atender as novas demandas sociais, exige-se mais conexão, inter-relacionamento, interconexão, visão de rede na formação dos cidadãos, para o trabalho e para a vida. Assim, motivado por esse pensamento, no segundo módulo do curso, queríamos saber dos participantes o que pensavam sobre o exercício de práticas colaborativas na educação. Com base na pergunta: “estamos preparados para aprender e ensinar por meio de práticas colaborativas em sala de aula? Por que? A turma de professores e professoras participou do fórum de discussão do segundo módulo na plataforma Moodle e escreveram seus pontos de vista sobre o assunto. Foram recebidas 6 respostas. Na avaliação delas, verificamos três pontos de vista que integram a discussão sobre as práticas colaborativas na educação:

- Os estudantes do século XXI não podem ter uma escola e professores do século XIX e XX, respectivamente.
- Estamos conectados e preparados para transformar a sala de aula.
- Somos professores em construção para o uso das novas tecnologias, porém, precisamos de formação, infra-estrutura e tempo.

A partir das respostas, comentaremos sua pertinência dentro do contexto da proposta da nossa pesquisa. Inicialmente, a professora I01, com referência ao filme Quando Sinto Que Já Sei, de Antonio Sagrado, Raul Perez e Anderson Lima, destaca que o trabalho docente precisa se adequar as novas demandas sociais, especialmente as práticas sociais de crianças e jovens mergulhados na Era Digital. Assim, ela diz:

[...] sobre a necessidade do professor se atualizar para não se tornar um profissional "parado no tempo" me lembraram um documentário sobre escolas alternativas no Brasil chamado "Quando sinto que já sei". Nele, uma diretora de um colégio faz a seguinte provocação. Segundo ela, se colocássemos um médico do século XVIII em uma sala de cirurgia atual, ele não saberia fazer absolutamente nada pois tudo mudou na medicina: está tudo informatizado, robotizado, os utensílios não são mais os mesmos, as cirurgias são feitas com auxílio de câmeras super modernas etc. Mas se trouxéssemos um professor do século XVIII para uma sala de aula do XXI, era capaz de os alunos nem verem a diferença. Muitas vezes parece que todas as áreas da nossa vida avançaram mas continuamos insistindo em um modelo de ensino cuspe e giz com alunos enfileirados olhando um para a nuca do outro. Isso precisa mudar! E a mídia educação é peça fundamental para a atualização do sistema de ensino.

O comentário da professora I01 é feito a partir do texto escrito pela professora C01, quando comenta:

Acredito que exista uma grande dificuldade de incorporação de outros meios e técnicas que fujam ao tradicional cotidiano escolar. Buscar o interesse e participação dos alunos num contexto em que diversos outros meios são sedutores a eles (redes sociais, principalmente) é uma grande tarefa. Com práticas que fogem ao usual eles se sentem, no mínimo, indagados a participar. A dificuldade está em adotar essa metodologia constantemente e driblar o planejamento. Isso exige um preparo muito grande do professor, isso exige um tempo que por vezes nos escapa do que nos é cobrado. Isso exige a colaboração da escola em disponibilidade de materiais (sejam eles datashow, televisão, ou papelarias) e até mesmo estímulos do corpo docente em busca de trabalhar em um projeto comum. Sem contar que, por vezes, em nossa própria formação isso se construiu de maneira deficiente.

Ambas apresentam a preocupação com a modernização do ensino, porém, a professora C01 destaca que adotar práticas colaborativas em sala de aula demanda um esforço coletivo que envolve professores, escola e estudantes. Ela reconhece a necessidade, mas adverte que os obstáculos são diversos e complexos. Analisando esse contexto mencionado pela professora C01, a professora D01, o professor J01 e o professor A01, destacam um movimento dos docentes na busca pela atualização da prática profissional e encaram o mundo como um ambiente cada vez mais conectado e tecnológico:

Estamos em plena transformação, todos os meus colegas de profissão, neste momento, buscam formas de atualização, creio que existe um reconhecimento de que aulas expositivas baseadas somente em práticas tradicionais não são atraentes e significativas. Podemos observar um movimento enorme em redes sociais que buscam incentivar novas práticas e trocas de conhecimentos. Antes para ter acesso a estas informações era preciso fazer um caminho solitário de pesquisas, hoje, conseguimos formar grupos com interesses específicos. Demos um grande salto em um espaço tão curto de grandes inovações, no entanto, para não permanecermos em um estágio mambembe, instituições deveriam incentivar proporcionando ferramentas, cursos e tempo. Na verdade, observo muito esforço individual e pouco tempo para o desenvolvimento de práticas colaborativas dentro dos estabelecimentos de ensino (professora D01).

Estamos preparados, pois estamos conectados o tempo todo e por meio das tecnologias a nossa disposição podemos utilizar os mecanismos a favor da informação em sala de aula mesmo que muitas vezes os currículos não consigam os docentes possuem a habilidade de colocar uma informação para os educandos. Seja para construção dos saberes, seja para trazer um dado sobre um tema relevante que precisa ser abordado (professor J01).

Primeiramente, devemos nos lembrar que o professor de hoje é o aluno de ontem. O aluno que passivamente era repetidor fiel dos ensinamentos dos seus professores, inclusive, na sua formação superior. Assim, além de reproduzirmos enquanto aluno o comportamento de nossos professores mestres e doutores, projetamos no aluno que "ensinamos" o aluno que nós fomos - no meu tempo, a escola era... - muitas vezes de forma saudosista. Além disso, os profissionais do magistério vêm sendo aos poucos excluídos da relação ensino-aprendizagem por não se adaptarem as condições de que a escola não é mais local exclusivo da educação, e conseqüentemente, o papel dos professores como fonte difusora de conhecimento vai sendo ressignificado principalmente após a disponibilidade de informações no ciberespaço. Sendo assim, os poucos que se preparam para uma aprendizagem colaborativa são aqueles que por esforços próprios tem buscado se atualizar, pois sabem que serão excluídos, alienados, eliminados como em diversas profissões que "param no tempo". Esses poucos professores buscam em atividades extracurriculares aprender: a trabalhar com e junto dos alunos; a mediar o processo de aprendizagem; a aprender outros procedimentos desenvolvidos em outras áreas, como a metodologia de projetos (professor A01).

Desta forma, a partir das contribuições dos professores e das reflexões teóricas desenvolvidas nesta pesquisa, podemos levantar algumas questões para a reflexão dos leitores e leitoras.

Concordamos com a necessidade de pensar uma outra escola no sentido plural e coletivo do conceito. É urgente criar condições para transformar o ambiente e a dinâmica escolar em algo mais coletivo e colaborativo. Questionamos o modelo tradicional no que diz respeito ao apelo individual e impessoal das práticas. Aulas expositivas, atividades individualizadas e avaliações individuais não são o cerne do problema. O problema é estabelecer um processo educativo calcado numa trajetória de dinâmicas padronizadas, rígidas e individualistas e em relações competitivistas. A escola do futuro, no sentido ampliado, é um espaço de experiência coletiva, de trocas, de apoio mútuo baseado em processos e práticas interdisciplinares, conforme Fazenda (1993, p. 69) nos diz: “[...] a metodologia interdisciplinar parte de uma liberdade científica, alicerça-se no diálogo e na colaboração, funda-se no desejo de inovar, de criar, de ir além e exercita-se na arte de pesquisar [...]”. Quando a pesquisadora fala: em liberdade científica, entendemos a atitude de pesquisar aquilo que é significativo e que gera curiosidade para professores e estudantes; em diálogo, pensamos numa escola aberta a fala e escuta afetiva para professores discutirem e planejarem ações coletivas; em colaboração, defendemos práticas colaborativas nas quais professores e estudantes sejam colocados a pensar nos valores democráticos, no trabalho em equipe e no conhecimento como algo socialmente

construído. O diálogo e o fazer junto devem estar entre os campos disciplinares, entre os sujeitos da educação e entre os espaços de aprendizagem.

Uma questão importante é pensar em práticas colaborativas que vão além do emprego das tecnologias digitais. Em nosso arcabouço teórico, a pesquisadora Marilda Behrens aponta a era digital como um dos elementos contribuintes para a aprendizagem colaborativa. Entretanto, apesar de reconhecer as facilidades criadas pelas tecnologias digitais, salientamos que existem diferentes possibilidades para o trabalho colaborativo na escola sem o uso das tecnologias digitais. Sentar junto, dialogar, escutar o outro, colocar-se no lugar do outro, comentar a opinião do outro, aprender com o diferente, fazer um texto em dupla são ações comuns para qualquer prática que envolva dois ou mais indivíduos conscientes da tarefa de construir coletivamente o conhecimento. Desta forma, quando estimulamos reflexões sobre o valor do diálogo na escola, queremos uma ação e reflexão que torne a escola como um espaço de múltiplas estratégias de aprendizagem - das atividades individualizadas, que ajuda-nos a organizar-se e apropriar-se do trabalho, até as atividades coletivas, que coloca-nos a refletir o que pensamos a partir do que pensa o outro. De tal forma que, conforme Paulo Freire aponta na Pedagogia do Oprimido, devemos ensinar, aprender e conhecer em comunhão.

Para sistematizar a reflexão sobre as práticas colaborativas em sala de aula, no segundo encontro presencial do curso de extensão, os cinco professores e professoras presentes escreveram em notas reflexivas o que pensavam sobre as facilidades e dificuldades para promover práticas colaborativas na sala de aula. Com os escritos, foi possível aprofundar nossas reflexões sobre os desafios enfrentados em cada contexto relatado pelos professores e professoras.

Em geral, os professores relataram a falta de motivação dos estudantes em sala como uma dificuldade para tornar a sala de aula mais colaborativa. Segundo eles, tais práticas são caracterizadas por ações de engajamento, de procedimentos de estudo e pesquisa e de organização do espaço que são desenvolvidas com dificuldades em cenários com falta de motivação. De certa forma, é compreensível o ponto de vista quando pensamos na cultura escolar tradicional na qual professores e estudantes são formados. Em muitas situações, ter o controle das ações da turma e do estudante é conseguir exercer o papel de professor e normalizar a dinâmica de um grupo para o trabalho escolar. No entanto, é importante pensar nas contribuições trazidas pelo texto escrito na nota reflexiva 01:

É difícil engajar todos os alunos quando eles não estão acostumados com essas práticas já que muitos vão ao colégio por obrigação e não demonstram interesse em participar. Também é difícil no início porque eles precisam desenvolver autonomia e saber trabalhar em grupo. Mas depois que essas

barreiras são vencidas, as aulas são, de maneira geral, mais dinâmicas, em alguns casos, mais desafiadoras e geram mais engajamento. As práticas colaborativas exigem que o professor esteja mais preparado, porém, à medida em que os alunos se desenvolvem, aulas deste tipo ficam menos cansativas por que tendem a ter menos indisciplina.

Neste relato, o(a) professor(a) traz um pouco da experiência e destaca a importância, em certa medida, das práticas colaborativas para tornar o espaço e tempo educativo mais desafiador, mais dinâmico e mais participativo. Ou seja, podemos pensar sobre a importância dos conteúdos procedimentais na sala de aula como uma estratégia de aprendizagem que coloca o estudante no centro do processo e o estimula a engajar-se para superar os desafios. O significado disso é ir além da tarefa repetitiva, do ato de repetir o que está feito, mas sim de buscar o fazer na criação com criticidade e autonomia. Como consequência, o aprender a fazer vem coligado com o desenvolvimento de aptidões que levam a pessoa a atuar na sua profissão com mais competência e habilidade (BEHRENS, 2000). Se consideramos a pesquisa como princípio educativo, as práticas colaborativas nos levam para a construção coletiva do conhecimento pautado em ações de pesquisa de cunho individual e/ou coletiva. Aprender a fazer junto é fruto de realizações, exercícios, modelos, reflexões sobre a prática e aplicação em contextos diferenciados (ZABALA, 1999).

Na nota reflexiva 02, o professor destaca uma questão importante sobre a responsabilidade de promover práticas colaborativas. Segundo ele, *“(...) [é uma dificuldade] quando na nossa prática do magistério não temos o apoio da direção, coordenação e supervisão pedagógica [para tal ação]. O que torna a prática do magistério um fardo”*. Tal ponto de vista é importante ser considerado. Tornar a escola num espaço marcado pela colaboração é um desafio para todos os sujeitos envolvidos na prática escolar. Para um professor sentir-se a vontade para lançar mão de tais práticas é de extrema importância ter o apoio da gestão da escola, especialmente tendo um movimento da equipe pedagógica em prol disso. No entanto, individualmente ou em projetos comuns entre professores, é possível mergulhar na ideia e criar condições e estratégias para o seu desenvolvimento. Para o professor será sempre um desafio administrar as condições multifacetadas dos grupos escolares, das turmas. Na nota reflexiva 03, a professora discute um detalhe importante no caminho para o emprego de práticas colaborativas:

Acredito que o princípio da colaboração por si só induz o trabalho coletivo - do grupo - o que facilita a prática. Agrupar, juntar, alunos promovendo uma atividade coletiva e horizontal é atrativo. Porém, misturar interesses, afetos, pensamentos, modos de ser, agir e pensar no todo é desafiador. Ou seja, a construção do conhecimento partindo da prática coletiva pode ser fácil mas

atingir o objetivo final pode vir a ser desafiador já que se misturem modos de ser, agir, pensar.

O desafio colocado pela professora é como administrar os interesses dos estudantes com a dinâmica tradicional do ensino. Neste ponto, o papel do professor e compreensão sobre a prática docente é crucial para transformar o processo educativo. O desafio surge quando colocamos a transmissão e a aquisição de conteúdos disciplinares como a prática reinante. Romper com essa prática, saindo do modelo de centralidade na fala do professor e estimulando os estudantes a construir em oposição a reproduzir o que se aprende traz elementos para pensar e planejar ações mais colaborativas. Conforme citação de Behrens (2000, p. 86), Cunha (1997) sugere que:

Uma ação pedagógica que leve à produção do conhecimento e que busque formar um sujeito crítico e inovador precisa focar o conhecimento como provisório e relativo, preocupando-se com a localização histórica de sua produção. Precisa estimular a análise, a capacidade de compor e recompor dados, informações e argumentos. Acrescida da valorização da ação reflexiva e da disciplina tomada como capacidade de estudar e de sistematizar o conhecimento, instiga o aluno a reconhecer a realidade e a refletir sobre ela.

Desenvolver práticas educativas mais colaborativas vai além do domínio do conteúdo. Busca-se criar ferramentas e estratégias de estudo e pesquisa para os estudantes construírem seus conhecimentos a partir das suas leituras das diferentes realidades. Desenvolver autonomia é o ponto essencial do processo. Considerando a presente reflexão, concordamos com as notas reflexivas 04 e 05, quando sinalizam a organização do tempo e do espaço escolar tradicional como obstáculos que impedem o trabalho do professor comprometido com a transformação.

Durante o segundo encontro presencial, além da nota reflexiva e da discussão sobre os referenciais da prática colaborativa crítica, os professores e professoras foram desafiados a elaborar um plano de trabalho docente mais sistemático do que o aplicado no primeiro encontro. A partir da exibição do filme *Hiato*, de Vladimir Seixas, em grupos, os professores montaram três planos de trabalho. Cada plano foi desenvolvido para atender as seguintes questões:

- Problematização do tema: qual é a questão a ser abordada por meio do filme?
- Contextualização: como o tema será contextualizado em sala de aula?
- Sistematização: como o tema será desenvolvido pelos estudantes?
- Avaliação: como os estudantes serão avaliados?

A partir dessas questões, discutimos as dificuldades enfrentadas na elaboração do primeiro plano de trabalho do módulo 1 e produzimos os três planos. Em geral, os planos de trabalho apresentaram as seguintes características:

1. Para problematizar o tema do filme, foram levantadas perguntas para a reflexão dos estudantes.
2. Na contextualização, a aula expositiva foi a técnica escolhida.
3. Na sistematização, os participantes apontaram a entrevista como um método de levantamento de informações para serem analisadas e os fóruns de debate como momento de troca de ideias e experiências.
4. Na avaliação, foram levantados instrumentos qualitativos e quantitativos de análise do desempenho dos estudantes, como a elaboração de textos colaborativos e relatórios sobre o processo de trabalho.

Em resumo sobre as possibilidades do trabalho docente com práticas colaborativas, podemos afirmar que é uma atitude desafiadora para os professores e que existem caminhos para o seu desenvolvimento, tanto em ações iniciadas por professores quanto por ações institucionalizadas nas escolas. O caminho de trabalho com os conteúdos procedimentais foi o mais citado e está de acordo com a nossa proposta de trabalho docente. Desta forma, o professor assume um papel de gestor do conhecimento que oferece conteúdos, explora diferentes caminhos para a aprendizagem e adota a pesquisa como princípio educativo.

#### **4.4. Ser dialógico na escola.**

Pensamos a escola como um espaço de comunicação, tendo como base o diálogo. Para haver diálogo, duas ou mais pessoas devem estar abertas para falar e escutar. Na escola, professores e estudantes precisam criar e aproveitar-se de espaços e tempos de discussão para explorar o pressuposto do diálogo: sair de si mesmo e abrir-se para o outro. Sendo assim, trabalhando com o diálogo como mecanismo para a aprendizagem colaborativa crítica, perguntamos para os professores e professoras do terceiro módulo do curso: eu sou um(a) professor(a) dialógico(a)? Quando e Como? Foram elaboradas cinco notas reflexivas pelos sujeitos da pesquisa.

Para refletir sobre o assunto, partimos da contribuição escrita na nota refletiva 01, quando a professora nos diz:

Nem sempre. Ser uma professora dialógica é um desafio que demanda sair de um lugar em que o opressor está internalizado em mim mesma e lançar mão de práticas libertadoras. Tento exercer essas práticas quando tento dar o protagonismo aos alunos ao propor trabalhos em sala em grupo em que o trabalho não é uma mera apresentação, mas parte da matéria. Assim, eles são responsáveis por transmitir conteúdo e respeitar as outras apresentações. Também proponho debates em que a turma ao invés de ser dividida em dois lados somente, é dividida em 3 e um grupo é que vai fazer o papel de banca e eu fico de observadora.

A colocação da professora na nota reflexiva 01 é bastante esclarecedora sobre os dilemas para ser dialógico em sala de aula. Todo professor pensa sua prática docente, tendo o seu passado escolar como parâmetro, o que acarreta certa predisposição para ser aquele professor que transmite informações no contexto tradicional de educação. Sendo assim, é importante refletir sobre as relações de poder na escola e na sala de aula para combater o ser opressor internalizado em todo aquele que vivenciou a escola tradicional que não privilegiava a experiência do diálogo. Ser um professor dialógico é estar consciente dos momentos que precisam ou não do diálogo, prezando sempre pelos valores democráticos. De acordo com Freire (1977, p.43), “ser dialógico [...] é vivenciar o diálogo. Ser dialógico é não invadir, é não manipular, é não sloganizar. Ser dialógico é empenhar-se na transformação constante da realidade”. Ou seja, na escola, devemos colocar educadores e educandos para dialogar com vistas a superar a superficialidade da análise, da reflexão e da ação. Busca-se uma postura ética que possa conduzir as pessoas para transformar as suas realidades por meio da troca de experiências, ideias e pensamentos. Sendo assim, como educador ou educadora, preciso sempre me questionar: o que estou fazendo para as pessoas agirem em comunhão seja para o trabalho em equipe, seja para resolver dúvidas, seja para a construção do conhecimento?

Sabendo da relevância da conversa na escola, compreendemos também a importância do saber dialogar e do saber escutar, ou seja, saber se comunicar e saber interagir com o outro. Em uma turma com estudantes reunidos para o crescimento intelectual por meio da pesquisa ou para a criação de criticidade e ação coletiva, é necessário saber quais técnicas que contribuem para a cooperação intelectual e para afinagem comunicativa. Dialogar, discutir e/ou debater são experiências comunicativas distintas decorrentes do interesse docente, da sua intencionalidade e do seu planejamento. Em que momento devemos dialogar, discutir ou debater? Segundo Castanho (1991, p. 92-93),

No momento em que se fala de técnicas de ensino e de sugestões metodológicas é importante ter clareza sobre que força intrínseca a educação escolar pode exercer, em que condições históricas e sob que formas históricas pode contribuir, sem ilusão e sem abdicação, para a formação de uma sociedade capaz de intervir em sua própria história.

É necessário que cada educador perceba que se estabelece, usando esta ou aquela técnica, uma relação de troca autêntica com seus alunos, permitindo-lhes o desenvolvimento da criatividade, a autonomia intelectual e emocional, a rebeldia. O mundo da cultura seria impensável se não fosse pelos atos de rebeldia daqueles que a construíram.

A rebeldia destacada por Castanho (1991) remete a atitude de ir contra a corrente da cópia, da reprodução, da transmissão, do silenciamento característicos da tradicional sala de

aula. Ser radicalmente ético e trabalhar os valores democráticos são os pressupostos de uma prática educativa libertadora, conforme aponta Freire (1996, p. 60): “a dialogicidade verdadeira em que os sujeitos dialógicos aprendem e crescem na diferença, sobretudo, no respeito a ela, é a forma de estar sendo coerentemente exigida por seres que, inacabados, assumindo-se como tais, se tornam radicalmente éticos.”. Logo, romper com o opressor internalizado e criar condições para a fala e a escuta afetiva em sala de aula é o horizonte a ser alcançado. De certa forma, tal atitude é descrita na nota reflexiva 02:

Acredito que estamos sempre na busca da imagem ideal que criamos. Busco na minha prática docente partir sempre do diálogo, daquilo que o aluno traz de vivências, interesses, curiosidades. Busco fazer do meu ato de ensinar uma conversa horizontal onde os dois - o educador e o educando - estão no processo de aprender. Assim como estou no lugar de professora, estou também no lugar de aluno quando questiono e sou questionada; quando crítico e sou criticada; quando ouço e sou ouvida. Por vezes reproduzo uma educação tradicional e tecnicista, na qual, por meio de aulas expositivas tento ensinar e/ou “transmitir” um determinado conhecimento ou quando preciso aplicar uma prova para “testar” conhecimentos e reduzir a uma nota.

Considerando a resposta da nota 02, é importante destacar que devemos lançar mão de diferentes técnicas de ensino e que a memorização é uma ação importante quando associado a um trabalho operatório, conforme Castanho sinaliza:

Uma discussão ou um debate não acontecem no vazio. Todo trabalho de grupo pressupõe intenso trabalho individual que deverá estar bem orientado pelo professor.

Uma bibliografia mínima a ser lida por todos deve ser iniciada. Mas não basta apenas indicar e pedir leitura. Há que se planejar o que pedir, para que o aluno dê o máximo de sua capacidade. (...) Proporcionar liberdade intelectual exige zelo por parte do professor no sentido de propor tarefas operatórias que exercitem ao máximo seu pensamento. Trata-se de uma atitude pedagógica bastante distante do *laissez faire* ou do autoritarismo. Por exemplo, solicitar que o texto seja reduzido a poucas afirmações e negações essenciais; que o aluno venha a propor problemas que o texto não possua, mas sugira; diagramar as ideias principais em desenhos abstratos.

Muitos professores deixam de utilizar técnicas que exigem essa “manipulação” do conhecimento por parte do aluno, alegando que o tempo é curto para o volume de matéria. Doce ilusão se pensam que estão ganhando algo: a memorização é importante, mas deve atuar como recurso embutido no trabalho operatório. Deve surgir como subproduto da reflexão e não ser buscada diretamente, sob pena de se perder após a primeira “verificação” de aprendizagem (CASTANHO, 1991, p. 94-95).

Neste sentido, educadores e educadoras devem pensar numa multiplicidade de estratégias de aprendizagem e recursos didáticos para criar condições amplas para construção do conhecimento do estudante. Explorar situações em que os estudantes traduzem o que aprenderam com as suas próprias palavras, em que relatam o seu processo de aprendizagem e

que socializem seu conhecimento são boas oportunidades de ensino e aprendizagem num contexto colaborativo e numa perspectiva crítica.

Numa análise geral, as outras notas reflexivas dos professores e professoras apontam a discussão realizada anteriormente e traz questões pontuais relacionadas a prática de ouvir e mapear o conhecimento prévio dos estudantes; de conhecer melhor as diferentes realizadas e a partir delas, fazer análises para a aplicação de conceitos; de estabelecer a conversação como ferramenta para a interculturalidade - conhecer as culturas, estabelecer relações entre elas e refletir sobre sua própria identidade e a identidade do outro; e abordar dialogicamente assuntos complexos, buscando identificar diferentes pontos de vista. As tecnologias digitais são citadas como ferramentas que nos ajudam a espriar a discussão para além da sala de aula e que contribuem para a interação entre estudantes e entre estudantes e professores.

#### **4.5. Construindo um produto educacional a partir das necessidades docentes**

Com o objetivo de criar um produto educacional a partir das necessidades indicadas pelos sujeitos da pesquisa participantes do curso de extensão, foi elaborado um dispositivo pedagógico para professores e professoras com fundamentos e indicações de como utilizar o documentário como detonador pedagógico em sala de aula.

Por dispositivo pedagógico entende-se um elemento, componente ou documento com estratégias e recursos que inspirem, provoquem e alimentem pedagogicamente professores e professoras para transformar suas práticas, dando uma marca própria do seu trabalho por meio das suas ideias, experiências e reflexões sobre um determinado assunto. Assim, ao trazer explicações sobre como compreendemos o uso do documentário na sala de aula, desejamos que professores e professoras pensem e criem estratégias a partir de seus contextos e experiências. Como documento, o dispositivo pedagógico não se configura numa receita ou guia para uma aula “nota 10”, mas sim como uma ferramenta que explore possibilidades de trabalho dentro de determinados valores pedagógicos mencionados ao longo da pesquisa. Com isso, pensamos na criação de um dispositivo pedagógico que inspirem, provoque e alimentem professores e professoras para o uso do documentário na sala de aula como um detonador pedagógico dentro do contexto da aprendizagem colaborativa crítica.

O dispositivo pedagógico foi criado a partir das necessidades apontadas por professores e professoras participantes do curso de extensão “O Uso do Documentário no Contexto da Aprendizagem Colaborativa Crítica”. O curso foi um laboratório para nossa pesquisa e foi possível mapear facilidades e dificuldades enfrentadas pelos participantes para o uso do recurso didático na educação básica. Para a construção do produto, levamos em consideração:

- Ser um documento propositivo;
- Ter a pesquisa como princípio educativo;
- Propor filmes documentários com duração máxima de 40 minutos com vistas a facilitar o uso em situações de aula com duração de 100 minutos semanais;
- Ter sugestões de diferentes tipos de documentários: expositivo, poético, observativo, participativo, reflexivo e performático;
- Ter sugestões de documentários para abordar diferentes temas;
- Elencar filmes com acesso facilitado nas principais plataformas digitais de materiais audiovisuais: Youtube, Vimeo, Netflix, Portal de Curtas, entre outros;
- Propor plano de trabalho para o uso do documentário como detonador pedagógico, ou seja, por meio dele, criando uma teia de conhecimento para compreender a complexidade dos fatos e fenômenos.
- Ter orientações para o uso do documentário como ferramenta para o letramento midiático.

Com base nessas orientações, foi criado um documento com 33 páginas com explicações sobre os valores pedagógicos defendidos ao longo da pesquisa sobre o uso do documentário como detonador pedagógico, a importância da mídia-educação, os referenciais da aprendizagem colaborativa crítica e o valor do diálogo no processo educacional.

Para a aplicação da proposta pedagógica, encaramos que o processo educativo deve ter a pesquisa como princípio educativo e o protagonismo dos sujeitos da educação para pensar a transformação das suas realidades. A marca das relações de ensino e aprendizagem será a dialogicidade. O educador terá um papel de gestor do conhecimento, ao fazer a curadoria dos filmes, definindo intencionalidades, planejando estratégias e usando diferentes recursos e linguagens para a construção coletiva do conhecimento. O educando terá um papel ativo e participativo, movido pela dúvida, pelo questionamento crítico e pela criatividade. A avaliação do processo educativo será permanente e constante baseado em diferentes instrumentos avaliativos.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar e propor estratégias de aprendizagem e usos de recursos didáticos é um grande desafio na educação. Normalmente, tal atitude é entendida pela superficialidade de um manual de bons modos pedagógicos, como uma receita para uma aula nota 10 ou como uma camisa de força para o trabalho docente. Ao longo do nosso trabalho, pelo contrário, desejávamos marcar uma posição política-pedagógica sobre um processo educativo desejado e criar um referencial para inspirar, provocar e alimentar professores e professoras para a transformação das práticas educativas diante das novas demandas sociais marcadas, especialmente, pelo avanço tecnológico. Assim, dentro das limitações impostas pelo andamento da pesquisa, acreditamos ter levantado boas questões para a reflexão dos nossos leitores e leitoras.

Na pesquisa, percebemos que o documentário é um recurso didático apropriado para a educação básica, mesmo em contextos adversos. Explorar os diferentes tipos de documentário e diversificar a forma de olhar para as imagens contribui para uma análise mais atenta e um uso mais responsável. De certa forma, os sujeitos da pesquisa, como também o pesquisador, enxerga o documentário como um texto a ser lido, desconstruído e reconstruído através da reflexão crítica e do questionamento reconstrutivo.

Romper com o modelo tradicional da educação é uma meta dos professores e professoras participantes da pesquisa. Os referenciais da aprendizagem colaborativa crítica são os paradigmas emergentes que nos ajudam a pensar na renovação. A pesquisa como princípio educativo é um caminho metodológico privilegiado para tornar professores e estudantes mais ativos, participativos e críticos no processo de ensino e aprendizagem. A abordagem progressista cria olhares atentos e críticos para a transformação das diferentes realidades. A visão holística coloca a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade como atitudes coerentes para a compreensão da complexidade do mundo e das coisas. Para nós, e para os sujeitos da pesquisa, os paradigmas emergentes da educação é o caminho a ser seguido para uma educação mais humanizante e humanizadora.

Será preciso mais estudos e pesquisas para entender, desenhar e colocar em prática as estratégias e sentidos da aprendizagem colaborativa crítica. É desafio nosso pensar o trabalho docente num viés crítico e colaborativo que explore a dialogicidade, o saber escutar, o saber conhecer, o saber fazer e o saber conviver como os pressupostos básicos para uma educação verdadeiramente humana. Não há respostas ou definições. No contexto da aprendizagem

colaborativa crítica, o processo educativo será constantemente organizado pelas questões: Qual é o contexto de aprendizagem? Quem são os estudantes? Quem são os professores? Qual é o meio em que estamos? Que leituras temos sobre o mundo e as coisas? O que estou fazendo para ser dialógico? Que estratégias devo tomar para provocar o diálogo e a construção e socialização do conhecimento? Nesta pesquisa, adotamos as rodas de conversa e a interdisciplinaridade como estratégias para o diálogo entre as pessoas e entre as disciplinas; e o seminário como estratégia para a socialização do conhecimento socialmente construído.

O letramento midiático é a prática social que deve estar presente em todo e qualquer processo educativo. Não podemos transformar as mídias numa escola paralela. Devemos sim trazer as mídias para dentro da escola como objeto de estudo e como ferramenta pedagógica, conforme apontado pelo nosso referencial teórico. Neste sentido, o documentário é uma mídia e um objeto de estudo importante para tal letramento. No entanto, podemos ir além ao apropriarmos da linguagem e da produção do cinema como metodologia de ensino. O cinema como metodologia de ensino é pautado pela pesquisa como princípio educativo, é desenvolvido por conteúdos conceituais e procedimentais e estimular um olhar atento sobre as mídias, as realidades e as coisas. Alimenta novas formas de ler e interpretar o mundo. Desta forma, um desdobramento possível para a pesquisa é investigar a realização e a produção audiovisual como metodologia de ensino numa perspectiva ativa, participativa e colaborativa. As pesquisas realizadas pelos educadores Isaac Pipano e Cezar Migliorin podem ser passos iniciais para o entendimento e o desenho de uma futura pesquisa acadêmica.

A construção do produto educacional foi uma experiência pedagógica e científica instigante. Adotar um curso de extensão como laboratório de pesquisa e como espaço de socialização do conhecimento construído foi um caminho metodológico desafiador e despertou o desejo em sistematizar e criar situações futuras de pesquisa nesse formato. No entanto, é importante ampliar as estratégias para coleta de dados e informações para tornar a pesquisa qualitativa ainda mais eficiente. As entrevistas de grupo focal pode ser um caminho produtivo para a pesquisa em educação e dentro dos nossos objetivos a partir da seguinte questão: como criar um caminho metodológico de pesquisa qualitativa por meio da dialogicidade?

Almejamos um uso subjetivo do produto educacional. Como dispositivo pedagógico, reforçamos o desejo de ser uma ferramenta para inspirar ações, provocar reflexões e alimentar novos projetos com a marca do professor. Acreditamos que, no formato atual, ele atende as nossas expectativas. Porém, pode e deve ser pensado e repensado de acordo com os contextos, sujeitos e realidades educacionais envolvidas. Buscamos criar algo que ajudasse e levasse em

consideração as dificuldades apontadas pelos sujeitos da pesquisa. Se, por um lado, buscamos pensar no uso do documentário dentro do tempo e de acordo com os sujeitos da educação indicados pelos professores e professoras. Por outro, não podemos esquecer as dificuldades levantadas pelos professores e professoras sobre a disponibilidade de espaço e recursos tecnológicos na escola. Neste sentido, reforçamos novamente o nosso pedido: toda e qualquer ação pedagógica deve levar em conta as perguntas: Onde ensino? Quando ensino? Quem são os meus estudantes? Que recursos possui? Quais são os meus objetivos? Qual é o meu plano? Tais perguntas são definidoras para uma ação pedagógica com ou sem documentários. No entanto, acreditamos ser importante pensar na ação pedagógica que valorize o diálogo, a colaboração, a criatividade, o pensamento crítico e a transformação da realidade.

Em resumo, esperamos que o leitor e a leitora possam, ao final da dissertação, estar pensando: o que eu faço para educar crianças e jovens para as mídias na sala de aula e na vida? Qual é a importância das práticas colaborativas na sala de aula? O que eu faço para ser um professor ou uma professora dialógica?

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. E. B. Educação à distância na internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, volume 29, número 2, p. 327-340, julho de 2003.

ALMEIDA, Milton. *Imagens e sons: a nova cultura oral*. 2ª Edição. São Paulo: Editora Cortez, 2001.

ALTAFINI, Thiago. *Cinema documentário brasileiro: evolução histórica da linguagem*. São Paulo, (mimeo). 24 p. 1999.

ARAÚJO, José Carlos Souza. Para uma análise das representações sobre as técnicas de ensino. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org.). **Técnicas de ensino: Por que não?** Campinas/SP: Papyrus, 1991. p. 11-34.

AZAMBUJA, Jorcelina Q.; SOUZA, Maria L. R. O Estudo de texto como técnica de ensino. In: VEIGA, Ilma P. A. (org.). *Técnicas de ensino: Porque não?* 2ª ed. Campinas: Papyrus, 1993.

BARROS, M. D. N.; GIRASOLE, G.; ZANELLA, P. G. O uso do cinema como estratégia pedagógica para o ensino de ciências e de biologia: o que pensam alguns professores da região metropolitana de Belo Horizonte. *Revista Práxis*, ano V, nº 10, 2013.

BEHRENS, Marilda Aparecida. *O Paradigma Emergente e a Prática Pedagógica*. Petrópolis: Vozes, 2005.

BEHRENS, Marilda Aparecida; MORAN, José Manoel; MASETTO, Marcos Tarcísio. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. Campinas: Papyrus, 2000.

CANDAU, Vera Maria. A didática e a relação forma/conteúdo. In: Vera Maria Candau (org.). *Rumo a uma nova didática*. Petrópolis, Vozes, 1988.

CASTANHO, Maria E. L. M. Da discussão e do debate nasce a rebeldia. In: VEIGA, Ilma, P. A. (org.). *Técnicas de ensino: Porque não?* 2ª ed. Campinas: Papyrus, 1993.

CUNHA, M. I. Ensino pela pesquisa: a prática do professor universitário. In: *Cadernos de Pesquisa*, número 97. São Paulo, maio de 1996.

DEMO, Pedro. *Educar pela pesquisa*. Campinas: Autores Associados, 1996.

DEMO, Pedro. *Pesquisa: princípios científicos e educativos*. São Paulo: Cortez, 1991.

DEMO, Pedro. *Professor do futuro e a construção do conhecimento*. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

DEWEY, John. *Democracia e Educação*. Tradução de Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. São Paulo: Nacional, 1979. *Atualidades Pedagógicas*, vol. 21.

- DÍAZ, O. R. T. A atualidade do livro didático como recurso escolar. *Linhas Críticas*, Brasília, v. 17, n° 34, p. 609-624, 2011.
- DUARTE, R. *Cinema e Educação*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2002.
- FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (Org.). *O que é interdisciplinaridade?* São Paulo: Cortez, 2008.
- FAZENDA, Ivanir. *O que é interdisciplinaridade*. São Paulo: Editora Cortez, 2008.
- FAZENDA, Ivani C. A. *Práticas interdisciplinares na escola*. São Paulo: Cortez, 1993.
- FREIRE, Paulo. *Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis*. 2ª ed. São Paulo: UNESP, 2003.
- FREIRE, Paulo. *Medo e ousadia: cotidiano do professor*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- FREIRE, Paulo. *Sobre Educação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- FREIRE, P.; FAUNDEZ, A. *Por uma Pedagogia da Pergunta*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- FREITAS, L.V. e FREITAS C.V. *Aprendizagem Cooperativa*. Porto: Edições Asa, 2003.
- GADOTTI, M. *Convite à leitura de Paulo Freire*. São Paulo: Scipione, 1999.
- GADOTTI, M. *Perspectivas atuais da educação*. Porto Alegre, Ed. Artes Médicas, 2000.
- GARDNER, Howard. *Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- GILLIAM, J. H. *The impact of cooperative learning and course learning environment factors on learning outcomes and overall excellence in the community college classroom*. Raleigh, 2002. Tese de Doutorado - Programa de Pós-Graduação, North Carolina State University.
- GIROUX, Henry. *Os professores como intelectuais transformadores: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da História*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.
- JAPIASSU, Hilton. *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago, 1976

KENSKI, V. M. Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação. 8ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

KENSKI, V. M.. Ensino e os recursos didáticos em uma sociedade cheia de tecnologias. In VEIGA, Ilma P. Alencastro (Org.). Didática: o Ensino e suas relações. Campinas, SP: Papirus, 1996.

LEVY, Pierre. Cibercultura. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

LIBANEO, José Carlos. Didática. 15ª ed. São Paulo: Cortez, 1999.

MIALARET, Gaston. Introdução à pedagogia. São Paulo, Atlas, 1977.

MORIN, Edgar. Os setes saberes necessários à educação do futuro. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

NAPOLITANO, Marcos. Como Usar o Cinema na Sala de Aula. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

PAOLI, N. J. O princípio da indissociabilidade do ensino e da pesquisa: elementos para uma discussão. In: Cadernos CEDES, número 22. Educação superior: autonomia, extensão e qualidade. São Paulo: Cortez, 1988.

PAULO, Iliana. A dimensão técnica da prática docente. In: Vera Maria Candau (org.). Rumo a uma nova didática. Petrópolis, Vozes, 1988.

PENAFRIA, Manuela, O filme documentário. História, Identidade, Tecnologia. Edições Cosmos, Lisboa, 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Conhecimento Prudente para uma Vida Decente. São Paulo: Cortez, 2004.

SETTON, M. G. Mídia e educação. São Paulo: Contexto, 2010.

VASCONCELOS, Iolani. A metodologia enquanto ato político da prática educativa. In: Vera Maria Candau (org.). Rumo a uma nova didática. Petrópolis, Vozes, 1988.

ZABALA, Antoni. A prática educativa: como ensinar. Tradução: Ernani F. da Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1999.

ZANDONADE, Vanessa, FAGUNDES, Maria Cristina de Jesus. O vídeo documentário como instrumento de mobilização social. Assis-SP: Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis 2003.

## APÊNDICE A – Formulário eletrônico

Formulário digital do Google Forms aplicado antes do curso e disponível no endereço:  
<https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSe5qxtfKeXxZSmeZEien6YFxY4FBrV-hyRy65Vau04ByQ8c5g/viewform>.



### Curso de Extensão:

Usando o documentário na escola - possibilidades num contexto da Aprendizagem Colaborativa Crítica.

**Leia com atenção**

Caro participante, o presente formulário é parte integrante de uma pesquisa sobre os usos do documentário na sala de aula numa perspectiva da aprendizagem colaborativa crítica. Esse curso de extensão tem por objetivo contribuir para a formação docente e ser um laboratório para a nossa pesquisa. Buscamos, com esse formulário, conhecer um pouco mais sobre o contexto e os usos do documentário no trabalho docente. O presente instrumento manterá em sigilo sua identidade, sendo seus resultados utilizados de forma qualitativa para avaliar o impacto do curso a ser oferecido para o uso do documentário em sala de aula e a adoção de práticas colaborativas no processo educativo.

### Perfil do participante

Nome

Sua resposta \_\_\_\_\_

Idade \*

Sua resposta \_\_\_\_\_

Titulação \*

- Licenciado
- Especialista
- Mestrado
- Doutorado

Área do conhecimento em que atua: \*

Sua resposta \_\_\_\_\_

Tempo de magistério \*

- de 1 a 4 anos
- de 5 a 9 anos
- de 10 a 14 anos
- de 15 a 19 anos
- 20 anos ou mais
- Outro

Local de atuação profissional: \*

- Instituição privada
- Instituição pública municipal;
- Instituição pública estadual;
- Instituição pública federal;
- Outra

Em que nível de ensino atua: \*

- Séries iniciais do ensino fundamental;
- Séries finais do ensino fundamental;
- Ensino médio;
- Outro.

### Sobre uso de filmes documentários na escola

Considerando sua experiência como professor e professora, peço, por gentileza, para compartilhar as informações a seguir.

Você costuma utilizar vídeos documentários em suas práticas pedagógicas?

\*

- Sempre;
- às vezes;
- raramente;
- Nunca.

Caso utilize, qual a origem do documentário? \*

Sua resposta \_\_\_\_\_

Você sente dificuldades em utilizar documentários em sala de aula? \*

- Sim
- Não
- Talvez

Se sim, liste 5 dificuldades principais: \*

Sua resposta \_\_\_\_\_

Como você utiliza o documentário em sala de aula? \*

- Para iniciar uma aula;
- Para contextualizar um tema ou fato;
- Para ser analisado como uma fonte de informação;
- Para finalizar uma aula sobre um determinado tema.

Descreva uma experiência pedagógica na qual você utilizou um documentário em sala de aula:

Tema da aula: \*

Sua resposta \_\_\_\_\_

Conteúdo abordado: \*

Sua resposta \_\_\_\_\_

Nome do filme: \*

Sua resposta \_\_\_\_\_

Como o filme foi utilizado em sala de aula? \*

Sua resposta \_\_\_\_\_

## Curso de Extensão:

\*Obrigatório

### Para finalizar!

Muito obrigado pelas respostas anteriores. Elas serão valiosas para o planejamento do curso e para a pesquisa.

O que você gostaria de aprender no curso? \*

Sua resposta

---





## **APÊNDICE C – Planos de trabalho**

Os planos de trabalho a seguir foram produzidos pelos sujeitos de pesquisa em três encontros presenciais. Em cada encontro foi produzido um plano num formato diferenciado.

1. Primeiro Encontro Presencial:

Documentário: *Guerra Sem Fim* — resistência e luta do povo Krenak  
 Autoria: Alan, Isadora e Sophia

<p><b>Problema</b> (Qual é a questão a ser abordada por meio do filme?)</p> <p>ir</p>	<p><b>Conteúdos</b> (Quais são os conteúdos que podem ser explorados por meio do filme?)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>→ espaço geográfico</li> <li>→ cultura Krenak (antes / depois)</li> <li>→ ditadura militar e repressão (assassinato cultural)</li> <li>→ genocídio indígena</li> <li>→ variação linguística</li> <li>→ propostas de intervenções</li> </ul>
<p><b>Objetivos</b> (Quais são os objetivos de aprendizagem e/ou de aula para serem alcançados por meio do filme?)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>→ aprender sobre a geografia local e as rotas de migração do povo Krenak</li> <li>→ analisar os impactos culturais da remoção forçada desse povo</li> <li>→ analisar a persistência de práticas reprimidas dos Krenak</li> <li>→ reconhecer as diferenças da oralidade e da escrita</li> </ul>	<p><b>Elementos para o letramento midiático</b> (Que elementos pode ser explorados no filme?)</p>

→ apresentar soluções e atitudes que podem impactar a sociedade

Documentário: *Guerra sem fim*  
 Autoria: Denise, Joel e Renato

<p><b>Problema</b> (Qual é a questão a ser abordada por meio do filme?)</p> <p>Que aspectos das questões indígenas, evidenciados no documentário, contribuem para contrapor o discurso hegemônico?</p>	<p><b>Conteúdos</b> (Quais são os conteúdos que podem ser explorados por meio do filme?)</p> <p>Conteúdo interdisciplinar: Língua Portuguesa e Geografia</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Análise dos discursos;</li> <li>- Território e territorialidade;</li> <li>- Questão das terras no Brasil;</li> <li>- Análise de fontes.</li> </ul>
<p><b>Objetivos</b> (Quais são os objetivos de aprendizagem e/ou de aula para serem alcançados por meio do filme?)</p> <p>Analisar os diferentes pontos de vista e fontes de referência sobre as questões indígenas e das terras no Brasil.</p>	<p><b>Elementos para o letramento midiático</b> (Que elementos pode ser explorados no filme?)</p> <p>Discussão sobre diferentes discursos: o do estado (oficial) e o dos povos indígenas.</p> <p>O elemento explorado é a narrativa.</p>

Documentário: *Guerra sem fim*  
 Autoria:

*Constituintes, factuais, predominantemente e atitudiniais*

<p><b>Problema</b> (Qual é a questão a ser abordada por meio do filme?)</p> <p><i>A questão indígena ontem e hoje.</i></p>	<p><b>Conteúdos</b> (Quais são os conteúdos que podem ser explorados por meio do filme?)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Colonização x colonialismo (constituinte)</li> <li>- Domínio do território pelo Estado brasileiro e a situação dos povos nativos (factual)</li> <li>- Linha do tempo expondo como foi a ocupação do Estado brasileiro com os povos nativos desde o início da colonização até hoje dependendo dos recursos, produzindo uma linha do tempo interativa e que mostra a situação atualizada (como um observatório)</li> </ul>
<p><b>Objetivos</b> (Quais são os objetivos de aprendizagem e/ou de aula para serem alcançados por meio do filme?)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Entender como foi e como é hoje a ocupação do território brasileiro pelos povos nativos e pelos que chegaram</li> <li>- Compreender os conflitos atuais da questão indígena</li> <li>- Entender melhor a atuação do ministério público em contexto democrático</li> </ul>	<p><b>Elementos para o letramento midiático</b> (Que elementos pode ser explorados no filme?)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Narrativa → valorização da fala, tornando os personagens protagonistas de suas próprias histórias</li> <li>- Audiovisual → os efeitos da presença de contos nativos</li> </ul>

## 2. Segundo Encontro Presencial:

O documentário pré-selecionado será utilizado como um detonador pedagógico. Por meio dele, vocês deverão planejar uma sequência didática composta por práticas colaborativas para a construção do conhecimento. Em grupos, pense, discuta e registre as informações do plano de trabalho nos quadros a seguir.

<p><b>Problematização do tema</b> (Qual é a questão a ser abordada por meio do filme?)</p> <p><i>Spinners sociais; até onde eu posso ir?</i></p>	<p><b>Contextualização</b> (Como o tema será contextualizado em sala de aula?)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• O shopping é um espaço público ou privado?</li> <li>• Todos podem entrar no shopping?</li> <li>• Qual a importância dos funcionários do shopping?</li> </ul>
<p><b>Sistematização</b> (Como o tema será desenvolvido pelos estudantes?)</p> <p><i>Investiga através de entrevista com funcionários de shopping como eles observam um movimento como o do documentário "Lixo"?</i></p>	<p><b>Avaliação</b> (Como os estudantes serão avaliados?)</p> <p><i>Produzir uma entrevista em sala com um sem trava e uma pessoa que trabalha no shopping</i></p>

O documentário pré-selecionado será utilizado como um detonador pedagógico. Por meio dele, vocês deverão planejar uma sequência didática composta por práticas colaborativas para a construção do conhecimento. Em grupos, pense, discuta e registre as informações do plano de trabalho nos quadros a seguir.

<p><b>Problematização do tema</b> (Qual é a questão a ser abordada por meio do filme?)</p> <p>Daspaçor de um espaço destinado a classe média e elite.</p> <p>O Espaço público é para todos? O shopping é um espaço público?</p>	<p><b>Contextualização</b> (Como o tema será contextualizado em sala de aula?)</p> <p>Límites ou não de cada um do vendedor do consumidor.</p> <p>"A roupa que veste o homem ou o homem que veste a roupa?" (Pobre discriminando pobre?)</p> <p>GERAÇÃO DE PERGUNTAS * ENTREVISTAS</p> <p>↓</p> <p>DADOS QUE SERÃO TRABALHADOS</p>
<p><b>Sistematização</b> (Como o tema será desenvolvido pelos estudantes?)</p> <p>FUNDAMENTAL</p> <p>Criar FÓRUMS PARA SEREM DISCUTIDOS</p>	<p><b>Avaliação</b> (Como os estudantes serão avaliados?)</p> <p>* CRIAÇÃO DE FÓRUMS DE LÊNGUA</p> <p>* LÊNGUA</p> <p>* QUESTÕES</p> <p>* APRESENTAÇÃO</p>

O documentário pré-selecionado será utilizado como um detonador pedagógico. Por meio dele, vocês deverão planejar uma sequência didática composta por práticas colaborativas para a construção do conhecimento. Em grupos, pense, discuta e registre as informações do plano de trabalho nos quadros a seguir.

<p><b>Problematização do tema</b> (Qual é a questão a ser abordada por meio do filme?)</p> <p>* ESPAÇO PÚBLICO → É PÚBLICO? → SHOPPING É PÚBLICO?</p> <p>* "REGRAS INVISÍVEIS" (desigualdade social) → QUAIS SÃO ELAS? → POR QUE INVISÍVEIS?</p> <p>* "país livre" (cidadania/dignidade humana) → BRASIL É LIVRE?</p> <p>* "denunciar consumo" (CAPITALISMO/CONSUMISMO) → O que é LUXO → O que é LIXO</p>	<p><b>Contextualização</b> (Como o tema será contextualizado em sala de aula?)</p> <p>* entrevistar os integrantes do MTST / vendedores shopping</p>
<p><b>Sistematização</b> → APROFUNDAR (Como o tema será desenvolvido pelos estudantes?)</p> <p>* a partir das perguntas/respostas dos alunos, pedir para alunos levantarem dados sobre empregos e/ou desempregos na cidade</p>	<p><b>Avaliação</b> (Como os estudantes serão avaliados?)</p> <p>* FÓRUMS DE DEBATE; dividir o grupo em 2: pró-contra sobre a problematização: qualidade da argumentação.</p> <p>* produção de textos colaborativos (introdução, argumentação, conclusão)</p>

3. Terceiro Encontro Presencial:

Uma obra cinematográfica pode ser mobilizadora e ter impacto, principalmente se quem a exhibe dá um passo além de "apenas" projetar algo de qualidade para um grupo de estudantes. Para nós, o documentário será um detonador pedagógico para a aprendizagem colaborativa crítica. Com base nas nossas discussões anteriores, elabore um guia prático de como conduzir discussões em sala de aula a partir de um filme.

<p>Passo 01</p> <p>debater o "tema" <sup>temas</sup> central e observar / anotar o que surge dos estudantes</p>	<p>Passo 02</p> <p>problematizar o tema <sup>temas</sup> atualizar contextualizar o tema</p>
<p>Passo 03</p> <p>mostrar documentário mais pertinente</p>	<p>Passo 04</p> <p>propor uma pesquisa em casa sobre os desafios / questões propostas e jogar uma pergunta - problema</p>
<p>Passo 05</p> <p>dividir a turma em 2 (ou mais) grandes grupos para debater diferentes perspectivas da questão proposta.</p>	<p>Passo 06</p> <p>fazer uma produção conjunta sobre possíveis intervenções / soluções / contextualização do tema em sala</p>

Uma obra cinematográfica pode ser mobilizadora e ter impacto, principalmente se quem a exhibe dá um passo além de "apenas" projetar algo de qualidade para um grupo de estudantes. Para nós, o documentário será um detonador pedagógico para a aprendizagem colaborativa crítica. Com base nas nossas discussões anteriores, elabore um guia prático de como conduzir discussões em sala de aula a partir de um filme.

<p>Passo 01</p> <p>Selecionar 5 filmes que tratem do assunto abordado em sala de aula (com teor didático) e deixar os alunos escolherem qual querem assistir (estimular o debate).</p>	<p>Passo 02</p> <p>Escrever no quadro pontos aos quais os alunos devem se atentar:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>↳ Tema</li> <li>↳ O que aprendemos</li> <li>↳ Aspectos formais</li> <li>↳ mensagem / ponto de vista</li> </ul>
<p>Passo 03</p> <p>O tema do filme ↳ Do que ele trata?</p>	<p>Passo 04</p> <p>O que aprendemos com o filme? É ele ajuda a entender o tema da aula?</p>
<p>Passo 05</p> <p>Aspectos formais</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>↳ som</li> <li>↳ Imagem</li> </ul>	<p>Passo 06</p> <p>O ponto de vista ↳ o filme depende de quem? Há mensagem</p>

Uma obra cinematográfica pode ser mobilizadora e ter impacto, principalmente se quem a exhibe dá um passo além de "apenas" projetar algo de qualidade para um grupo de estudantes. Para nós, o documentário será um detonador pedagógico para a aprendizagem colaborativa crítica. Com base nas nossas discussões anteriores, elabore um guia prático de como conduzir discussões em sala de aula a partir de um filme.

<p>Passo 01</p> <p>CONVERSAR SOBRE O TEMA</p>	<p>Passo 02</p> <p>criar questões</p>
<p>Passo 03</p> <p>Discutir</p>	<p>Passo 04</p> <p>Pensar em novas propostas</p>
<p>Passo 05</p> <p>VER O FILME</p>	<p>Passo 06</p> <p>Pensar na visão do outro</p>

Uma obra cinematográfica pode ser mobilizadora e ter impacto, principalmente se quem a exhibe dá um passo além de "apenas" projetar algo de qualidade para um grupo de estudantes. Para nós, o documentário será um detonador pedagógico para a aprendizagem colaborativa crítica. Com base nas nossas discussões anteriores, elabore um guia prático de como conduzir discussões em sala de aula a partir de um filme.

<p>Passo 01</p> <p>Trabalhar com os alunos algumas questões que aparecerão no documentário, sem mencioná-lo.</p>	<p>Passo 02</p> <p>A partir do conteúdo inicial, elaborar questões, dúvidas e problemas, junto com os alunos.</p>
<p>Passo 03</p> <p>Exibir o documentário.</p>	<p>Passo 04</p> <p>A partir do documentário, novamente elaborar perguntas e tentar responder as já feitas.</p>
<p>Passo 05</p> <p>Pedir que os alunos elijam um aspecto relevante do documentário e produzam um texto, imagem ou filme discutindo o assunto e relacionando com a disciplina.</p>	<p>Passo 06</p>

Uma obra cinematográfica pode ser mobilizadora e ter impacto, principalmente se quem a exhibe dá um passo além de "apenas" projetar algo de qualidade para um grupo de estudantes. Para nós, o documentário será um detonador pedagógico para a aprendizagem colaborativa crítica. Com base nas nossas discussões anteriores, elabore um guia prático de como conduzir discussões em sala de aula a partir de um filme.

<p><b>Passo 01</b></p> <p>Produzir uma breve explicação sobre política participativa, filosofia política e pensamento político e o que cada assunto tem de relevância no contexto social.</p> <p><u>Exemplo:</u> Criar grupos para discutir sobre o tema do filme</p>	<p><b>Passo 02</b></p> <p>Separar dois grupos distintos, os que concordam com o tema e os que discordam</p>
<p><b>Passo 03</b></p> <p>Cada grupo irá expor o que mais causou impacto sobre o filme (documentário)</p>	<p><b>Passo 04</b></p> <p>Cada grupo irá mostrar as suas fragilidades das exposições dos grupos</p>
<p><b>Passo 05</b></p> <p>Qual prática de ensino deverá apoiar o filme (documentário)?</p>	<p><b>Passo 06</b></p> <p>Qual outro tema que poderá ser trabalhado à partir do filme (documentário)?</p>

## APÊNDICE D – Notas reflexivas elaboradas

A seguir, são apresentadas as notas reflexivas produzidas pelos sujeitos da pesquisa durante o curso de extensão.

- Primeiro encontro presencial:

Nota reflexiva 01 | Considerando o papel da mídia-educação na escola, o que eu faço para educar crianças e jovens para as mídias na sala de aula?

Crianças e jovens do século XXI já nascem em contato com diversos tipos de mídias, como TV, vídeos, cinema, internet, cada um deles abarca ~~diversos~~ diferentes conteúdos e plataformas. Como educadora, busco trazer para a sala de aula esses conteúdos e suportes, desenvolvendo atividades com os alunos que visem não apenas auxiliar a assimilação do conteúdo, mas a apropriação do mesmo de forma crítica. Filmes, por exemplo, são introduzidos não como <sup>de</sup> ilustrações do texto, mas como um objeto de estudo que está a altura do conteúdo escrito, analisados e contextualizados histórica, social e politicamente.

\* e imagens

N02

**Nota reflexiva 01** | Considerando o papel da mídia-educação na escola, o que eu faço para educar crianças e jovens para as mídias na sala de aula?

Cada vez mais, dentro das condições de curso e recursos dentro dos diferentes colégios em que trabalho, tenho tentado levar para sala de aula não só documentários mas também pequenos vídeos que abordem os temas trabalhados em sala de aula. Para além de já levar o material, procuro sempre indicar canais onde os alunos possam fazer pesquisas e terem acesso diverso a conteúdos com informações confiáveis. Sendo assim, indico filmes (procurando variar os estilos para atrair diferentes gostos), canais no YouTube e podcasts.

N03

**Nota reflexiva 01** | Considerando o papel da mídia-educação na escola, o que eu faço para educar crianças e jovens para as mídias na sala de aula?

Partindo de um contexto onde o uso de tecnologias (internet principalmente) está presente na vida da maioria da população urbana, é importante buscar o impacto desse uso para as crianças e adolescentes bem como para que essas tecnologias estão sendo usadas. Fazer o uso de diferentes instrumentos e plataformas midiáticas na sala de aula pode abranger o significado do uso de mídias para o aluno e pode ampliar o repertório de filmes, programas, aplicativos, entre outros para eles, de forma que façam um uso mais consciente.

FRASE - RESUMO:

→ ressignificar o uso de mídias partindo do pressuposto de que as mídias já estão no dia-a-dia de crianças e adolescentes.

Nota reflexiva 01 | Considerando o papel da mídia-educação na escola, o que eu faço para educar crianças jovens para as mídias na sala de aula?

Apresento filmes ficcionais que tenham a ver com a matéria apresentada na sala-de-aula como forma de exercitar as reflexões de maneira lúdica.

NO4

Nota reflexiva 01 | Considerando o papel da mídia-educação na escola, o que eu faço para educar crianças jovens para as mídias na sala de aula?

Utilizo as diferentes mídias (dentro das possibilidades / recursos da escola) para apresentar conteúdos, extrair informações, propor questões para discussão e pesquisas.

Em geral, utilizo vídeos, manchetes de jornais, reportagens, procurando fontes diferentes daquelas que os alunos já têm acesso, para expor outros pontos de vista que são difundidos pela mídia hegemônica.

NO5

NO6

Nota reflexiva 01 | Considerando o papel da mídia-educação na escola, o que eu faço para educar crianças jovens para as mídias na sala de aula?

Nada mais contemporâneo do que "mídias em sala de aula" mas é preciso deixar o livro didático em casa, mas precisamos incorporar novos e variados recursos para atender diferentes necessidades e criar novas formas de explicar o conteúdo.

Em sala costumo apresentar filmes, curtas, animações como recurso didático, todo trabalho trabalhamos com um texto verbal e vídeos. Antes meus alunos encaravam como um momento de lazer, agora com discussões e propostas reflexivas entendem que a experiência com mídias é parte integrante do conteúdo.

Nota reflexiva 01 | Considerando o papel da mídia-educação na escola, o que eu faço para educar crianças jovens para as mídias na sala de aula?

Dependendo dos recursos que a instituição dispõe;

- 1º Espaço adequado para colocar as crianças
- 2º Sala climatizada e com acesso a internet
- 3º Utilizar rádio, Tv, Retroprojetor com pequenas histórias gravadas nos próprios celulares das crianças
- 4º Se possível ampliar o projeto para toda escola
- 5º Expor os trabalhos realizados com as gravações dos alunos
- 6º Levantar as questões trazidas pelos alunos e solucionar questões que envolva a área externa da escola como por exemplo: lixo no pátio.

Alfabetiza →

X

Lectura →

NO7

N08

Nota reflexiva 01 | Considerando o papel da mídia-educação na escola, o que eu faço para educar crianças jovens para as mídias na sala de aula?

Como educador, eu atuo em dois ambientes, o familiar e o escolar. O primeiro com muito mais autoridade que o segundo. No ambiente familiar, eu cuido da saúde física e da segurança - não há privacidade - e também limito o tempo de uso. Além disso, constantemente dialogo sobre a razão das coisas neste meio (TV, rádio, Internet, jornal, etc.). Tal comportamento como pai-educador é refletido em sala de aula, onde em qualquer oportunidade no uso da mídia, eu deixo sobre as consequências da sua utilização sem criticar as ações que as permitem. Minha ação não traz muitos adeptos, principalmente por compartilhar a ideia de que não há privacidade na internet e que as crianças devem compartilhar as senhas com os pais. Fora da internet, tenho notado que a mídia mais atrativa são os filmes que pouco utilizo em sala.

- Segundo encontro presencial:

01

**Nota reflexiva 02** | O que é fácil e o que é difícil para promover práticas colaborativas em sala de aula?

É difícil engajar todos os alunos quando eles não estão acostumados com essas práticas já que muitos vão ao colégio por obrigação e não demonstram interesse em participar. Também é difícil no início porque eles precisam desenvolver autonomia e saber trabalhar em grupo. Mas depois que essas barreiras são vencidas as aulas são de maneira geral mais dinâmicas, em alguns casos mais desafiadoras e geram mais engajamento. As práticas colaborativas exigem que o professor esteja mais preparado, porém a medida em que os alunos se desenvolvem, aulas desse tipo ficam menos consuetas porque tendem a ter menos indisciplina.

**Nota reflexiva 02** | O que é fácil e o que é difícil para promover práticas colaborativas em sala de aula?

Fácil

Quando o conteúdo faz sentido para o contexto social dos educandos, professores e agentes que estão envolvidos direta e indiretamente no cotidiano escolar. No momento da comunicação quando o professor possui clareza e transmite confiança aos alunos.

Difícil

Quando na mesma prática do magistério não temos o apoio da direção, coordenação e supervisão pedagógica. O que torna a prática do magistério um fardo.

02

**Nota reflexiva 02** | O que é fácil e o que é difícil para promover práticas colaborativas em sala de aula?

Acredito que o princípio da colaboração por si só induz o trabalho coletivo - do grupo - o que facilita a prática. Agrupar, juntar, alunos, promovendo uma atividade coletiva e horizontal é atrativo. Porém, misturar interesses, afetos, pensamentos, modos de ser, agir e pensar no todo é desafiador.

Ou seja, a construção do conhecimento partindo da prática coletiva pode ser fácil mas - atingir o objetivo final pode vir a ser desafiador já que se misturam modos de ser, agir, pensar.

03

04

**Nota reflexiva 02** | O que é fácil e o que é difícil para promover práticas colaborativas em sala de aula?

A promoção de práticas colaborativas em sala de aula tem como dificuldade a receptividade dos e das estudantes, já que os procedimentos, por exigirem a participação dos alunos, são mais instigantes e ativos.

As dificuldades estão relacionadas a cultura pedagógica e à organização dos tempos, espaços e processos avaliativos de boa parte das escolas. Isso porque práticas de sala de aula que fogem da educação tradicional exigem flexibilidade na organização e utilização dos espaços e do tempo para a realização das atividades. Além disso, como as práticas colaborativas têm objetivos, pelo menos em parte diferentes de práticas tradicionais, a avaliação\* também se impõe como dificuldade.

\* quando não compatível com tais práticas.

**Nota reflexiva 02 | O que é fácil e o que é difícil para promover práticas colaborativas em sala de aula?**

Há na promoção de práticas colaborativas em sala de aula facilidades e dificuldades que permeiam a sua efetiva aplicação.

Dentre as facilidades, destaca: o envolvimento da turma quando o tema aborda questões sociais e de aplicação tipicamente rápida e solidária, envolve a participação familiar. E também, a tecnologia disponível atualmente para o compartilhamento e difusão do conhecimento.

Já dentre as dificuldades, destaca: a falta de motivação dos alunos em trabalhar com projetos que demandam tempo e complexidade - a ansiedade e o imediatismo considerados críticos. E também o conservadorismo dos profissionais da educação.

05

- Terceiro encontro presencial:

Nota reflexiva 03 | Eu sou um(a) professor(a) dialógico(a)? Como e quando?

Nos últimos anos tenho trabalhado como professora particular de português para estrangeiros e de francês para brasileiros. As aulas são quase inteiramente voltadas para conversação, por isso o diálogo é sempre bastante trabalhado. Mas também acredito que diálogo vai além da definição usual, da conversa. É um exercício de escuta sensível. Buscava levar aos meus alunos estrangeiros (mexicanos, uruguaios, franceses e italianos) um pouco da cultura brasileira, fomentando debates sobre política, sociedade, história, muitas vezes a partir de dispositivos audiovisuais (sobretudo documentários), e ~~pequenas~~ ~~exposições~~ o aluno era então incentivado a trazer aspectos da sua cultura para ver quais ~~os~~ ~~eles~~ dialogavam com a cultura brasileira. ~~Assim~~ Também buscava desconstruir clichês sobre o Brasil e pensar numa nova forma de construir imagem e representação.

Nota reflexiva 03 | Eu sou um(a) professor(a) dialógico(a)? Como e quando?

Sou dialógica desde o momento em que subentendi nas aulas questões com assuntos atuais e eles são construídas a partir das perguntas que fazo e eles discutem primeiro entre si e depois expõem o fato e põem novas perguntas para respondermos juntos. O aluno, assim que entro em sala pergunta "professora! vamos conversar?" Esse foi minha motivação, sim, vamos!

Existe também uma atitude dialógica no WhatsApp da turma. Pego mensagens ambas de jornal e peço para discutirmos na próxima aula.

Nota reflexiva 03 | Eu sou um(a) professor(a) dialógico(a)? Como e quando? trava

Acredito que estamos sempre na busca da imagem ideal que chamamos. Busco na minha prática docente partir sempre do diálogo, daquilo que o aluno traz de vivências, interesses, curiosidades. Busco fazer do meu ato de ensinar uma conversa horizontal onde os dois - o educador e o educando - estão no processo de aprender. Assim como estou no lugar de professora, estou também no lugar de aluno quando questiono e sou questionada; quando critico e sou criticada; quando ouço e sou ouvida. Por vezes reproduzo uma educação tradicional e tecnicista, na qual por meio de aulas expositivas tento ensinar e/ou "transmitir" um determinado conhecimento ou quando preciso aplicar uma prova para "testar" conhecimentos e reduzir a uma nota.

02

Nota reflexiva 03 | Eu sou um(a) professor(a) dialógico(a)? Como e quando?

Nem sempre. Ser uma professora dialógica é um desafio que demanda sair de um lugar em que o opressor está internalizado em mim mesma e tomar mão de práticas libertadoras.

Tento exercer essas práticas quando tento dar o protagonismo aos alunos ao propor trabalhos em sala em grupo em que o trabalho não é uma mera apresentação, mas parte da matéria, assim eles são responsáveis por transmitir conteúdo e suspirar as outras apresentações. Também proponho debates em que a turma ao invés de ser dividida em dois lados somente, é dividida em 3 e um grupo é que vai fazer o papel de berce e eu fico de observadora.

01

**Nota reflexiva 03 |** Eu sou um(a) professor(a) dialógico(a)? Como e quando?

Sim, pois quando planejo minha prática em sala de aula, reservo um momento para ouvir meus alunos para somente depois iniciar o conteúdo. No decorrer da aula tento fazer conexões com a realidade do cotidiano de minha turma para continuar ganhando a simpatia dos alunos.

Com os mecanismos que pude aprender durante o processo de construção dos saberes na academia, na sala, por exemplo: entender cada realidade do cotidiano, avaliar.

do final mais uma abordagem para avaliação da forma como apreenderam o conteúdo.

## APÊNDICE E – Fórum de discussão – Módulo 01

Entrada (4) - geografopeido@g... | Mestrado - Google Drive | docead: Como o documentário ...

ead.cp2.g12.br/mod/forum/discuss.php?id=3704

Home | Painel | Eventos | Meus Cursos | Este curso

docead

- Participantes
- Competências
- Notas
- Geral
- Módulo 01 | Mídia-educação
  - Mídia-educação
    - Como o documentário pode ajudar na construção do c...
  - Módulo 02 - Aprendizagem Colaborativa Crítica: car...
  - Módulo III: A teoria da ação dialógica de Paulo Fr...
  - Tópico 4
  - Tópico 5
  - Tópico 6
  - Tópico 7
  - Tópico 8
  - Tópico 9
  - Tópico 10
- mppeb06
- Ações Interdisciplinares na Educação Básica - 2018,1

Transferir esta discussão para ...

Remover destaque

Mover

**Como o documentário pode ajudar na construção do conhecimento em sala de aula?**  
por pedro henrique gomes - sábado, 3 ago 2019, 06:30

Sua tarefa é:

1. Responder essa pergunta.
2. Comentar a resposta de outro participante.

14 palavras

Tags: [Documentário](#)

Link direto | Editar | Excluir | Responder | Exportar para portfólio

**Re: Como o documentário pode ajudar na construção do conhecimento em sala de aula?**  
por natasha ferreira - sábado, 3 ago 2019, 09:24

Material escanead...zip

Exibir todos

22:40  
21/10/2019

Home | Painel | Eventos | Meus Cursos | Este curso

- Tópico 8
- Tópico 9
- Tópico 10
- mppeb06
- Ações Interdisciplinares na Educação Básica - 2018,1
- Producao de Texto Academico - 2017,2
- Producao de Recursos e Materiais Didaticos Multidi...
- Construcao de Conhecimento e Complexidade - 2017,2
- Metodologia de Pesquisa - 2017,2
- Educacao e Tecnologias no Espaço Escolar
- PRMDH
- praticas de sala de aula - 2017,1

**Re: Como o documentário pode ajudar na construção do conhecimento em sala de aula?**  
por natasha ferreira - sábado, 3 ago 2019, 09:24

Pela minha experiência, o documentário pode ser uma forma mais dinâmica de trazer as mesmas informações que estão nos livros ou que nos mesmo professores queremos transmitir mas que pode ficar monótono numa aula expositiva.

O documentário é a oportunidade de os alunos terem acesso a mais informações, confiáveis, ouvirem depoimentos, verem exemplos e terem mais informações para formarem a própria opinião e debater um tema.

66 palavras

Link direto | Mostrar principal | Editar | Interromper | Excluir | Responder | Exportar para portfólio

**Re: Como o documentário pode ajudar na construção do conhecimento em sala de aula?**  
por sophia castro - sábado, 3 ago 2019, 09:49

A respeito da frase: "O documentário é a oportunidade de os alunos terem acesso a mais informações, confiáveis, ouvirem depoimentos, verem exemplos e terem mais informações para formarem a própria opinião e debater um tema." acho importante enfatizar que cada aluno reflete e recebe as informações expostas no documentário de maneira única e singular, possuindo autonomia na construção do seu próprio conhecimento. Nesse sentido, é muito rico o debate e a troca de diferentes pontos de vista em sala de aula para que as ideias e reflexões sejam compartilhadas.

89 palavras

Link direto | Mostrar principal | Editar | Interromper | Excluir | Responder | Exportar para portfólio

Home Painel Eventos Meus Cursos Este curso

Assinar este fórum  
Desinscrever da discussão  
Mostrar assinantes  
Administração do curso

Re: Como o documentário pode ajudar na construção do conhecimento em sala de aula?

por pedro henrique gomes - domingo, 4 ago 2019, 19:58

Sophia, muito pertinente a sua colocação. Seja qual for o objeto de aprendizagem adotado e apreciado, é importante socializar visões, opiniões para a construção coletiva do conhecimento. Individualmente, ao analisar uma obra fílmica, tiramos conclusões que podem ser transformadas no diálogo com o outro.

44 palavras

Link direto Mostrar principal Editar Interromper Excluir Responder Exportar para portfólio

Re: Como o documentário pode ajudar na construção do conhecimento em sala de aula?

por pedro henrique gomes - domingo, 4 ago 2019, 19:59

Natasha, realmente o documentário pode exercer esse papel de centralidade no processo de aprendizagem. Levar informações, compartilhar depoimentos, colocar o estudante frente a realidade do outro.

26 palavras

Link direto Mostrar principal Editar Interromper Excluir Responder Exportar para portfólio

Re: Como o documentário pode ajudar na construção do conhecimento em sala de aula?

por sophia castro - sábado, 3 ago 2019, 09:40

Entrada (43) - geografopedro@g... Mestrado - Google Drive docead: Como o documentário

ead.cp2.g12.br/mod/forum/discuss.php?id=3704

Home Painel Eventos Meus Cursos Este curso

Re: Como o documentário pode ajudar na construção do conhecimento em sala de aula?

por sophia castro - sábado, 3 ago 2019, 09:40

Acredito que o documentário seja um importante instrumento pedagógico por promover debates, possibilitar trocas, aprofundar certos assuntos e discussões além de aproximar os alunos de uma dada realidade e ser lúdico.

Documentários contextualizam temas e mostram, visualmente, como um determinado conhecimento existe na vida real, dando um significado prático para o que é visto somente na teoria. A partir dele, é possível fazer debates sobre a interpretação de cada aluno, misturando e contrapondo os diversos pontos de vista. Documentários também são importantes pois fornecem dados e informações de forma datada e com ideias encadeadas, sendo fundamentais no que diz respeito a construção de novos conhecimentos.

A exemplo do conteúdo "biomas brasileiros", o uso de documentários pode ser interessante no sentido de mostrar as características de certo bioma, sua importância política, econômica e social; seus impactos para o meio ambiente bem como a consequência de seu desmatamento a longo e curto prazo para o ambiente e para a população.

Vale ressaltar que os assuntos abordados pelo documentário precisam ter um embasamento teórico para que façam sentido para os alunos, embasamento esse que normalmente é norteado pelo professor.

A partir do documentário assistido, é possível planejar e executar diversas atividades que envolvam toda a turma, trabalhando o coletivo e organizando diferentes pontos de vista. Nesse sentido, se constrói uma educação coletiva em que há trocas entre alunos e entre professores e alunos e envolve todos - saindo do modelo tradicional de educação onde só professor detém o conhecimento.

Observa-se cada vez mais o desinteresse dos alunos em aulas expositivas e monótonas e a crescente utilização de tecnologias dentro e fora da escola.

269 palavras

Link direto Mostrar principal Editar Interromper Excluir Responder Exportar para portfólio

Material escanead...zip Exibir todos

PT 22:42 22/10/2019



### Re: Como o documentário pode ajudar na construção do conhecimento em sala de aula?

por denise de souza - sábado, 3 ago 2019, 12:10

Olá Sophia,

Compartilho sua opinião, mas turmas têm diferentes características (nem vou dizer pessoas) algumas não estão preparadas argumentativamente para sustentar uma discussão. O recurso é contemporâneo, objetivo e alinhado com os novos parâmetros, no entanto como é construído dentro de uma perspectiva, precisa ser espalhado para não ser observado como verdade absoluta. Sempre cabe uma dúvida para construção de conhecimento.

61 palavras

[Link direto](#) [Mostrar principal](#) [Editar](#) [Interromper](#) [Excluir](#) [Responder](#) [Exportar para portfólio](#)



### Re: Como o documentário pode ajudar na construção do conhecimento em sala de aula?

por pedro henrique gomes - domingo, 4 ago 2019, 20:10

Sophia e Denise, muito boa essa discussão desenvolvida por vocês. Como recurso de aprendizagem, o documentário nos ajuda a provocar, alimentar e atrair olhares. Por exemplo, como seria o uso do documentário como um detonador pedagógico?

Um outro ponto importante é como trabalhar a dúvida frente aos diferentes objetos midiáticos? Nesse sentido, acho importante a colocação da Denise ao destacar que o documentário não pode ser encarado como uma verdade absoluta. Precisamos provocar tal reflexão nos estudantes.

77 palavras

[Link direto](#) [Mostrar principal](#) [Editar](#) [Interromper](#) [Excluir](#) [Responder](#) [Exportar para portfólio](#)



### Re: Como o documentário pode ajudar na construção do conhecimento em sala de aula?

por pedro henrique gomes - domingo, 4 ago 2019, 20:10

Sophia e Denise, muito boa essa discussão desenvolvida por vocês. Como recurso de aprendizagem, o documentário nos ajuda a provocar, alimentar e atrair olhares. Por exemplo, como seria o uso do documentário como um detonador pedagógico?

Um outro ponto importante é como trabalhar a dúvida frente aos diferentes objetos midiáticos? Nesse sentido, acho importante a colocação da Denise ao destacar que o documentário não pode ser encarado como uma verdade absoluta. Precisamos provocar tal reflexão nos estudantes.

77 palavras

[Link direto](#) [Mostrar principal](#) [Editar](#) [Interromper](#) [Excluir](#) [Responder](#) [Exportar para portfólio](#)



### Re: Como o documentário pode ajudar na construção do conhecimento em sala de aula?

por denise de souza - sábado, 3 ago 2019, 11:55

Como professora e cinefila já usei vários filmes para edificar conteúdos, mas especificamente documentários, ainda não criei esta possibilidade. Documentários se caracterizam por "uma visão da realidade por meio da tela", perspectiva esta que agrega conhecimento e que precisa ser trabalhada previamente com o olhar de outras contribuições sobre o mesmo tema. Por si só, como costume presencial, filmes muitas vezes são passados para preencher horários vagos ou ausência de conteúdo para uma aula, o que não faz nenhum sentido. Porém, sobre o artigo citado, criando uma mentalidade para respaldar o uso ou se pensarmos numa situação imediata, com poucos recursos, leituras e debates com diferentes abordagens discutidas antes da exibição, são peças necessárias, respaldadas pela BNCC, que efetivamente colaboram para uma visão reflexiva e crítica que é o ponto fundamental que norteia a boa educação

136 palavras

[Doc1.docx](#)

[Link direto](#) [Mostrar principal](#) [Editar](#) [Interromper](#) [Excluir](#) [Responder](#) [Exportar para portfólio](#)



### Re: Como o documentário pode ajudar na construção do conhecimento em sala de aula?

por alan henrique da silva - sábado, 3 ago 2019, 18:42

Como bem lembrado pela Denise, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) ressalta que "contemplar de forma crítica essas novas práticas de linguagem e produções, não só na perspectiva de atender às muitas demandas sociais que convergem para um uso qualificado e ético das TIC - necessário para o mundo do trabalho, para estudar, para a vida cotidiana etc. -, mas de também **fomentar o debate e outras demandas sociais que cercam essas práticas e usos**". Assim, como poderíamos em sala de aula analisar o impacto que o documentário tem na maneira de nos relacionarmos como sociedade? Como vamos além do conteúdo do documentário analisando e debatendo o próprio meio? Nesse contexto, vale refletirmos sobre a citação de Zygmunt Bauman "*Vive-se a própria vida como uma história ainda a ser contada, mas a forma como deve ser tecida a história que se espera contar decide a técnica pela qual o fio da vida é tecido.*" Isto é, a utilização da técnica - o documentário - altera a maneira como a mensagem do conteúdo se relaciona com a vida dos alunos.

175 palavras

[Link direto](#)
[Mostrar principal](#)
[Editar](#)
[Interromper](#)
[Excluir](#)
[Responder](#)
[Exportar para portfólio](#)



### Re: Como o documentário pode ajudar na construção do conhecimento em sala de aula?

por pedro henrique gomes - domingo, 4 ago 2019, 20:17

Alan, gostei bastante da sua reflexão e da citação do Bauman. Em algumas entrevistas, o educador José Pacheco destaca a necessidade de educarmos na cidadania crianças e jovens para poderem entender o que é a cidade, direitos e deveres. No entanto, o grande desafio é como criar situações de aprendizagens que deem conta de todas as complexidades da vida que são urgentes para o aprendizado na escola? De certa forma, determinadas situações de aprendizagem podem ser facilitadas e promovidas por meio dos documentários com vistas a criar a dúvida, a investigação e a construção do conhecimento.

96 palavras

[Link direto](#)
[Mostrar principal](#)
[Editar](#)
[Interromper](#)
[Excluir](#)
[Responder](#)
[Exportar para portfólio](#)



### Re: Como o documentário pode ajudar na construção do conhecimento em sala de aula?

por pedro henrique gomes - domingo, 4 ago 2019, 20:19

Denise, boa a sua colocação, Como educador sociocrítico, fazer uma boa curadoria de filmes, planejar boas ações pedagógicas e estabelecer metas de aprendizagem são caminhos para criar significado e engajamento na escola.

32 palavras

[Link direto](#)
[Mostrar principal](#)
[Editar](#)
[Interromper](#)
[Excluir](#)
[Responder](#)
[Exportar para portfólio](#)



### Re: Como o documentário pode ajudar na construção do conhecimento em sala de aula?

por marcos antonio santos - sábado, 3 ago 2019, 12:37

O documentário pode, além do aprofundamento de conteúdos pedagógicos, apresentar aos estudantes a dinâmica de produção das lutas sociais através de personagens vivos, construtores da própria história do tempo presente. Acho importante apresentar o diretor do filme, um pouco da sua história e chamar a atenção de que é possível não ficar preso à dinâmica da programação televisiva ao buscar informações. Alguns documentaristas estadunidenses, como Michael Moore, a título de exemplo, revelam que a sociedade americana não é dominada por um pensamento único ao exporem os seus problemas e opiniões contrárias de seus cidadãos, ao contrário do que a gente assiste e lê nos jornais diariamente. E isso é importante para uma formação crítica de nossos estudantes.

117 palavras

[Link direto](#)
[Mostrar principal](#)
[Editar](#)
[Interromper](#)
[Excluir](#)
[Responder](#)
[Exportar para portfólio](#)



### Re: Como o documentário pode ajudar na construção do conhecimento em sala de aula?

por renata souza - domingo, 11 ago 2019, 22:39

Concordo (muito) com a importância de contextualizar a produção do documentário, o diretor, a produtora, os objetivos, para que os estudantes o entendam enquanto construção política e ideologicamente posicionada. Acredito que seja um caminho da educação para, com e pelas mídias, proporcionando o conflito de pontos de vista, que potencializa a construção de conhecimentos.

Bom o exemplo do Michael Moore. Eu costumo trabalhar com documentários do Silvio Tendler, que junto com a produtora tem uma relação interessante com a educação, inclusive popular.

82 palavras

[Link direto](#)
[Mostrar principal](#)
[Editar](#)
[Interromper](#)
[Excluir](#)
[Responder](#)
[Exportar para portfólio](#)



### Re: Como o documentário pode ajudar na construção do conhecimento em sala de aula?

por alan henrique da silva - sábado, 3 ago 2019, 17:26

Apropriando-me do texto de Bévort e Belloni que nos faz refletir sobre a missão escolar da Mídia-educação como campo de formação cidadã nas TIC, a difusão de um documentário ajuda na construção do conhecimento em sala de aula. Entretanto, conforme afirma as autoras do texto, ensinar sobre as mídias neste contexto seria focar nas experiências midiáticas dos jovens fora da escola. Assim sendo, creio ser mais significativo para a construção do conhecimento a produção dos documentários pelos alunos tendo em vista que a participação do aluno não se limitará em apenas analisar a mensagem, mas também intervir, modificar. Além disso, a produção provoca o aluno observar a emissão e a recepção do seu conteúdo através das inúmeras codificações e decodificações da mensagem. Vale ressaltar que o professor deve se dar conta de que o documentário como interface, e não como ferramenta, potencializa a aprendizagem pelo fato de promover o encontro de discursos em atitude integradora, crítica, autocrítica e exploratória que permite ao professor superar a dominância da pedagogia da transmissão.

170 palavras

[Link direto](#)
[Mostrar principal](#)
[Editar](#)
[Interromper](#)
[Excluir](#)
[Responder](#)
[Exportar para portfólio](#)



### Re: Como o documentário pode ajudar na construção do conhecimento em sala de aula?

por renata souza - domingo, 11 ago 2019, 22:08

O documentário - a produção audiovisual de maneira geral - confere visibilidade, movimento, som, ao temas e conteúdos, adicionando os sentidos ao processo de construção de conhecimento. Além disso, o documentário, especificamente, é fonte de informação, e por isso contribui para ampliar ou aprofundar conhecimentos.

43 palavras

[Link direto](#)
[Mostrar principal](#)
[Editar](#)
[Interromper](#)
[Excluir](#)
[Responder](#)
[Exportar para portfólio](#)



### Re: Como o documentário pode ajudar na construção do conhecimento em sala de aula?

por Isadora oliveira - segunda, 12 ago 2019, 13:03

Boa tarde a todos, cheguei um pouco atrasada na discussão, mas li os comentários anteriores e gostaria de colocar a minha opinião sobre o que foi discutido. Muitos de vocês ressaltaram a importância do documentário enquanto fonte de informação, um recurso audiovisual que expõe temas e pode ajudar os alunos (a partir de uma discussão guiada pelo educador) a compreender determinado assunto.

Pessoalmente eu prefiro a ideia de documentário como "documento + inventário" (vou buscar a referência para a próxima aula), ou seja, filme que mistura informação e criação. O modelo de documentário tradicional expositivo é apenas uma das muitas formas de documentário (entre os que citamos em sala citamos, destaco o poético, o reflexivo e o performático).

Acredito que documentários que versam sobre temas específicos de forma didática (baseados em entrevistas ou narração em off sobre imagens de arquivo) não são tão diferentes de vídeo-aulas ou reportagens televisivas, e por isso não despertam muito o interesse dos alunos. Claro que é eles podem apresentar pontos de vista diferentes daqueles apresentados pela mídia tradicional (e isso é muito importante!), mas quanto a despertar o olhar para novas linguagens, pode deixar a desejar.

191 palavras

[Link direto](#)
[Mostrar principal](#)
[Editar](#)
[Interromper](#)
[Excluir](#)
[Responder](#)
[Exportar para portfólio](#)

pode deixar a desejar.

191 palavras

[Link direto](#)
[Mostrar principal](#)
[Editar](#)
[Interromper](#)
[Excluir](#)
[Responder](#)
[Exportar para portfólio](#)



## Re: Como o documentário pode ajudar na construção do conhecimento em sala de aula?

por natasha ferreira - segunda, 12 ago 2019, 19:10

Essa questão de despertar o interesse do aluno é sempre um desafio, porque acontece de acharmos um documentário super interessante, mas os alunos não terem a mesma percepção. Porém, geralmente minhas experiências de uso em sala me mostram que têm alunos que se interessam e outros não, comigo é difícil a turma toda não gostar. Todavia, para isso, é preciso fazer uma boa seleção.

Eu muitas vezes fico me perguntando qual é a melhor estratégia ao utilizar o documentário: apresentar já as questões, alguns pontos importantes aos alunos, ou deixá-los assistirem livremente e eles mesmos destacarem o que lhes atrai?

Na minha experiência eu tendo à primeira estratégia: gosto de fazer uma preparação mínima da turma, quando já não faço um roteiro de questões para eles observarem e responderem.

Agora refletindo sobre o que conversamos na última aula, acho que uso essa estratégia porque a maioria dos alunos não estão acostumados a ver o documentário como uma aula, pois, infelizmente, ainda existe a cultura do filme como um tapa buraco e aí é necessário que haja de fato esse letramento midiático para que os alunos possam se apropriar melhor das informações e questões presentes.

194 palavras

[Link direto](#)
[Mostrar principal](#)
[Editar](#)
[Interromper](#)
[Excluir](#)
[Responder](#)
[Exportar para portfólio](#)

## APÊNDICE F – Fórum de discussão do Módulo 02

Search Courses 
Home | Painel | Eventos | Meus Cursos | Este curso
Buscar no fórum | Ocultar blocos | Visualização padrão

---

**Navegação**

Página inicial

Painel

▶ Páginas do site

▼ Meus cursos

▼ docead

▶ Participantes

▶ Competências

▶ Notas

▶ Geral

▶ Módulo 01 | Mídia-educação

▶ Módulo 02 - Aprendizagem Colaborativa Crítica: car...

● **Estamos preparados para aprender e ensinar por mei...**

▶ Módulo III: A teoria da ação dialógica de Paulo Fr...

▶ Tópico 4

▶ Tópico 5

▶ Tópico 6

▶ Tópico 7

▶ Tópico 8

### Estamos preparados para aprender e ensinar por meio de práticas colaborativas em sala de aula? Por que?

Sua tarefa é:

1. Responder essa pergunta.
2. Comentar a resposta de outro participante.

Acrescentar um novo tópico de discussão

Tópico	Autor	Comentários	Última mensagem
"Um passo à frente e não estamos no mesmo lugar"	Carolina Peres	1	alan henrique da silva ter, 10 set 2019, 15:21
sobre a necessidade do professor se atualizar para não se tornar um profissional "parado no tempo"	Isadora oliveira	1	alan henrique da silva ter, 10 set 2019, 15:08
Estamos preparados para aprender e ensinar por meio de práticas colaborativas em sala de aula? Por que?	denise de souza	2	Isadora oliveira sáb, 31 ago 2019, 21:19
Diria... Professores em Construção!	alan henrique da silva	1	Carolina Peres seg, 26 ago 2019, 17:42

---

Home | Painel | Eventos | Meus Cursos | Este curso

▼ Crítica: car...

● **Estamos preparados para aprender e ensinar por mei...**

▶ "Um passo à frente e não estamos no mesmo lugar"

▶ Módulo III: A teoria da ação dialógica de Paulo Fr...

▶ Tópico 4

▶ Tópico 5

▶ Tópico 6

▶ Tópico 7

▶ Tópico 8

▶ Tópico 9

▶ Tópico 10

▶ mppeb06

▶ Ações Interdisciplinares na Educação Básica - 2018.1

▶ Producao de Texto Acadêmico - 2017.2

▶ Producao de Recursos e Materiais Didáticos Multidil...

▶ Construção de Conhecimento e Complexidade - 2017.2

▶ Metodologia de Pesquisa - 2017.2

▶ Educacao e Tecnologias no Espaço Escolar

▶ PRMDH

▶ praticas de sala de aula - 2017.1

### "Um passo à frente e não estamos no mesmo lugar"

por Carolina Peres - segunda, 26 ago 2019, 17:14

Acredito que exista uma grande dificuldade de incorporação de outros meios e técnicas que fujam ao tradicional cotidiano escolar. Buscar o interesse e participação dos alunos num contexto em que diversos outros meios são sedutores a eles (redes sociais, principalmente) é uma grande tarefa. Com práticas que fogem ao usual eles se sentem, no mínimo, indagados a participar. A dificuldade está em adotar essa metodologia constantemente e driblar o planejamento. Isso exige um preparo muito grande do professor, isso exige um tempo que por vezes nos escapa do que nos é cobrado. Isso exige a colaboração da escola em disponibilidade de materiais (sejam eles datashow, televisão, ou papelarias) e até mesmo estímulos do corpo docente em busca de trabalhar em um projeto comum. Sem contar que, por vezes, em nossa própria formação isso se construiu de maneira deficiente.

Link direto
Editar
Excluir
Responder
Exportar para portfólio

### Re: "Um passo à frente e não estamos no mesmo lugar"

por alan henrique da silva - terça, 10 set 2019, 15:21

Além de concordar com as suas colocações, me preocupa a questão dos alunos com as redes sociais que você abordou. Já vi e li propostas de trabalhos brilhantes em que os alunos usam a tecnologia como ferramenta de aprendizagem. Inclusive algumas colaborativa. Entretanto, é difícil encontrar soluções que antecedem esses trabalhos para que o aluno realmente se comprometa em utilizar tais recursos e colocar o entretenimento (redes sociais) em segundo plano.

Link direto
Mostrar principal
Editar
Interromper
Excluir
Responder
Exportar para portfólio

◀ sobre a necessidade do professor se atualizar para não se tornar um profissional "parado no tempo"

---

Administração

Home Painel Eventos Meus Cursos Este curso

Buscar no fórum Ocultar blocos Visualização padrão

**Estamos preparados para aprender e ensinar por mei...**  
 sobre a necessidade do professor se atualizar para...

Módulo III: A teoria da ação dialógica de Paulo Fr...  
 Tópico 4  
 Tópico 5  
 Tópico 6  
 Tópico 7  
 Tópico 8  
 Tópico 9  
 Tópico 10  
 mppéb6  
 Ações Interdisciplinares na Educação Básica - 2018.1  
 Produção de Texto Acadêmico - 2017.2  
 Produção de Recursos e Materiais Didáticos Multidi...  
 Construção de Conhecimento e Complexidade - 2017.2  
 Metodologia de Pesquisa - 2017.2  
 Educação e Tecnologias no Espaço Escolar  
 PRMDH  
 praticas de sala de aula - 2017.1

**Administração**

Administração do fórum  
 Editar configurações  
 Filtros

**sobre a necessidade do professor se atualizar para não se tornar um profissional "parado no tempo"**  
 por isadora oliveira - sábado, 31 ago 2019, 19:12

Os comentários anteriores sobre a necessidade do professor se atualizar para não se tornar um profissional "parado no tempo" me lembraram um documentário sobre escolas alternativas no Brasil chamado "Quando sinto que já sei". Nela, uma diretora de um colégio faz a seguinte provocação:  
 Segundo ela, se colocássemos um médico do século XVIII em uma sala de cirurgia atual, ele não saberia fazer absolutamente nada pois tudo mudou na medicina: está tudo informatizado, robotizado, os utensílios não são mais os mesmos, as cirurgias são feitas com auxílio de câmeras super modernas etc. Mas se trouxéssemos um professor do século XVIII para uma sala de aula do XXI, era capaz de os alunos nem verem a diferença. Muitas vezes parece que todas as áreas da nossa vida avançaram mas continuamos insistindo em um modelo de ensino cuspe e giz com alunos enfileirados olhando um para a nuca do outro.  
 Isso precisa mudar! E a mídia educação é peça fundamental para a atualização do sistema de ensino.  
 Segue o link do filme, recomendo fortemente! <https://www.youtube.com/watch?v=HX6P6P3x1Qg>

Link direto Editar Excluir Responder Exportar para portfólio

**Re: sobre a necessidade do professor se atualizar para não se tornar um profissional "parado no tempo"**  
 por alan henrique da silva - terça, 10 set 2019, 15:08

Compreendo o discurso da diretora, inclusive, sou completamente a favor dessa modernização do espaço de educar.  
 Entretanto, gostaria de contribuir com algumas questões que precisam ser observadas nessa analogia:  
 O valor, inclusive de renda, que o médico e o professor tem na sociedade é o mesmo?  
 As famílias são muito mais exigentes com uma sala de cirurgia ou com a sala de aula dos seus filhos?  
 O comprometimento do paciente em estar preparado para as necessidades básicas de uma cirurgia é maior que o comprometimento do aluno em aprender?  
 Concordo que a sala de aula ainda possa representar um atraso, mas não podemos esquecer que tudo que conquistamos até os dias atuais surgiram nessas salas de aula.  
 (Adorei o filme!)

Link direto Mostrar principal Editar Interromper Excluir Responder Exportar para portfólio

Home Painel Eventos Meus Cursos Este curso

Buscar no fórum Ocultar blocos Visualização padrão

Notas  
 Geral  
 Módulo 01 | Mídia-educação  
 Módulo 02 - Aprendizagem Colaborativa Crítica: car...  
 Estamos preparados para aprender e ensinar por mei...  
 Estamos preparados para aprender e ensinar por mei...  
 Módulo III: A teoria da ação dialógica de Paulo Fr...  
 Tópico 4  
 Tópico 5  
 Tópico 6  
 Tópico 7  
 Tópico 8  
 Tópico 9  
 Tópico 10  
 mppéb6  
 Ações Interdisciplinares na Educação Básica - 2018.1  
 Produção de Texto Acadêmico - 2017.2  
 Produção de Recursos e Materiais Didáticos Multidi...  
 Construção de Conhecimento e Complexidade - 2017.2  
 Metodologia de Pesquisa - 2017.2  
 Educação e Tecnologias no Espaço Escolar  
 PRMDH  
 praticas de sala de aula - 2017.1

Transfira esta discussão para ... Mover  
 Destacar

**Estamos preparados para aprender e ensinar por meio de práticas colaborativas em sala de aula? Por que?**  
 por denise de souza - domingo, 18 ago 2019, 14:33

Estamos preparados para aprender e ensinar por meio de práticas colaborativas em sala de aula? Por que?  
 Estamos em plena transformação, todos os meus colegas de profissão, neste momento, buscam formas de atualização, creio que existe um reconhecimento de que aulas expositivas baseadas somente em práticas tradicionais não são atraentes e significativas. Podemos observar um movimento enorme em redes sociais que buscam incentivar novas práticas e trocas de conhecimentos. Antes para ter acesso a estas informações era preciso fazer um caminho solitário de pesquisas, hoje, conseguimos formar grupos com interesses específicos. Demos um grande salto em um espaço tão curto de grandes inovações, no entanto, para não permanecermos em um estágio mambembe, instituições deveriam incentivar proporcionando ferramentas, cursos e tempo. Na verdade, observo muito esforço individual e pouco tempo para o desenvolvimento de práticas colaborativas dentro dos estabelecimentos de ensino.

Link direto Editar Excluir Responder Exportar para portfólio

**Re: Estamos preparados para aprender e ensinar por meio de práticas colaborativas em sala de aula? Por que?**  
 por joel santos - segunda, 19 ago 2019, 09:25

Estamos preparados, pois estamos conectados o tempo todo e por meio das tecnologias a nossa disposição podemos utilizar os mecanismos a favor da informação em sala de aula mesmo que muitas vezes os currículos não consigam os docentes possuem a habilidade de colocar uma informação para os educandos. Seja para construção dos saberes, seja para trazer um dado sobre um tema relevante que precisa ser abordado.

Link direto Mostrar principal Editar Interromper Excluir Responder Exportar para portfólio

Home Painel Eventos Meus Cursos Este curso

Producao de Texto Academico - 2017.2  
 Producao de Recursos e Materiais Didaticos  
 Multidi...  
 Construcão de Conhecimento e Complexidade - 2017.2  
 Metodologia de Pesquisa - 2017.2  
 Educacao e Tecnologias no Espaço Escolar  
 PRMIDH  
 praticas de sala de aula - 2017.1

**Re: Estamos preparados para aprender e ensinar por meio de práticas colaborativas em sala de aula? Por que?**  
 por Joel santos - segunda, 19 ago 2019, 09:25

Estamos preparados, pois estamos conectados o tempo todo e por meio das tecnologias a nossa disposição podemos utilizar os mecanismos a favor da informação em sala de aula mesmo que muitas vezes os currículos não consigam os docentes possuem a habilidade de colocar uma informação para os educandos. Seja para construção dos saberes, seja para trazer um dado sobre um tema relevante que precisa ser abordado.

Link direto Mostrar principal Editar Interromper Excluir Responder Exportar para portfólio

---

**Re: Estamos preparados para aprender e ensinar por meio de práticas colaborativas em sala de aula? Por que?**  
 por isadora oliveira - sábado, 31 ago 2019, 21:19

Acho que temos as ferramentas (porque, como você disse, estamos conectados e somos usuários das novas tecnologias) mas não necessariamente estamos preparados... Com certeza ter acesso as novas mídias é o primeiro passo, mas será que sabemos desenvolver práticas didáticas para, com e pelas mídias? Como fazer isso na prática? Acredito que primeiro o professor deve "se letrar midiaticamente", tornando-se um investigador do conhecimento reflexivo, para que então possa contemplar a tecnologia na sua prática pedagógica.

Link direto Mostrar principal Editar Interromper Excluir Responder Exportar para portfólio

◀ Diria... Professores em Construção! sobre a necessidade do professor se atualizar para não se tornar um profissional "parado no tempo" ▶

Documentação de Moodle relativa a esta página Obter o aplicativo para dispositivos móveis

Home Painel Eventos Meus Cursos Este curso

Notas  
 Geral  
 Módulo 01 | Mídia-educação  
 Módulo 02 - Aprendizagem Colaborativa Crítica: car...  
 Estamos preparados para aprender e ensinar por mei...  
 Diria... Professores em Construção!  
 Módulo III: A teoria da ação dialógica de Paulo Fr...  
 Tópico 4  
 Tópico 5  
 Tópico 6  
 Tópico 7  
 Tópico 8  
 Tópico 9  
 Tópico 10  
 mpppb06  
 Ações Interdisciplinares na Educação Básica - 2018.1  
 Producao de Texto Academico - 2017.2  
 Producao de Recursos e Materiais Didaticos  
 Multidi...  
 Construcão de Conhecimento e Complexidade - 2017.2  
 Metodologia de Pesquisa - 2017.2  
 Educacao e Tecnologias no Espaço Escolar  
 PRMIDH  
 praticas de sala de aula - 2017.1

Transfira esta discussão para ... Mover  
 Destacar

**Diria... Professores em Construção!**  
 por alan henrique da silva - segunda, 19 ago 2019, 12:29

Primeiramente, devemos nos lembrar que o professor de hoje é o aluno de ontem. O aluno que passivamente era repetidor fiel dos ensinamentos dos seus professores, inclusive, na sua formação superior. Assim, além de reproduzimos enquanto aluno o comportamento de nossos professores mestres e doutores, projetamos no aluno que "ensinamos" o aluno que nós fomos: *no meu tempo, a escola era...* - muitas vezes de forma saudosista.

Além disso, os profissionais do magistério vêm sendo aos poucos excluídos da relação ensino-aprendizagem por não se adaptarem as condições de que a escola não é mais local exclusivo da educação, e consequentemente, o papel dos professores como fonte difusora de conhecimento vai sendo ressignificado principalmente após a disponibilidade de informações no *cyberspaço*.

Sendo assim, os poucos que se preparam para uma aprendizagem colaborativa são aqueles que por esforços próprios tem buscado se atualizar, pois sabem que serão excluídos, alienados, eliminados como em diversas profissões que "pararam no tempo". Esses poucos professores buscam em atividades extra-curriculares aprender, trabalhar com e junto dos alunos; a mediar o processo de aprendizagem; a aprender outros procedimentos desenvolvidos em outras áreas, como a metodologia de projetos.

Link direto Editar Excluir Responder Exportar para portfólio

---

**Re: Diria... Professores em Construção!**  
 por Carolina Peres - segunda, 26 ago 2019, 17:42

Concordo! Acredito que seja um esforço muito mais individual de buscar essa aprendizagem colaborativa, buscar atualizar e tentar reforçar essa tentativa de se adequar à práticas que não foram fomentadas em nossa própria formação.

Link direto Mostrar principal Editar Interromper Excluir Responder Exportar para portfólio

Estamos preparados para aprender e ensinar por meio de práticas colaborativas em sala de aula? Por que? ▶

Administração

**PRODUTO EDUCACIONAL**

# **DISPOSITIVO PEDAGÓGICO**

**O USO DO DOCUMENTÁRIO NO  
CONTEXTO DA APRENDIZAGEM  
COLABORATIVA CRÍTICA**



**PEDRO HENRIQUE OLIVEIRA GOMES  
ESTHER KUPERMAN**

---

Produto educacional resultante de pesquisa realizada no Programa de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica do Colégio Pedro II



**Pedro Henrique Oliveira Gomes  
Esther Kuperman**

# **DISPOSITIVO PEDAGÓGICO**

**O USO DO DOCUMENTÁRIO NO  
CONTEXTO DA APRENDIZAGEM  
COLABORATIVA CRÍTICA**

**Pedro Henrique Oliveira Gomes  
Esther Kuperman**

# **DISPOSITIVO PEDAGÓGICO**

**O USO DO DOCUMENTÁRIO NO  
CONTEXTO DA APRENDIZAGEM  
COLABORATIVA CRÍTICA**



**1ª Edição  
Rio de Janeiro, 2019**

COLÉGIO PEDRO II  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA  
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER  
CATALOGAÇÃO NA FONTE

xxxx

Gomes, Pedro Henrique Oliveira  
O uso do documentário no contexto da aprendizagem colaborativa  
crítica / Pedro Henrique Oliveira Gomes; Esther Kuperman. -  
1.ed. - Rio de Janeiro: CPIL, 2019.

44 p.

Bibliografia: p. xx.

ISBN:

97885354459.

1. xxxxx. 2. xxxxx. 3. xxxxx. I. xxxxxxxx. II.

Título.

CDD

613.7

Ficha catalográfica

elaborada pelo Bibliotecário João Alfredo - CRB7 8094

(FICHA CATALOGRÁFICA MERAMENTE ILUSTRATIVA. DEVE SER  
ELABORADA PELOS BIBLIOTECÁRIOS DA PROPGPEC E IMPRESSA NO VERSO DA  
FOLHA DE  
ROSTO E CONSTAR TAMBÉM NO DOCUMENTO EM PDF ENTREGUE JUNTO AO  
IMPRESSO)

## Resumo

Qual é o valor dado pelos professores e pelas professoras para o uso do documentário na sala de aula? Que facilidades e dificuldades existem para o seu uso? Quais são as possibilidades para o seu uso no contexto da aprendizagem colaborativa crítica? Com base nessas perguntas, realizamos uma pesquisa com professores no Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica no Colégio Pedro II. O nosso laboratório foi um curso de extensão voltado para 11 profissionais da educação básica apoiado numa pesquisa qualitativa de estudo de caso. Por meio dos dados e informações oferecidas pelos participantes e de um arcabouço teórico sobre os paradigmas emergentes da educação, elaboramos um dispositivo pedagógico para inspirar professores e professoras para o uso do documentário na sala de aula dentro do contexto da aprendizagem colaborativa crítica. O nosso referencial teórico envolveu reflexões a partir do conceito de aprendizagem colaborativa de Marilda Behrens, a perspectiva crítica de educação de Paulo Freire e Henry Giroux e a concepção sobre o cinema na escola de Marcos Napolitano. Nosso desafio foi, a partir das respostas dos professores e professoras, elaborar uma proposta pedagógica na qual o documentário é usado como um detonador pedagógico para a construção de uma teia de conhecimento, para o letramento midiático e, conseqüentemente, para o desenvolvimento da aprendizagem colaborativa crítica. Portanto, este dispositivo pedagógico é fruto do diálogo estabelecido com um grupo de professores e professoras atuantes na educação básica, buscando-se resolver as dificuldades e aproveitando-se das possibilidades de uso mencionadas por eles. Esperamos que o dispositivo não seja encarado como uma receita ou guia, mas sim para um objeto pedagógico para inspirar novas práticas docentes.

Palavras-chave: Aprendizagem Colaborativa Crítica; Letramento midiático; Documentário; Abordagem progressista; Ensino pela pesquisa.

# SUMÁRIO

*dispositivo pedagógico*

## 01 APRESENTAÇÃO

## 02 O DOCUMENTÁRIO NA SALA DE AULA

Mídia-Educação e metas para o letramento midiático.

## 04 PROMOVER PRÁTICAS COLABORATIVAS NA ESCOLA

Ensinar e aprender para a autonomia

## 06 SER UM PROFESSOR DIALÓGICO?

Do diálogo nasce a rebeldia

## 20 DOCUMENTÁRIOS PARA TRABALHAR NA SALA DE AULA

## 29 PARA PROMOVER O DIÁLOGO E A PESQUISA POR MEIO DE FILMES

## 30 MODELO DE PLANO DE TRABALHO

## 32 CONSIDERAÇÕES FINAIS

## 33 REFERÊNCIAS

Este dispositivo pedagógico é parte do resultado de uma pesquisa realizada no Programa de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica do Colégio Pedro II localizado na cidade do Rio de Janeiro. Ele foi produzido a partir da análise de diferentes pontos de vista de um grupo de professores e professoras da educação básica que participaram do curso "O Uso do Documentário no Contexto da Aprendizagem Colaborativa Crítica".

Sob a orientação da Profa. Esther Kuperman, a pesquisa tinha por objetivo avaliar o valor dado pelos professores e professoras para o uso do documentário em sala de aula e pensar em possibilidades para o seu uso como detonador pedagógico para a aprendizagem colaborativa crítica.

## Nota importante

Este material não deve ser encarado como uma receita ou um guia pedagógico. Ele objetiva ser um dispositivo para inspirar novas práticas educativas. Que os professores e professoras possam pensar, planejar e realizar ações pedagógicas que privilegiem o pensamento crítico, a prática colaborativa e a construção coletiva do conhecimento. O seu público-alvo é professores e professoras das séries finais do ensino fundamental e do ensino médio.



Imagem gratuita oferecida pelo Canva.

*"Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens e as mulheres se educam entre si, mediatizados pelo mundo"*

Paulo Freire, em Pedagogia do Oprimido



Autoria: Kim Cartunista

## Inspiração

A obra do educador Paulo Freire é a principal inspiração para a fundamentação teórica da pesquisa e para a elaboração deste dispositivo pedagógico. A educação crítica como prática de liberdade, a educação como ato dialógico e a necessidade do professor ser pesquisador e ter rigor científico na prática

docente são os referenciais que orientam a nossa visão de educação.

Defendemos assim uma prática docente que provoque a construção coletiva do conhecimento por meio do diálogo, da colaboração e da reflexão crítica sobre as diferentes realidades.

# O documentário na sala de aula



Imagem gratuita oferecida pelo Canva.

O documentário é um gênero cinematográfico que se caracteriza pelo compromisso em explorar a realidade. Ele é uma representação parcial e subjetiva da realidade. Existem diferentes tipos de documentário. Pode ser expositivo, poético, observativo, participativo, reflexivo e performático (PENAFRIA, 2001).

Na sala de aula, o documentário pode iniciar uma aula, ilustrar um fato ou fenômeno, contextualizar algo da história. Em nossa pesquisa, recomenda-se o uso do documentário como um detonador pedagógico para o desenvolvimento de uma teia de conhecimentos.

## Letrar para as mídias

Ao considerar o documentário como uma fonte de informação e difusor de valores, representações, discursos, cenários e ideologias, é necessário e uma oportunidade ímpar para ocorrer um processo de letramento midiático desenvolvido pelo educador (NAPOLITANO, 2009).

Por letramento midiático, entende-se uma ação para o desenvolvimento de uma competência resultante do estudo sobre a relação entre mídia e educação, ao reconhecer o conjunto de informações, valores, representações e discursos presentes nas mídias e sua necessidade de mediação por

parte do professor entre as obras midiáticas e os estudantes. O processo envolveria a identificação desses elementos e sua respectiva desconstrução e re-construção para a construção do conhecimento (SOARES, 2006; SETTON, 2010).

Ao dominar os recursos das mídias, o estudante alcança autonomia para aprender, posiciona-se e criar conhecimento por meio delas.



Imagem gratuita oferecida pelo Canva.

# Mídia- Educação

Para compreender a informação, o que devemos desenvolver na escola para tornar os estudantes leitores críticos das mídias?

Trabalhar com a mídia-educação na escola é importante para haver condições mínimas para a apropriação crítica e criativa das mídias que o progresso impõe para as sociedades.

Nos dias atuais, elas não podem ser encaradas apenas como uma escola paralela. Deve estar na escola para ser apropriada como objeto de estudo e ferramenta pedagógica (BEVORT e BELLONI, 2009).

O aprendizado midiático envolve as capacidades de

escuta, leitura e compreensão para acessar a informação e de análise, colaboração e reflexão para a difusão das informações e a comunicação entre as pessoas.

Apropriar-se das mídias é romper com o ciclo natural de simplificação e assumir a complexidade do mundo da informação, conforme nos aponta a pesquisadora Renée Hobbs em entrevista para Revista Nova Escola sobre letramento midiático publicada em maio de 2018.



Imagem gratuita oferecida pelo Canva.

PÁG. 03

## METAS DO LETRAMENTO MIDIÁTICO

**01**

Acessar uma ampla gama de ferramentas digitais e ter flexibilidade para encontrar e adaptar-se as novas ferramentas.

**02**

Realizar, de forma habitual, a análise crítica de textos de mídia em qualquer formato.

**03**

Demonstrar habilidades de produção de mídia fundamentadas em uma escrita técnica ou criativa bem desenvolvida.

**04**

Demonstrar habilidades de busca, curadoria e produção do conhecimento.

**05**

Demonstrar capacidade de solucionar problemas, buscar ajuda e atuar fazendo uso de recursos de mídia.

**06**

Utilizar de recursos de mídia para auto-expressão e interação com outros de forma responsável e consciente.

### FONTE:

Extraído da publicação *MídiaMakers Papers 1: Introdução à Educação Midiática* (2ª edição) - Disponível em: [https://issuu.com/midi makers/docs/mmpa pers\\_1\\_intro\\_educac\\_a\\_o\\_midia](https://issuu.com/midi makers/docs/mmpa pers_1_intro_educac_a_o_midia).

### Para saber mais!

BEVORT, Evelyne e BELLONI, Maria Luiza. *Mídia-educação: conceitos, história e perspectivas*. Educ. Soc. [online]. 2009, vol.30, n.109, pp.1081-1102.

NAPOLITANO, M. *Como usar o cinema na sala de aula*. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

SETTON, M. G. *Mídia e Educação*. São Paulo: Contexto, 2010.



# Ensinar e aprender para a autonomia

Que recursos e estratégias precisamos desenvolver em sala de aula para tornar os educandos mais autônomos?

Em contextos tão desiguais, criar condições para os seus educandos fazerem escolhas é um grande desafio. Assim, pensar uma escola e uma prática docente para estimular a autonomia do educando é necessariamente colocá-lo para pensar e vivenciar os valores democráticos.

O educador deve exercer um papel de mediador, facilitador e articulador do conhecimento para provocar a curiosidade e o interesse pela investigação por parte do estudante.

Para isso, inspirando-se em Freire (1996), ensinar e aprender exigem:

- respeito aos saberes dos educandos;
- criticidade e corporificação das palavras pelo exemplo;
- exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação;
- reconhecimento e assunção da identidade cultural;
- saber escutar e disponibilidade para o diálogo;
- liberdade e autoridade.



Imagem gratuita oferecida pelo Canva.

## ENSINO PELA PESQUISA

### 01

Enfoca o conhecimento a partir da localização histórica de sua produção e o percebe como provisório e relativo.

### 02

Estimula a análise, a capacidade de compor e recompor dados, informações, argumentos e ideias.

### 03

Valoriza a curiosidade, o questionamento exigente e a incerteza.

### 04

Percebe o conhecimento de forma interdisciplinar, propondo pontes de relações entre eles e atribuindo significados próprios aos conteúdos, em função dos objetivos acadêmicos.

### 05

Entende a pesquisa como instrumento do ensino e como ponto de partida e de chegada da apreensão da realidade.

#### FONTE:

CUNHA, M. I. Ensino pela pesquisa: a prática do professor universitário. In: Cadernos de Pesquisa, número 97. São Paulo, maio de 1996.

#### Para saber mais!

BEHRENS, M. A. Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente. In: MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; e BEHRENS, M. A. Novas tecnologias e mediação pedagógica. Campinas: Papirus, 2000, p. 67-132.

DEMO, P. Educar pela pesquisa. Campinas: Autores Associados, 1996.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

# Ser um professor dialógico?



Imagem gratuita oferecida pelo Canva.

Na renovação das práticas educativas, a prática do diálogo é uma estratégia de ensino e aprendizagem fundamental para o desenvolvimento da autonomia dos educandos. Lançar mão do debate e da discussão de forma planejada em sala de aula é privilegiar a experiência coletiva na escola.

O diálogo é a troca que possibilita conexões entre pessoas, ideias e atitudes. Na escola, ele estabelece conexões entre disciplinas, ações docentes por projetos comuns e ações discentes para a construção coletiva do conhecimento (CASTANHO, 1993).

## Interdisciplinaridade

Como alcançá-la no ambiente escolar?

Dentro dos paradigmas emergentes da educação, adotar uma abordagem interdisciplinar na escola é algo extremamente necessário para compreender a complexidade dos fatos e fenômenos (BEHRENS, 2000).

No currículo escolar, ser interdisciplinar é reunir condições para o diálogo entre as disciplinas e realizar projetos pedagógicos comuns. Na prática docente, é explorar as virtudes da sua disciplina e contribuir de forma integrada para leituras de mundo mais complexas por parte dos educandos.

Para Fazenda (2010), a interdisciplinaridade é uma atitude de busca de alternativas para conhecer mais e melhor; de espera frente

aos atos não consumados; de reciprocidade que impele à troca, que impele ao diálogo, com pares idênticos, com pares anônimos ou consigo mesmo; atitude de humildade frente à limitação do próprio ser; de perplexidade frente a possibilidade de desvendar novos saberes; de desafio, desafio frente ao novo, desafio em redimensionar o velho; de envolvimento e comprometimento com os projetos e com as pessoas neles envolvidas; de compromisso em construir sempre da melhor forma possível; de responsabilidade, mas, sobretudo, de alegria, de revelação, de encontro, enfim, de vida.



# Do diálogo nasce a rebeldia

De que forma possibilitar conexões?

O diálogo, como técnica, é sempre um meio e nunca um fim. Diálogo, discussão e conversa são diferentes tipos de conversa (CASTANHO, 1993).

Na discussão, deseja-se levantar diferentes pontos de vista para analisar todas elas e tentar definir as melhores saídas para uma determinada situação.

No debate, as pessoas entram na conversa para vencer, quase sempre desbancando o argumento do outro.

Seja qual for o tipo de conversa, a técnica de ensino

e aprendizagem adotada deve ter intencionalidade e ser planejada. Dentro da nossa proposta, ela deve sempre privilegiar sequências didáticas que coloquem o educando frente a experiências coletivas, colaborativas e participativas para a construção do conhecimento. Nesse sentido, ser rebelde é ir contra o modelo tradicional, sabendo escutar, tendo disponibilidade para o diálogo e sabendo argumentar contra as realidades marcadas pela desigualdade (FREIRE, 2013).



Imagem gratuita oferecida pelo Canva.

## ORIENTAÇÕES PARA UMA BOA CONVERSA:

### 01

Pensar a discussão como uma cooperação intelectual e fruto de uma escuta afetiva.

### 02

Explorar a capacidade de dizer com as suas próprias palavras.

### 03

Devem ter objetivos claros.

### 04

Todo trabalho de grupo pressupõe intenso trabalho individual.

### 05

Ter critérios para aplicação da técnica.

### 06

A discussão deve ser uma lição criadora.

### 07

Ter tarefas para informar-se. Buscar informações.

### 08

Devem vir no bojo de uma atitude afetiva que caracteriza o professor como alguém muito especial.

### FONTE:

Texto adaptado de CASTANHO, Maria Eugênia L. M. Da discussão e do debate nasce a rebeldia. In: VEIGA, Ilma Castro Alencastro. Técnicas de ensino: por que não? 2ª ed. Campinas: Papirus, 1993, pp. 93-106.

Para saber mais!

FAZENDA, I. C. A. O que é interdisciplinaridade? São Paulo: Cortez, 2008.

FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

INDICAÇÕES

PÁG. 08

## 20 documentários para trabalhar na sala de aula

---


### O documentário como detonador pedagógico

Levando em consideração as dificuldades apresentadas pelos professores e professoras durante o curso de extensão, listamos aqui uma série de filmes documentários com duração de até 40 minutos para serem explorados na escola. As obras filmicas podem ser encontradas em plataformas digitais de vídeos, como You Tube, Vimeo e Netflix.

Recomendamos o uso do documentário na sala de aula como um recurso didático que proporcione o desenvolvimento de uma teia de conhecimentos. Por meio dele, o educador e a educadora podem trabalhar a linguagem cinematográfica, conteúdos conceituais e factuais e conteúdos procedimentais.



Imagem gratuita oferecida pelo Canva.



RACISMO NA  
HISTÓRIA

O filme aborda a questão do trabalho infantil e das relações raciais no Brasil dos anos 1930. O conceito de memória é um conteúdo que pode ser explorado em sala de aula.

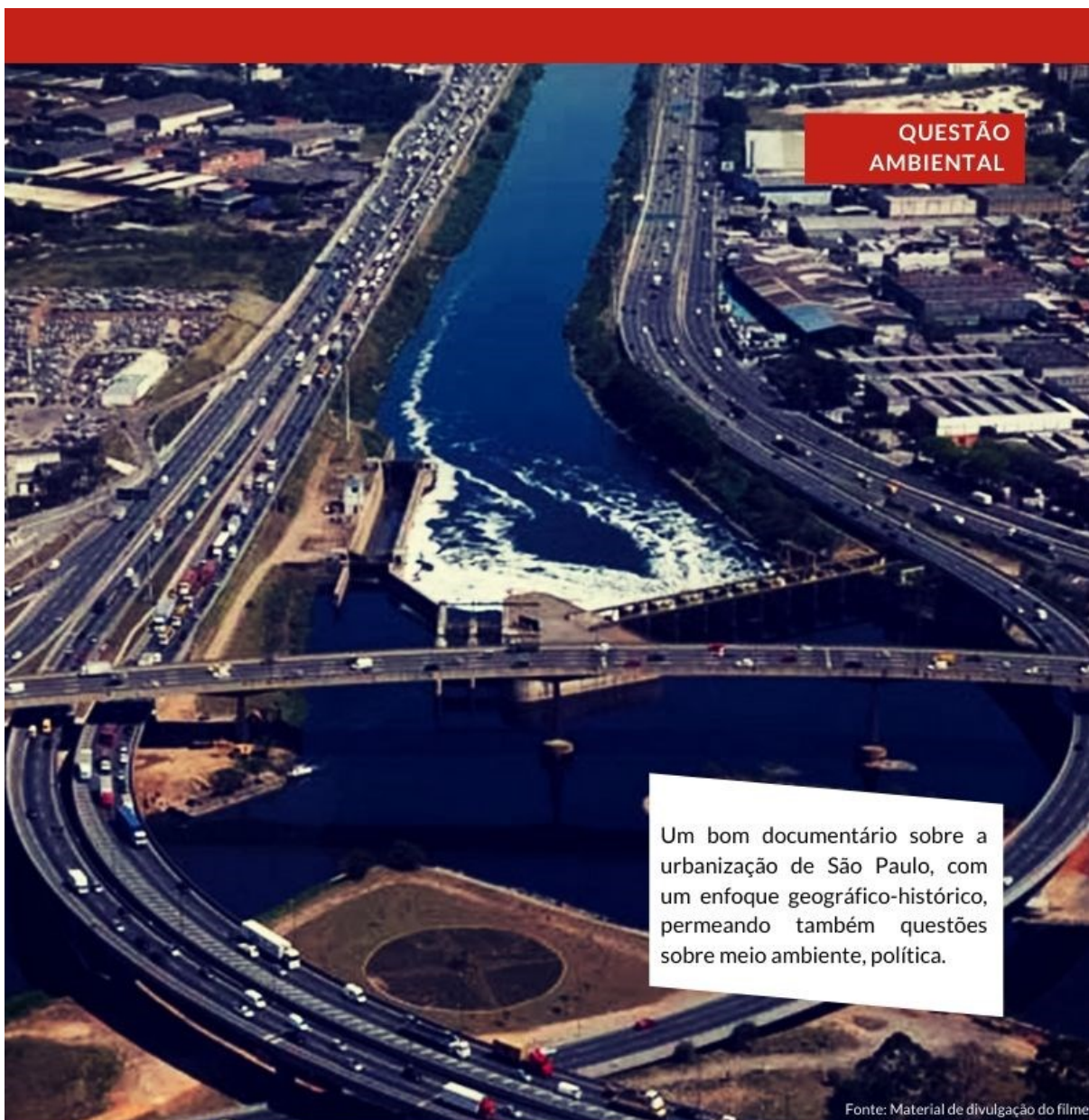
Fonte: Material de divulgação do filme.

## Entre a suástica e a palmatória

Direção: Philippe Noguchi

Documentário, Brasil, 2013, 22 min

Nos anos 1930 e 1940, uma fazenda do interior paulista adotou símbolos nazistas como emblema. A propriedade vizinha, pertencente à mesma família, colocou em prática teorias racistas e eugênicas: recrutou 50 crianças órfãs, a maioria negras, para trabalhar em suas terras. A história só veio à tona em 1990, quando um fazendeiro descobriu a primeira pista do caso.



## Entre Rios

Direção: Caio Silva Ferraz

---

Documentário, Brasil, 2009, 25 min

Entre Rios fala sobre o processo de transformação sofrido pelos cursos d'água paulistanos e as motivações sociais, políticas e econômicas que orientaram a cidade a se moldar como se eles não existissem. A boa notícia é que a cidade, assim como os rios, está em constante transformação e pode tomar novos rumos dependendo dos valores e anseios de sua sociedade.



DIREITO À  
CIDADE

O documentário é uma boa oportunidade para discutir questões como a desigualdade de renda; cidadania e direito de ir e vir; conceito de espaço público e privado.

Fonte: Material de divulgação do filme.


## Hiato

Direção: Vladimir Seixas

---

Documentário, Brasil, 2008, 20 min

Em agosto de 2000 um grupo de manifestantes organizou uma ocupação em um grande shopping da zona sul carioca. O episódio obteve grande repercussão na imprensa nacional e ainda hoje é discutido por alguns teóricos. O filme recuperou imagens de arquivo e traz entrevistas de alguns personagens 7 anos após essa inusitada manifestação.



IDENTIDADE E  
NAÇÃO

Por meio do documentário, é possível abordar em sala de aula os estereótipos que marcam o povo brasileiro e desdobrar a discussão para os conceitos de identidade, nação e nacionalismo.

Fonte: Material de divulgação do filme.

## Complexo de Vira-latas

Direção: Leandro Caproni

---

Documentário, Brasil, 2014, 24 min.

O termo Complexo de Vira-Latas denomina um sentimento característico de determinadas classes da sociedade brasileira. Esse sentimento, marcado por derrotismo, pessimismo e má informação, está muito ligado à negação do que somos como brasileiros. O documentário *O Complexo de Vira-Latas* explica esse sentimento, discute o tema e faz um breve panorama social e político da realidade brasileira.



INTOLERÂNCIA  
E VIOLÊNCIA

O documentário provoca a reflexão sobre o conceito de intolerância e nos leva a pensar sobre os valores e atitudes da vida, como respeito, empatia, limites, tolerância.

Fonte: Material de divulgação do filme.

## Intolerâncias da Fé

Direção: Alexandre B. Borges, Fernando de Sousa e Taís Capelini

Documentário, Brasil, 2016, 16 min.

A partir do depoimento de pesquisadores, lideranças religiosas e praticantes de religiões afro brasileiras, *Intolerâncias da Fé* pretende retratar os conflitos religiosos ocorridos no espaço público e problematizar o tratamento conferido a estes conflitos pela sociedade e por instituições como a escola e a polícia.



DESIGUALDADE  
E CONSUMO

Humanidade e humanização é o eixo de discussão explorado no filme. Na sala de aula, podemos conversar sobre cadeia de produção e consumo dos alimentos e a questão da desigualdade.

Fonte: Material de divulgação do filme.

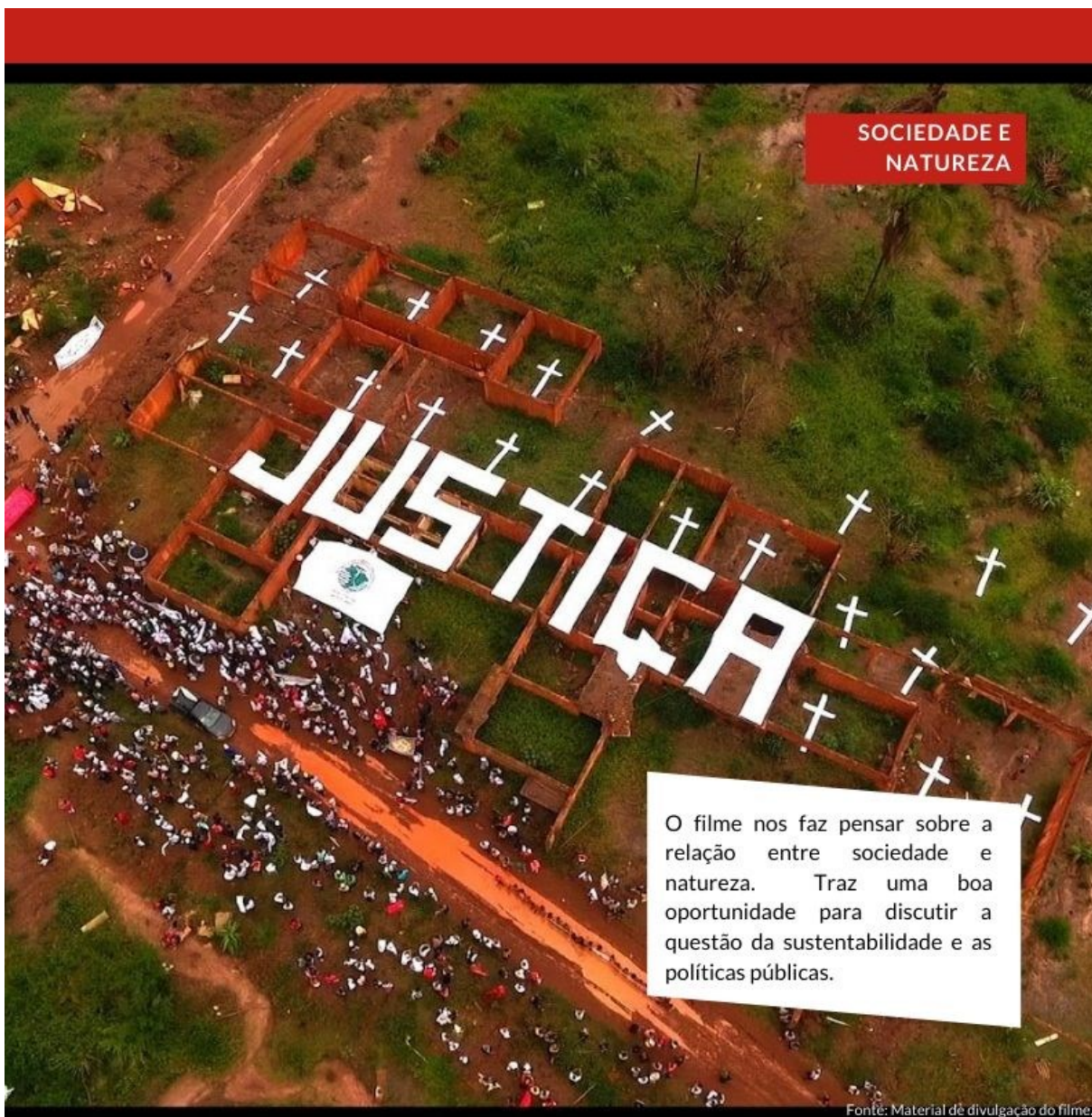
## Ilha das Flores

Direção: Jorge Furtado

---

Documentário, Brasil, 1989, 15 min.

Um ácido e divertido retrato da mecânica da sociedade de consumo. Acompanhando a trajetória de um simples tomate, desde a plantação até ser jogado fora, o curta escancara o processo de geração de riqueza e as desigualdades que surgem no meio do caminho.



## Minas D'Água

Direção: Danilo Siqueira

---

Documentário, Brasil, 2015, 23 min.

O documentário mostra os impactos gerados pela mineração nas comunidades numa região de Minas Gerais/Brasil conhecida como quadrilátero ferrífero-aquífero, onde já existem 45 minas de ferro a céu aberto, e onde a água está armazenada precisamente nas camadas de minério de ferro. O filme traz uma grande reflexão sobre o tema e lança uma pergunta: O que é mais importante o minério ou a água?

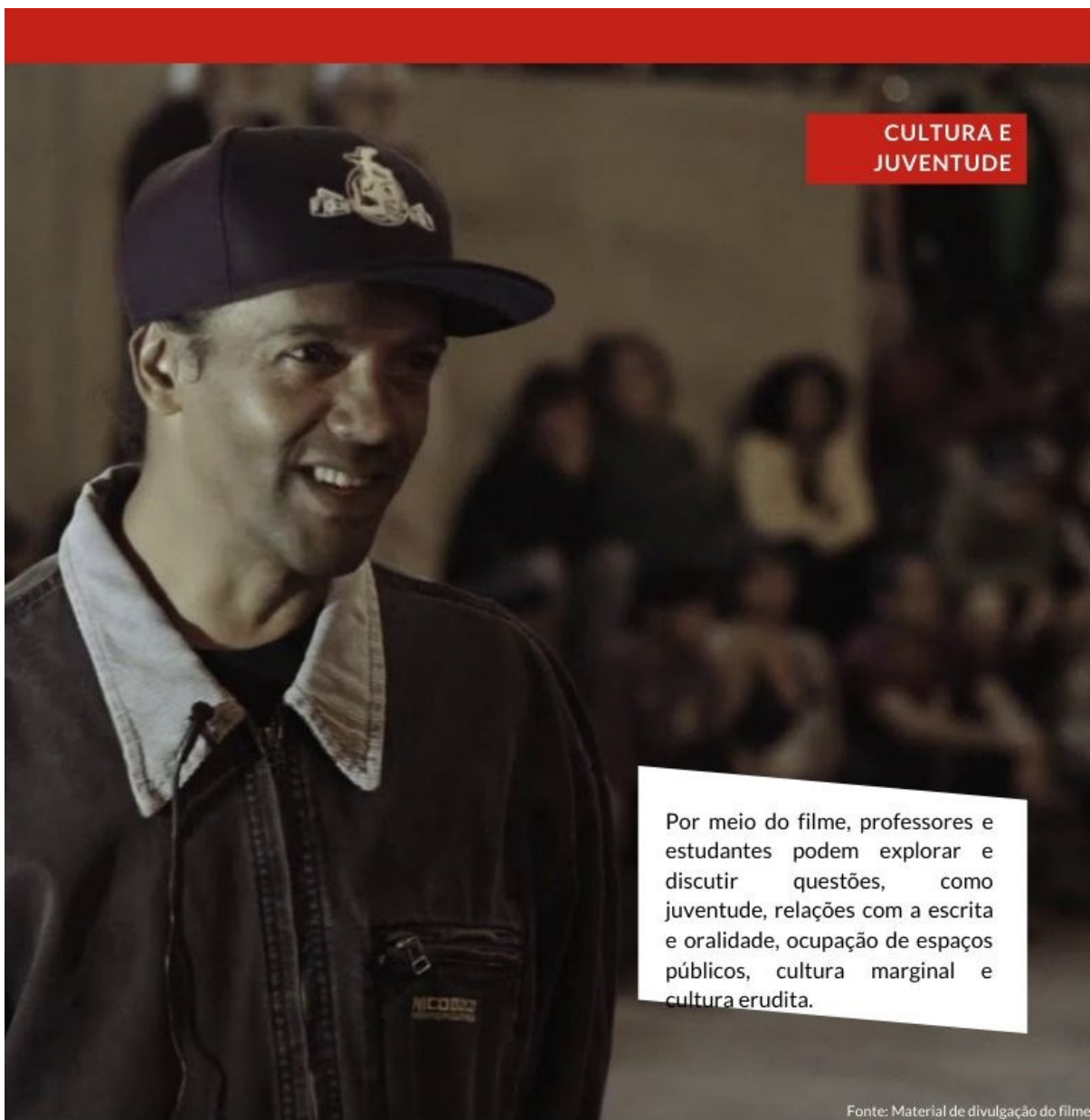


## Guerra Sem Fim - Resistência e Luta do Povo Krenak

Direção: Vitor Blotta e Fabrício Bonni.

Documentário, Brasil, 2016, 29 min.

"Guerra Sem Fim" narra a história, resistência e luta contra o extermínio, em especial no período da ditadura militar, do povo indígena Krenak. O filme traz depoimentos de membros da etnia Krenak e de especialistas, colhidos pelo Ministério Público Federal de Minas Gerais e pelo GT sobre Povos Indígenas e Ditadura Militar da 6ª Câmara de Coordenação e Revisão do MPF, que têm proposto ações em defesa dos direitos do povo Krenak.



CULTURA E  
JUVENTUDE

Por meio do filme, professores e estudantes podem explorar e discutir questões, como juventude, relações com a escrita e oralidade, ocupação de espaços públicos, cultura marginal e cultura erudita.

Fonte: Material de divulgação do filme.

## Slam Resistência - Ágora do Agora

Produção: Slam Resistência.

Documentário, Brasil, 2019, 32  
min.

“Ágora do agora” é um filme que apresenta o Slam Resistência, uma competição de poesia falada. Nele, idealizadores, público, participantes e representantes de outros Slams falam sobre o surgimento e a importância do evento, que acontece desde 2014 no centro de São Paulo, na Praça Roosevelt toda primeira segunda do mês às 18h.



SAÚDE PÚBLICA  
E CIDADANIA

O filme nos traz imagens sobre um cotidiano escondido das grandes cidades brasileiras e oferece uma boa oportunidade de reflexão sobre políticas públicas de saúde pública e consumo de drogas.


Fonte: Material de divulgação do filme.

## Noia

Produção: Agência Pública de  
Jornalismo Investigativo.

Documentário, Brasil, 2016, 15 min.

Um mergulho no universo da Cracolândia, em São Paulo a partir do programa "De Braços Abertos". O filme retrata o programa e a região pela visão dos atendidos pelo programa – não há entrevistas com gestores ou especialistas; apenas usuários de crack foram entrevistados.



GÊNEROS E  
SEXUALIDADES

A posição da mulher na sociedade brasileira é o eixo de discussão do filme. Associar filme e dados estatísticos é um caminho pertinente para a sala de aula.

Fonte: Material de divulgação do filme.

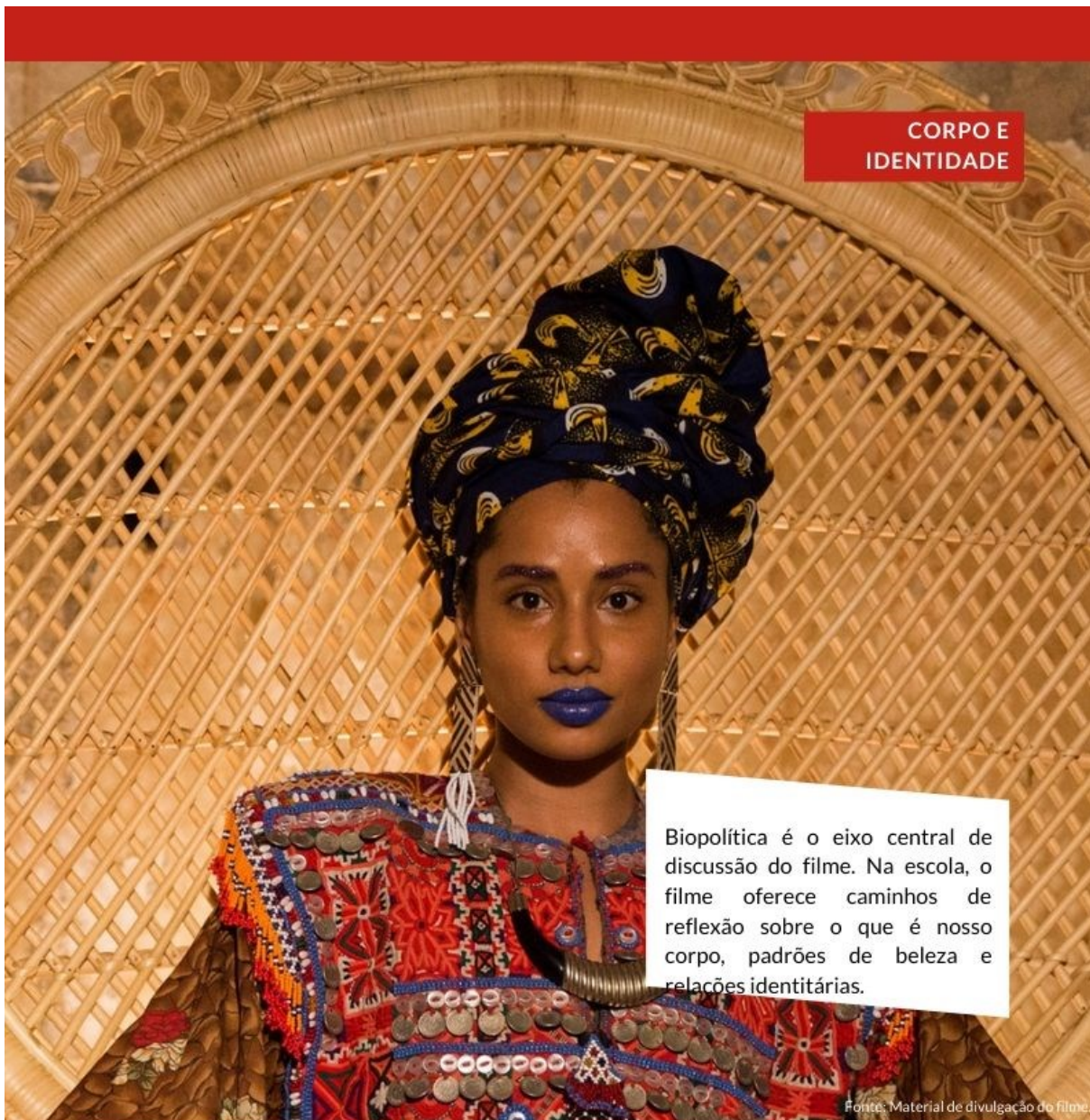
## Sob Constante Ameaça

Produção: Agência Pública de  
Jornalismo Investigativo.

---

Documentário, Brasil, 2018, 26 min.

O medo, as afetividades e a subjetividade na forma de ocupar a cidade sob o olhar de mais de 2500 mulheres, dão a tônica a este documentário sensorial, que caminha com elas por onde se sentem em Constante Ameaça.



CORPO E  
IDENTIDADE

Biopolítica é o eixo central de discussão do filme. Na escola, o filme oferece caminhos de reflexão sobre o que é nosso corpo, padrões de beleza e relações identitárias.

Fonte: Material de divulgação do filme.

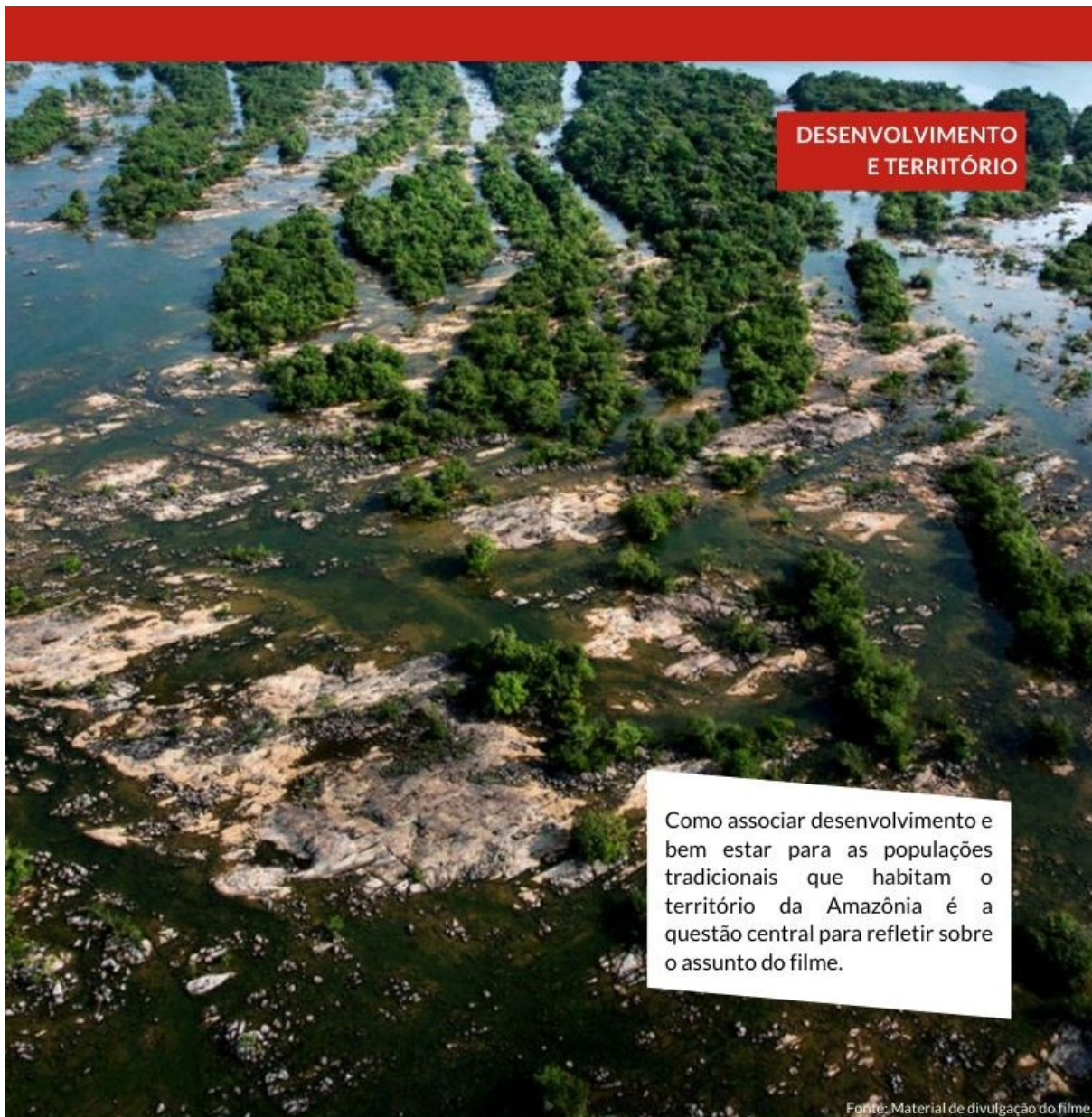
## Kbela

Direção: Yasmin Thayná

---

Documentário, Brasil, 2015, 22 min.

As histórias de transição capilar ou mesmo da resistência e luta de mulheres pelo direito de terem sua beleza natural, sem intervenção da indústria e da opinião da sociedade.



## DESENVOLVIMENTO E TERRITÓRIO

Como associar desenvolvimento e bem estar para as populações tradicionais que habitam o território da Amazônia é a questão central para refletir sobre o assunto do filme.

Fonte: Material de divulgação do filme.

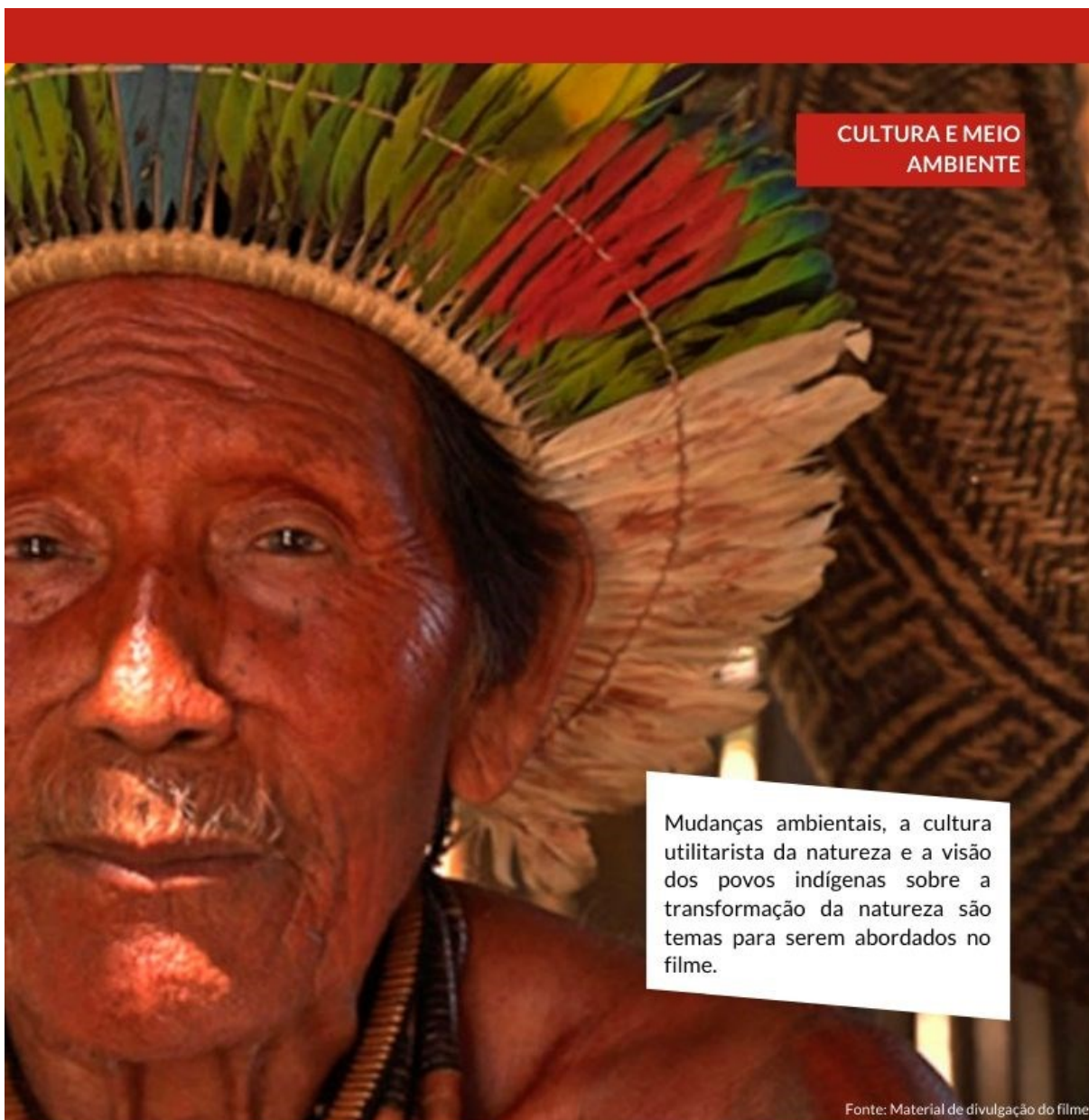
## A Batalha de Belo Monte

Direção: Douglas Lambert, Marcelo Leite e Lalo de Almeida

---

Documentário, Brasil, 2014, 23 min.

No dia 12 de janeiro de 2014, o programa TV Folha levou ao ar o especial "A Batalha de Belo Monte", reportagem de fôlego que explica a maior e mais controversa obra de infra estrutura dos governos Lula e Dilma.



CULTURA E MEIO  
AMBIENTE

Mudanças ambientais, a cultura utilitarista da natureza e a visão dos povos indígenas sobre a transformação da natureza são temas para serem abordados no filme.

Fonte: Material de divulgação do filme.

## Para onde foram as andorinhas?

Produção: Instituto Catitu e Instituto Socioambiental

---

Documentário, Brasil, 2015, 22 min.

O clima está mudando, o calor aumentando. Os índios do Xingu observam os sinais que estão por toda parte. Árvores não florescem mais, o fogo se alastra queimando a floresta, cigarras não cantam mais anunciando a chuva porque o calor cozinhou seus ovos. Os frutos da roça estão se estragando antes de crescer. Ao olhar os efeitos devastadores dessas mudanças, eles se perguntam como será o futuro de seus netos.



## Fruto da Terra

Diretor: Tetê Moraes

---

Documentário, Brasil, 2008, 15 min.

Marcos Tiarajú foi o primeiro bebê nascido na Fazenda Annoni, em 1985. Os pais fizeram parte das 1500 famílias na ocupação realizada pelo MST, início de uma nova etapa na luta pela reforma agrária no Brasil. Hoje, com 22 anos, Marcos é bolsista de medicina, em Cuba. Uma saga de conquista de direitos humanos, através da luta social, uma história de superação de desigualdades e injustiças, de marginalização e miséria.



CONSUMO E  
SOCIEDADE

O que está entre o consumo e o descarte do lixo? Por do filme, temos a oportunidade de refletir sobre o consumo nas grandes cidades brasileiras.

Fonte: Material de divulgação do filme.

## Verde Chorume

Direção: Roberta Bonoldi.

---

Documentário, Brasil, 2015, 12 min.

Um dia que começa com o comércio numa rua popular e termina num aterro não muito longe dali. Vendedores, carroceiros, consumidores e garis são alguns dos agentes da epopeia que acontece entre o consumo e o descarte.



Segurança pública, direito à educação e cidadania plena são alguns dos temas que podem ser explorados com o filme. Um olhar estrangeiro sobre a violência urbana do Rio de Janeiro.

Fonte: Material de divulgação do filme.

## Morri na Maré

Direção: Marie Naudascher e Patrick Vanier.

---

Documentário, Brasil, 2014, 17 min.

"Morri na Maré" é um documentário sobre o impacto da violência sobre as crianças da favela Complexo da Maré, no Rio de Janeiro, contado a partir da visão delas. Foi realizado por dois jornalistas franceses, Marie Naudascher e Patrick Vanier, ambos radicados no Rio.



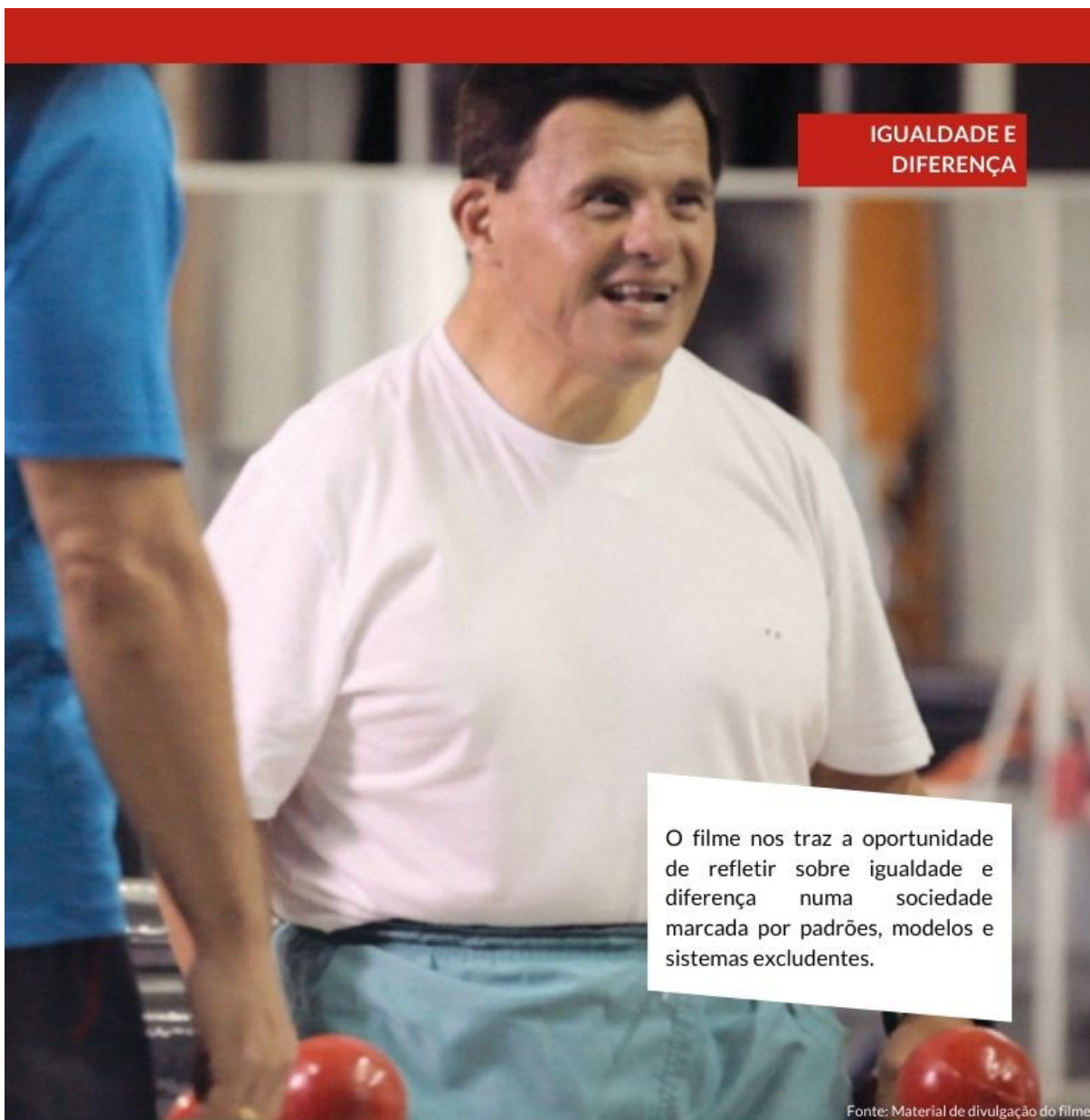
## 100% Boliviano, Mano

Produção: Agência Pública de  
Jornalismo Investigativo.

---

Documentário, Brasil, 2013, 14 min.

Na década de 90, os imigrantes bolivianos começaram a se estabelecer massivamente em São Paulo para fugir da crise econômica de seu país em busca de trabalho. O filme conta a história de Choco, um garoto de 15 anos e suas peripécias na maior cidade do Brasil. Ele vive no Bairro do Bom Retiro desde os 9 anos de idade. O vídeo busca compreender esta segunda geração de bolivianos que vem criando raízes na cidade, além de mostrar todo o preconceito que eles tiveram de enfrentar para isso.



O filme nos traz a oportunidade de refletir sobre igualdade e diferença numa sociedade marcada por padrões, modelos e sistemas excludentes.

Fonte: Material de divulgação do filme.

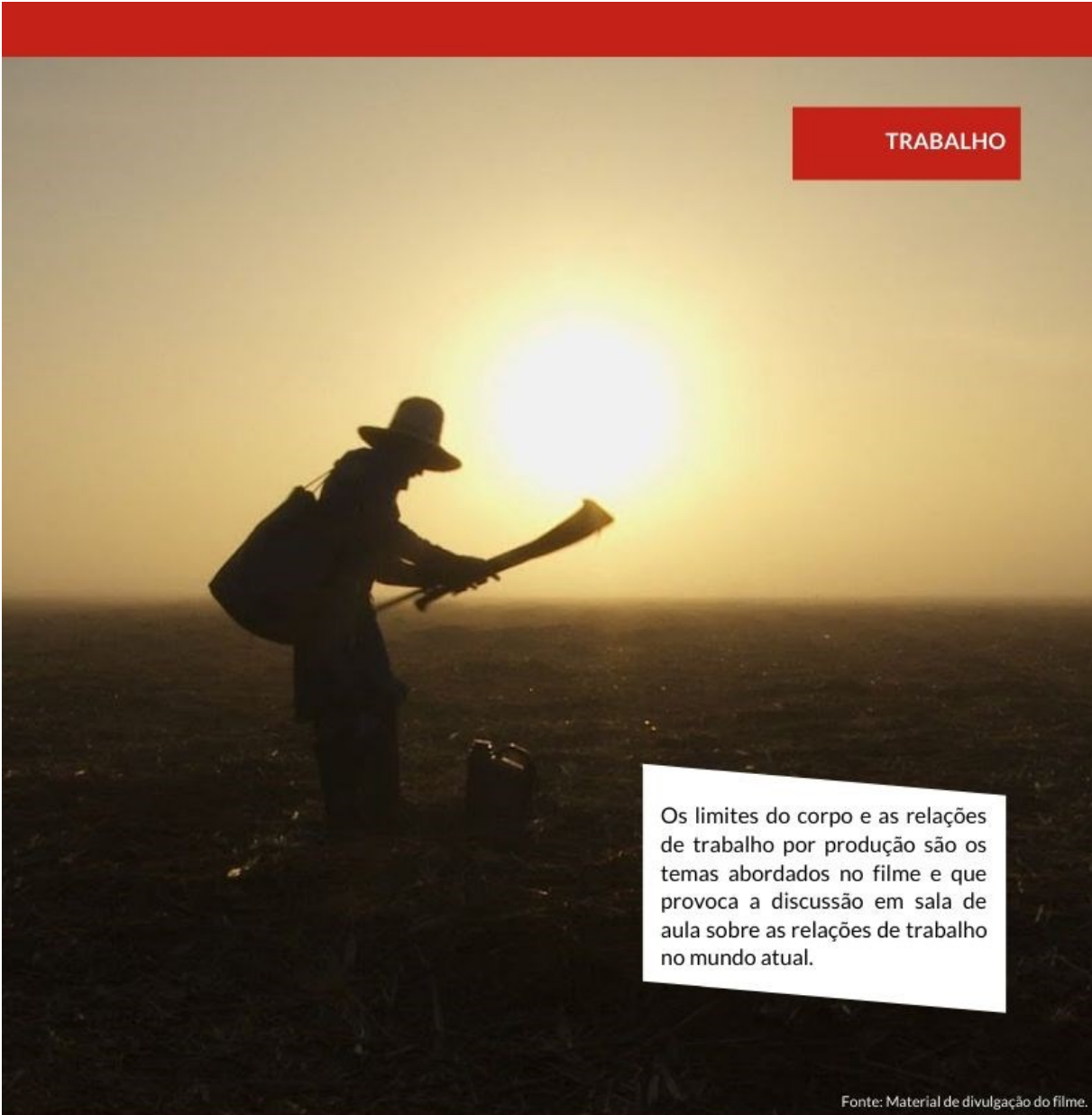
## Outro Olhar: Convivendo com a Diferença

Direção: Renata Sette.

Documentário, Brasil, 2015, 34 min.

Trata-se de um documentário que conta a história de um indivíduo para buscar o universal. O indivíduo, no caso, é Charbel Gabriel, um senhor de 60 anos que ainda trabalha, exercita-se, cuida-se, estuda, interage diariamente com a família e a comunidade e tem síndrome de Down. Não seria pouco para quem tem tudo a seu favor, para Charbel, acaba sendo uma prova de que a síndrome de Down nem o afasta nem o limita no convívio com a sua comunidade, sua família e seus amigos.

TRABALHO

A silhouette of a worker wearing a hat and carrying a large bag on their back, standing in a field at sunset. The worker is holding a long, curved object, possibly a tool or a piece of equipment. The sun is low on the horizon, creating a bright, hazy glow. The field is dark and appears to be a sugarcane field.

Os limites do corpo e as relações de trabalho por produção são os temas abordados no filme e que provoca a discussão em sala de aula sobre as relações de trabalho no mundo atual.

Fonte: Material de divulgação do filme.

## Linha de Corte

Direção: Beto Novaes.

---

Documentário, Brasil, 2013, 28 min.

O documentário Linha de Corte mostra o impacto do sistema de pagamento por produção na saúde do trabalhador rural, expondo a precariedade do trabalho no interior dos canaviais das modernas usinas paulistas, cenário de pouca visibilidade social.

# Para promover o diálogo e a pesquisa por meio de filmes

Em resumo, a nossa proposta didática é o uso do documentário como um detonador pedagógico para o desenvolvimento de uma teia de conhecimentos.

Por meio dele, promovemos o diálogo para conectar ideias, experiências e saberes e adotamos a pesquisa como princípio educativo para investigar as informações oferecidas e desenvolver o letramento midiático.

Sendo assim, o uso do documentário na sala de aula é resultado de uma intencionalidade e de um planejamento pedagógico no qual o educador levantará perguntas e questões para serem desenvolvidas pelos estudantes, tanto com os saberes do educando quanto na busca pelo conhecimento. A colaboração será o caminho percorrido para a reflexão crítica sobre a realidade.



Imagem gratuita oferecida pelo Canva.

## O QUE LEVAR EM CONSIDERAÇÃO NO PLANEJAMENTO?

Uma obra filmica pode ser mobilizadora e ter impacto, especialmente se quem a exhibe dá um passo além de "apenas" projetar algo de qualidade para os estudantes.

### REFLEXÃO

Contextualizar e refletir sobre o tema do filme para levantar hipóteses é um bom início. Fazer boas perguntas é essencial.

### INFORMAÇÃO

Levantar informações e dados sobre o tema pode ser um bom procedimento pré-filme para tornar o olhar mais atento para ele.

### EXIBIÇÃO

Dependendo do público, do tempo e das situações de aula, a exibição do filme pode ser integral, parcial ou segmentado.

### DIÁLOGO

Após a exibição do filme, reflita com os estudantes sobre as hipóteses levantadas sobre as possíveis respostas e sobre outras questões que o filme levantou. Crie condições e organize a conversa para todos participarem.

### ARGUMENTAÇÃO

Através da oralidade e da escrita, provoque a construção de argumentos para serem socializados em outras rodas de conversa. Faça tarefas individualizadas e coletivas.

### AÇÃO

Com base no filme e nos seus desdobramentos, pense, crie e realize alguma ação ou artefato pedagógico. Pode ser uma campanha, um mutirão, um jogo, uma performance, entre outras coisas.

## SEQUÊNCIA DIDÁTICA

### → Contextualização

Peça a leitura do texto "Racismo tem definição?", de Kabengele Munanga e Nilma Lino Gomes, publicado no livro *O negro no Brasil de hoje*. A meta da atividade será oferecer um texto para levantar a questão inicial do projeto "Racismo à brasileira" e explorar a prática da interpretação textual. Solicitar o registro da ideia central de cada parágrafo pode ser uma boa estratégia para facilitar a compreensão do estudante.

### → Informação

Relacione o texto com dados sobre desigualdade raciais e com notícias jornalísticas sobre casos de racismo e injúria racial. Faça um mapeamento detalhado sobre as situações, casos e contextos que envolvem o racismo. A prática deste registro textual é importante como estratégia de organização do estudo e da pesquisa.

### → Exibição

Antes da exibição, explique o que é um argumento de filme e solicite aos estudantes para escreverem qual é o argumento do filme *Entre a Suástica e a Palmatória*. Após a exibição completa do filme, converse com os estudantes sobre algumas cenas dele por meio de perguntas como: qual é o contexto da história contada? É uma história oriunda da oralidade ou da escrita? Quem são os personagens? O que eles dizem? Qual é o símbolo em discussão no início do filme? Que informações o filme desperta na memória dos estudantes? O que eles sabem sobre os assuntos falados no filme? É uma oportunidade para verificar o conhecimento prévio dos estudantes e que se relacionam com a temática do filme e do projeto. Mapeie e registre essas informações. Elas ajudarão na definição dos itinerários possíveis para a realização de uma pesquisa.



# RACISMO À BRASILEIRA

*De Pedro Henrique Gomes*

A proposta de trabalho é voltada para estudantes do ensino médio e visa explorar conteúdos que cruzam a discussão sobre o racismo no Brasil.

Historicamente, o Brasil é um país cultural e estruturalmente racista. Boa parte da sua história foi marcada pela escravidão dos negros africanos e povos originários e pela supremacia branca europeia. Para intensificar o racismo e o preconceito característico, ao longo do século XX, adotou-se a ideia de democracia racial para encampar os ideais de embranquecimento racial, fazer a manutenção do status quo social e provocar ainda mais a opressão racial e social. Diante disso, a adoção do filme *Entre a Suástica e a Palmatória*, de Philippe Noguchi, objetiva trazer questões que podem despertar a autocrítica e verdades inconvenientes nas relações familiares e sociais de um país que precisa enegrecer sua história.

Com base no filme, propomo-nos inicialmente explorar conteúdos sobre a trajetória de construção do racismo na história brasileira e alimentar/provocar reflexões entre os estudantes para o desdobramentos de assuntos correlatos.

## MODELO DE PLANO DE TRABALHO

Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural

### → Diálogo

A meta é criar um momento de conversa entre os estudantes para trocar informações e pensamentos. A partir das perguntas sobre o filme e do argumento criado por eles, em pequenos grupos, discuta qual é a mensagem do filme e como podemos entender a história do racismo no Brasil, com foco na Era Vargas - contexto abordado no filme. Ter uma lista com as orientações para a discussão facilita a compreensão dos estudantes e mobiliza-os para a discussão. Para provocá-la, apresente a pintura *A Redenção de Cam*, de Modesto Brocos, e, em conjunto com os estudantes, analise e relacione-a com o filme. Levante hipóteses. Defina os caminhos das pesquisas com eles.

### → Itinerários

O filme, a pintura, o texto sobre racismo, os dados sobre desigualdades raciais e as notícias sobre casos de racismo nos oferecem diferentes caminhos para a pesquisa dos estudantes. Temas como educação e eugenia na Era Vargas, o Integralismo e a popularidade do nazismo no Brasil dos anos 1930, a tentativa de embranquecimento da população brasileira, o trabalho escravo infantil, o racismo na sociedade brasileira são caminhos que podem ser explorados pelo trabalho docente em parceria com os estudantes. Por meio deles, sugere-se a utilização de procedimentos de pesquisa como leitura de mapas, análise de gráficos, leitura, interpretação e produção de textos (resumos, fichamentos e dissertações), entre outros procedimentos que ajudem a organizar o registro e a análise das informações.

### → Ação

A meta é desenvolver atividades que explorem a capacidade criativa e crítica dos estudantes. Proponha a realização de uma ação coletiva. Pode ser uma campanha contra o racismo na escola por meio de cartazes pelos corredores ou digitalmente nas redes sociais, a criação de um livreto com redações com uma proposta de intervenção. O principal objetivo é socializar o conhecimento construído coletivamente.



### → Argumentação

Fazer exercícios para a construção de argumentos demandam estudo e pesquisa. Assim, listamos aqui dois exercícios que exemplificam tal atitude:

- Nas pesquisas de Aguilar Filho, são estabelecidas relações entre a simbologia nazista presente nas propriedades rurais da família Rocha Miranda e um contexto de simpatia a ideais de racismo e autoritarismo no Brasil das décadas de 1930 e 1940. Com os estudantes, consulte informações em livros, revistas e sites e caracterize o período histórico do governo Vargas. Elabore um resumo com informações sobre o governo de Getúlio Vargas no período entre 1930 e 1945, destacando as fases políticas, os seus parceiros políticos e econômicos e as ações de manutenção de poder. Caso possa, faça uma linha do tempo da Era Vargas com os estudantes.
- No Estado Novo, o Governo de Vargas ficou marcado por um projeto de branqueamento da população brasileira. Para discutir a questão, aprecie com os estudantes a obra *"A Redenção de Cam"*, de Modesto Brocos (1852-1936) e discuta as polêmicas envolvidas na obra sobre questões raciais e populares em fins do século XIX. Solicite pesquisas sobre a obra, seu autor e como ela foi apropriada para justificar a tese de branqueamento por meio da mestiçagem. O produto final pode ser um texto informativo sobre a obra e o assunto em questão.

## Considerações finais

Em nossa pesquisa, o principal desafio foi mapear e avaliar as facilidades e dificuldades encontradas pelos professores e professoras para o uso do documentário na sala de aula. Conseguimos identificar algumas dificuldades e explorar facilidades para a elaboração deste dispositivo pedagógico. Certamente, outras dificuldades surgirão e outras possibilidades de uso aparecerão para tornar o uso do documentário como recursos didático de forma mais eficiente e produtivo em sala de aula.

Reforçamos que não deseja-se encarar tal documento como uma receita ou um guia pedagógico. A maior validade do processo é inspirar professores e professoras para o uso do recursos didático com a sua respectiva marca de trabalho docente.

A pesquisa e a escrita da dissertação nos despertou diferentes reflexões e abriu novos caminhos para a reflexão sobre o cinema na escola. Transformar o cinema e a linguagem cinematográfica como metodologia de ensino na escola é um horizonte com grandes possibilidades para a renovação do trabalho docente e da dinâmica educativa. Utilizar a narrativa e a linguagem do documentário apresenta grande potencial para uma dinâmica escolar marcada pela pesquisa como princípio educativo e para o trabalho coletivo entre os educandos.

Por fim, desejamos que o dispositivo pedagógico possa contribuir para o trabalho docente e que seja transformado por todo e qualquer educador movido pela curiosidade criativa.

## Referências

- BEVORT, Evelyne e BELLONI, Maria Luiza. Mídia-educação: conceitos, história e perspectivas. Educ. Soc. [online]. 2009, vol.30, n.109, pp.1081-1102. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302009000400008>.
- BEHRENS, M. Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente. IN: BEHRENS, M; MORAN, J. M; MASETTO, M. Novas tecnologias e mediação pedagógica. Campinas: Papirus, 2000.
- BEHRENS, Marilda Aparecida. O Paradigma Emergente e a Prática Pedagógica. Petrópolis: Vozes, 2005.
- CASTANHO, Maria Eugênia L. M.. Da discussão e do debate nasce a rebeldia. In: VEIGA, Ilma Castro Alencastro. Técnicas de ensino: por que não? 2ª ed. Campinas: Papirus, 1993, pp. 93-106.
- CUNHA, M. I. Ensino pela pesquisa: a prática do professor universitário. In: Cadernos de Pesquisa, número 97. São Paulo, maio de 1996.
- DEMO, Pedro. Educar pela pesquisa. Campinas: Autores Associados, 1997.
- FAZENDA, Ivanir. O que é interdisciplinaridade. São Paulo: Editora Cortez, 2008.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- GADOTTI, M. Perspectivas atuais da educação. Porto Alegre, Ed. Artes Médicas, 2000.
- GIROUX, Henry. Os professores como intelectuais transformadores: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- LEVY, Pierre. Cibercultura. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.
- NAPOLITANO, Marcos. Como Usar o Cinema na Sala de Aula. São Paulo: Editora Contexto, 2009.
- PENAFRIA, Manuela, O filme documentário. História, Identidade, Tecnologia. Edições Cosmos, Lisboa, 2001.
- SETTON, M. G. Mídia e educação. São Paulo: Contexto, 2010.

